

# Boletim de **Conjuntura da Bahia**

4º TRIMESTRE DE 2024

# Boletim de **Conjuntura da Bahia**

4º TRIMESTRE DE 2024



GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

**Jerônimo Rodrigues Souza**

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO

**Cláudio Ramos Peixoto**

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS  
DA BAHIA – SEI

**José Acácio Ferreira**

DIRETORIA DE INDICADORES E ESTATÍSTICA (DISTAT)

**Armando Affonso de Castro Neto**

DIRETORIA DE PESQUISAS (DIPEQ)

**Rodrigo Barbosa de Cerqueira**

COORDENAÇÃO DE ACOMPANHAMENTO CONJUNTURAL  
(CAC) (COORDENAÇÃO GERAL)

**Arthur Souza Cruz Júnior**

COORDENAÇÃO DE PESQUISAS SOCIAIS (COPES)

**Lucigleide Nery Nascimento**

COORDENAÇÃO DE CONTAS REGIONAIS E FINANÇAS  
PÚBLICAS (COREF)

**João Paulo Caetano Santos**

ELABORAÇÃO TÉCNICA

**Luiz Mário Ribeiro Vieira (Cenário  
Internacional, Nacional e Estadual)**

**Carla Janira Souza do Nascimento  
(Agropecuária e Produção Industrial)**

**Elissandra Alves de Brito (Comércio Varejista)**

**Rosângela Conceição (Serviços e Turismo)**

**Arthur Souza Cruz Juniores Pedro Henrique  
Ferreira Matos (Comércio Exterior)**

**Eduardo Augusto Santos Brito, Gabriel Oliveira  
Barbosa e Marília Jane Campos (Finanças  
Públicas)**

**João Paulo Caetano Santos, Denis Veloso e  
Carol Vieira (Produto Interno Bruto)**

**Luiz Fernando Araújo Lobo (Mercado de  
Trabalho)**

COORDENAÇÃO EDITORIAL

**Zélia Maria Abreu Góis**

NORMALIZAÇÃO

**Eliana Marta Gomes Silva Sousa**

COORDENAÇÃO DE DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÕES  
(SEI)

**Marília Reis**

EDITORIA-GERAL (SEI)

**Elisabete Cristina Teixeira Barretto**

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO EDITORIAL (SEI)

EDITORIA DE ARTE E DE ESTILO

**Ludmila Nagamatsu**

DESIGN GRÁFICO (SEI)

**Vinícius Luz Assunção**

REVISÃO ORTOGRÁFICA

**Laura Dantas**

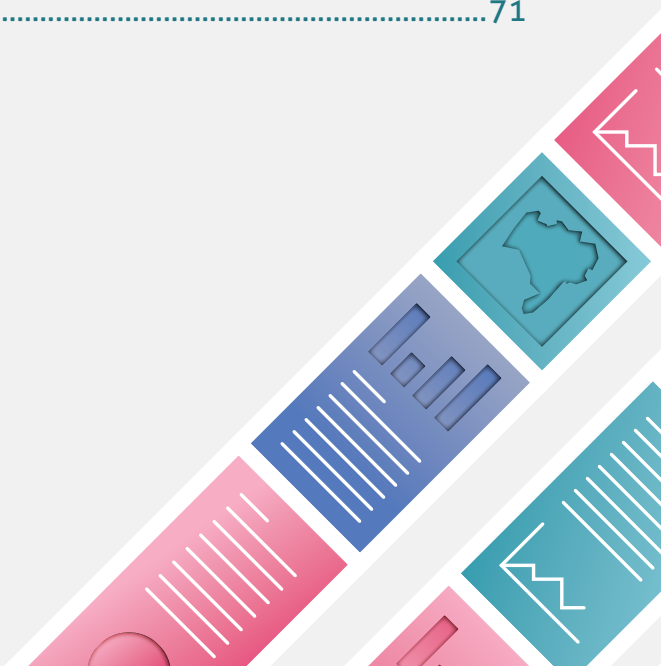
EDITORAÇÃO

**Nando Cordeiro**

# SUMÁRIO



|                                                                                                         |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Panorama internacional, nacional e estadual .....                                                       | 5  |
| Cenário internacional .....                                                                             | 5  |
| Cenário nacional .....                                                                                  | 8  |
| Cenário estadual .....                                                                                  | 15 |
| Agropecuária .....                                                                                      | 19 |
| Outras lavouras permanentes e temporárias .....                                                         | 21 |
| Pecuária .....                                                                                          | 22 |
| Produção industrial .....                                                                               | 23 |
| Comércio varejista 4º trimestre – 2024 .....                                                            | 28 |
| Serviços .....                                                                                          | 33 |
| Turismo .....                                                                                           | 37 |
| Comércio exterior .....                                                                                 | 41 |
| Importação .....                                                                                        | 51 |
| Finanças públicas .....                                                                                 | 54 |
| Cenário mundial – incertezas na política fiscal .....                                                   | 54 |
| Brasil – metas cumpridas, persistência de desafios e descompasso entre expectativas e fundamentos ..... | 55 |
| Bahia – resultado atingido, apesar da queda de desempenho .....                                         | 60 |
| Salvador – mudança gradual de perfil .....                                                              | 63 |
| Produto Interno Bruto (PIB) .....                                                                       | 66 |
| PIB baiano fecha o ano de 2024 com alta de 2,8% .....                                                   | 66 |
| PIB em valor corrente .....                                                                             | 66 |
| Quarto trimestre 2024/ quarto trimestre 2023 .....                                                      | 67 |
| Acumulado em 2024 (janeiro a dezembro) .....                                                            | 69 |
| Mercado de trabalho .....                                                                               | 71 |



## Panorama internacional, nacional e estadual

Luiz Mário Ribeiro Vieira  
*lmario@sei.ba.gov.br*

### Cenário internacional

Em 2024, a economia global manteve-se com crescimento dentro do esperado, embora algumas economias oscilassem ao longo do ano. O aumento do Produto Interno Bruto (PIB) global no quarto trimestre de 2024 é um exemplo, com dados frágeis em algumas economias asiáticas e europeias.

A inflação, que havia sido uma preocupação crescente nos anos anteriores, com a política monetária restritiva começando a apresentar resultados positivos, levou os bancos centrais dos Estados Unidos, da China, da Europa e de alguns países emergentes a iniciarem os processos de flexibilização monetária. Nesses, o viés de cortes de juros predominou, com efeitos sobre as taxas do PIB do quarto trimestre.

Estados Unidos e China apresentaram os melhores resultados do PIB no último trimestre de 2024. A Zona do Euro voltou a crescer a taxas modestas, e o Japão cresceu acima do esperado. A seguir destacam-se os fatores que contribuíram para o desempenho do PIB desses países ou regiões, levando em consideração aspectos conjunturais que impactaram as referidas taxas nos Estados Unidos, China, Zona do Euro e Japão, além de previsões para 2025 e 2026.

O PIB dos Estados Unidos cresceu 2,3% no quarto trimestre de 2024, segundo dados divulgados pelo Escritório de Análise Econômica (BEA, na sigla em inglês), do Departamento de Comércio dos EUA. A economia americana manteve-se firme apesar do contexto de juros ainda elevados, apoiada por um forte mercado de trabalho, com baixo índice de desemprego e salários crescentes, o que permitiu que os consumidores continuassem demandando bens e serviços. Nesse país, o consumo das famílias representa cerca de 70% da economia. Além disso, as importações diminuíram, contribuindo positivamente para a expansão do PIB americano.

No acumulado do ano, o PIB avançou 2,8%, 0,1 ponto percentual abaixo do resultado de 2023. O resultado anual de 2024 mostrou crescimento nos gastos dos consumidores, investimentos, gastos governamentais e exportações.

A inflação anual dos Estados Unidos atingiu 2,9% em dezembro de 2024. O Federal Reserve (Fed), banco central norte-americano, manteve a taxa básica de juros no intervalo de 4,25% a 4,50% ao ano. Esse patamar é o mais baixo desde dezembro de 2022. O Fed indicou que continuará monitorando dados econômicos e do mercado de trabalho antes de retomar possíveis reduções nos juros. Os economistas esperam, em geral, que a economia norte-americana continue expandindo-se em 2025, sendo que o único fator imprevisível é o efeito

econômico das políticas do presidente Donald Trump, que incluem deportações em massa, tarifas rígidas e a permanência dos cortes de impostos de 2017.

No quarto trimestre de 2024, em relação ao mesmo período do ano anterior, a economia chinesa expandiu 5,4%. Analistas previam que o PIB desse quarto trimestre cresceria 5,0% em relação ao ano anterior, acelerando em relação ao ritmo de 4,6% do terceiro trimestre. À medida que um pacote de medidas de suporte começou a entrar em ação, os efeitos de estímulo econômico implementado desde setembro começaram a se concretizar, de acordo com um relatório da Universidade de Pequim. A demanda do consumidor aumentou no último trimestre, com destaque para a elevação nas compras de bens de alto valor, especialmente eletrodomésticos. O crescimento desse último trimestre caracterizou-se como o mais rápido desde o segundo trimestre de 2023.

Em 2024, a economia da China cresceu 5,0%, segundo dados da Secretaria Nacional de Estatísticas chinesa. Com esse resultado, o governo chinês atingiu a meta de crescimento anual. Setorialmente, a Agricultura cresceu 3,5%, já a Indústria avançou 5,3%, e o setor de Serviços apresentou crescimento de 5,0%.

Os formuladores de políticas econômicas da China revelaram uma série de medidas de estímulo desde setembro do ano passado para retomar o crescimento. Prometeram fazer mais em 2025, já que o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, propôs tarifas pesadas sobre produtos chineses, impactando essas exportações para os EUA. Isso aumentou os desequilíbrios entre produção doméstica firme e demanda fraca, gerando riscos deflacionários.

Os possíveis aumentos de tarifas pelos EUA são o maior obstáculo para o crescimento da China em 2025 e podem afetar as exportações, o investimento das empresas e o consumo das famílias, segundo o banco UBS. O banco também prevê que a atividade imobiliária continuará recuando nesse ano, embora com um impacto menor sobre o crescimento.

O PIB da Zona do Euro registrou crescimento de 0,1% no quarto trimestre de 2024 ante os três meses anteriores, segundo dados preliminares divulgados pela Eurostat, agência de estatísticas da União Europeia (UE). O resultado foi o esperado pelos analistas para o bloco de 20 nações. A economia da Alemanha recuou 0,2%, enquanto a da França caiu 0,1% no mesmo período de comparação. No quarto trimestre, o PIB do bloco teve expansão de 0,9%, abaixo do consenso dos economistas, que previam taxa de 1,0%. Em todo o ano de 2024, a economia da Zona do Euro mostrou crescimento de 0,7% ante 2023, de acordo com a Eurostat.

O crescimento da Zona do Euro tem sido frágil nos últimos dois anos, uma vez que a indústria está em profunda recessão devido aos altos custos de energia. Além disso, os governos têm pouco dinheiro para gastar, e as famílias veem economizando mais, prejudicando o consumo.

A Zona do Euro enfrenta dificuldades para encontrar motores de crescimento, em meio à fraqueza do setor industrial da Alemanha e às ameaças de medidas comerciais punitivas por parte do presidente dos EUA, Donald Trump.

Além disso, outro fator negativo é a dificuldade do mercado de trabalho do bloco. O desemprego subiu para 6,3% em dezembro de 2024, em comparação com 6,2% no mês anterior, segundo dados separados da Eurostat. Diante da fraqueza econômica, o Banco Central Europeu (BCE) cortou a taxa de juro básica em 0,25 ponto percentual, para 2,75%, e sugeriu que mais cortes podem vir ao longo de 2025.

A economia do Japão cresceu mais rápido do que o esperado no quarto trimestre de 2024 devido à melhora nos gastos das empresas e a um aumento surpreendente no consumo, reforçando a justificativa do banco central para mais aumentos na taxa de juros.

O PIB cresceu 2,8% em termos anualizados no último trimestre de 2024, segundo dados preliminares, superando a expectativa de um ganho de 1,0% em pesquisa da Reuters. Em relação ao mesmo período do ano anterior, cresceu 2,8%. Os dados confirmaram que a economia japonesa continua em crescimento moderado. Ainda assim, há alguns fatores preocupantes sobre as perspectivas, incluindo consumo interno fraco e incertezas sobre a política tarifária dos Estados Unidos na gestão do presidente Donald Trump.

Os dados do PIB das principais economias, referentes ao quarto trimestre de 2024, apresentaram resultados mistos, com destaque para as duas maiores economias, Estados Unidos e China. Com isso, os dados do relatório Panorama Econômico Global (WEO, na sigla em inglês) do Fundo Monetário Internacional (FMI), divulgados em janeiro de 2025, mantiveram a previsão para o desempenho da economia global em 3,2% para 2024. E 3,3% para 2025 e 2026, abaixo da média histórica (2000–2019) de 3,7%%.

O FMI prevê para as economias avançadas expansão de 1,9% em 2025 e 1,8% em 2026. Para os mercados emergentes e economias em desenvolvimento, a taxa de crescimento do PIB ficou em 4,2% para 2025 e 4,3% para o próximo ano. Na Zona do Euro, espera-se que o crescimento acelere, mas em um ritmo mais gradual do que o previsto em outubro, com as tensões geopolíticas continuando a afetar as políticas de recuperação econômica.

Para as principais economias, como os Estados Unidos, espera-se expansão de 2,7% em 2025 e 2,1% para 2026; para a Zona do Euro, apenas 1,0% em 2025, avançando para 1,4% em 2026. Para a China, as previsões caíram em relação a outubro, indo para 4,6% em 2025 e 4,5% em 2026. O Japão pode apresentar taxas bem modestas, de 1,1% e 0,8% para 2025 e 2026, respectivamente. Para a Índia foram mantidas as previsões em 6,5% para 2025 e 2026.

Espera-se que o progresso na desinflação continue. Os desvios das previsões do WEO de outubro de 2024 são mínimos. Espera-se que o resfriamento gradual dos mercados de trabalho mantenha as pressões de demanda sob controle. Combinado com o declínio esperado nos preços de energia, a inflação geral deve continuar sua descida em direção às metas. Portanto, a inflação deve ficar próxima, mas acima, da meta de 2,0% em 2025 nos Estados Unidos, enquanto a dinâmica inflacionária deve ser mais moderada na Zona do Euro. A inflação baixa deve persistir na China.

Para o FMI, o crescimento poderia sofrer tanto no curto quanto no médio prazo, mas em graus variados entre as economias. Isso pode ocorrer se houver uma intensificação de políticas protecionistas, por exemplo, na forma de uma nova onda de tarifas. Essas medidas podem exacerbar as tensões comerciais, diminuir os investimentos, reduzir a eficiência do mercado, distorcer fluxos comerciais e novamente interromper cadeias de suprimentos.

Diante desse cenário, o FMI recomenda ações políticas decisivas para aumentar o dinamismo econômico, impulsionar a oferta e combater os riscos crescentes às já sombrias perspectivas de crescimento no médio prazo. Reformas direcionadas em mercados de trabalho, competição, assistência médica, educação e digitalização podem reavivar o crescimento da produtividade e atrair capital. A comunicação ativa, voltada para construir consenso e manter engajamento contínuo com as principais partes interessadas, pode ajudar os formuladores de políticas a projetar e implementar efetivamente medidas que considerem o impacto distribucional das ações de política econômica e social.

Em resumo, o cenário global de 2025 apresenta três desafios principais: 1) os EUA continuam crescendo, mas com risco de inflação e juros altos diante da política protecionista do governo Trump; 2) a China precisa de mais estímulos para evitar uma desaceleração maior, e 3) a Europa segue frágil, sem muitas soluções para sua estagnação. Isso mantém o Dólar forte, os juros americanos elevados por mais tempo e aumenta a volatilidade cambial, afetando especialmente os mercados emergentes.

### **Cenário nacional**

os indicadores de atividade econômica brasileira apresentaram uma leve desaceleração no quarto trimestre de 2024, diante da elevação da inflação, da taxa de juros e da depreciação cambial, embora a economia continuasse gerando emprego, com a taxa de desocupação registrado o menor nível da série histórica. O consumo privado e os investimentos foram os dois componentes da demanda que contribuíram para os bons resultados impulsionados pela elevação do nível de emprego e das transferências governamentais.

Em dezembro, os resultados da produção industrial, do comércio varejista e dos serviços, quando comparados aos de novembro, mostraram relativa estabilidade, com taxas de -0,3%, -0,1% e -0,5%, respectivamente. Já em relação a dezembro de 2023, as taxas foram positivas.

No último mês de 2024, por exemplo, a Indústria registrou o quarto aumento consecutivo em relação ao ano anterior. No mesmo sentido, o comércio varejista manteve seu processo de expansão iniciado em 2023, alcançando a 16ª taxa positiva seguida. Por sua vez, o setor de Serviços, o primeiro a se recuperar da pandemia de covid-19, também cresceu, registrando o sexto resultado positivo consecutivo no ano.

Em dezembro, dados do mercado de trabalho confirmam a desaceleração da atividade econômica, com demissões muito acima de admissões, mesmo considerando os fatores sazonais. O saldo negativo foi de 535.547 postos de trabalho, o maior dos últimos quatro anos.

As pesquisas mensais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para os principais setores da economia já sinalizam uma lenta desaceleração da atividade econômica brasileira no quarto trimestre de 2024, principalmente da produção industrial.

A variação negativa de 0,3% em dezembro ante novembro, na série com ajuste sazonal, marcou o terceiro mês consecutivo de queda na produção industrial, eliminando o ganho de 1,0% acumulado nos meses de setembro e agosto de 2024. O comércio varejista registrou dois resultados de estabilidade, em dezembro e novembro, com variações negativas de 0,1% e 0,2%, respectivamente. Embora com duas quedas consecutivas, o comércio varejista restrito partiu de um índice recorde atingido no mês de outubro.

O volume de serviços no Brasil também apresentou queda de 0,5% ante novembro, na série com ajuste sazonal. É o segundo resultado negativo consecutivo, acumulando uma perda de 1,9% nos dois últimos meses do ano. Esses resultados podem apontar para uma desaceleração suave da economia devido às restrições internas e externas.

A produção industrial do país avançou 3,1% no acumulado do quarto trimestre de 2024 na comparação com igual período do ano anterior, mas reduziu o ritmo de crescimento ante o resultado do terceiro trimestre de 2024 (3,9%). Contribuiu para essa redução o menor dinamismo verificado em duas das quatro categorias econômicas, com destaque para *bens de consumo semi e não duráveis* (de 2,7% para -0,1%) e para o segmento de *bens intermediários* (de 3,0% para 2,8%). No indicador acumulado no ano, o setor da Indústria registrou variação positiva de 3,1% em 2024, com resultados positivos nas quatro grandes categorias econômicas, 20 dos 25 ramos, 60 dos 80 grupos e 63,1% dos 789 produtos pesquisados. Em 2023, a produção industrial havia encerrado com estabilidade de 0,2%.

Mesmo com um retrato de 2024 mostrando um resultado positivo mais elevado do que o verificado em anos anteriores, os três últimos meses do ano foram marcados pela redução de ritmo, com uma perda acumulada de 1,2% nesse período (Indústria Nacional...2025).

[...]

Essa perda de dinamismo da indústria guarda uma relação com a redução nos níveis de confiança das famílias e dos empresários, explicada, em grande parte, pelo aperto na política monetária, com o aumento das taxas de juros a partir de setembro de 2024, a depreciação cambial, impactando os custos, e a alta da inflação, especialmente de alimentos (Macedo *apud* Indústria Nacional...2025)<sup>1</sup>.

O comércio varejista apresentou resultados negativos nos meses de novembro e dezembro de 2024 com ajuste sazonal acompanhando a queda da indústria geral. Comparado a dezembro de 2023, o comércio varejista apresentou crescimento de 2,0%.

No quarto trimestre em relação ao terceiro, o comércio varejista restrito registrou um leve crescimento de 0,6%, enquanto o varejo ampliado – que inclui veículos, motos, partes e peças, material de construção e atacado de produtos alimentícios, bebidas e fumo – caiu 0,4%.

Em relação ao mesmo trimestre de 2023, o comércio varejista apresentou expansão, com alta de 4,5%. O varejo ampliado cresceu 3,7%. No acumulado do ano, encerrou no campo positivo, com alta de 4,7% no varejo restrito, fechando o oitavo ano consecutivo com crescimento e maior taxa desde 2012. No varejo ampliado, o resultado também foi favorável, com acréscimo de 4,1%. Os destaques setoriais foram: *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria* (14,2%), *Veículos e motos, partes e peças* (11,7%), e *Outros artigos de uso pessoal e doméstico* (7,1%). Esses dados são da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), divulgada pelo IBGE.

Um aspecto importante sobre o varejo restrito na perspectiva anual é de que, na margem, viemos de dois meses de estabilidade (novembro e dezembro). No entanto, vale lembrar que essa estabilidade sustenta um patamar recorde que foi atingido em outubro de 2024, ou seja, é uma estabilidade na alta (Santos *apud* Vendas no comércio..., 2025)<sup>2</sup>.

1 Para mais informações, ver a respeito Indústria nacional. Indústria nacional assinala variação de -0,3% em dezembro e fecha 2024 com crescimento de 3,1%. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/42575-industria-nacional-assinala-variacao-de-0-3-em-dezembro-e-fecha-2024-com-crescimento-de-3-1>

2 Maiores informações ver a respeito Pesquisa Mensal de Comércio. Vendas no comércio variam -0,1% em dezembro e fecham 2024 em 4,7%, maior alta desde 2012. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/42687-vendas-no-comercio-variaram-0-1-em-dezembro-e-fecham-2024-em-4-7-maior-alta-desde-2012>

Em dezembro de 2024, o volume de serviços no Brasil apresentou queda de 0,5% ante novembro, na série com ajuste sazonal. Esse foi o segundo resultado negativo consecutivo. Na comparação com dezembro de 2023, o volume de serviços apresentou alta de 2,4%, nono resultado positivo consecutivo. Assim, o setor de Serviços encontra-se 15,6% acima do nível de fevereiro de 2020 (período pré-pandemia).

No quarto trimestre ante o terceiro trimestre com ajuste sazonal, o volume de serviços no Brasil apresentou leve expansão de 0,8%, em relação a igual período de 2023 (3,7%). No acumulado dos últimos 12 meses, o setor mostrou expansão de 3,1%, com quatro das cinco atividades apresentando taxas positivas. Entre os segmentos, as contribuições positivas mais importantes vieram dos ramos de *Informação e comunicação* (6,2%) e *Serviços profissionais, administrativos e complementares* (6,2%). Os demais avanços foram observados em *Serviços prestados às famílias* (4,4%) e *Outros serviços* (1,1%).

O Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), relativo ao mês de dezembro, apontou que a safra agrícola brasileira de 2024 foi afetada pelas condições climáticas pouco favoráveis, sobretudo, a forte intensidade do fenômeno El Niño, impactando negativamente os resultados da produção agrícola, que totalizou 292,7 milhões de toneladas, 7,2% a menos que a obtida em 2023 (315,4 milhões de toneladas). Ou seja, um declínio de 22,7 milhões de toneladas. A área a ser colhida foi de 79,0 milhões de hectares, apresentando crescimento de 1,6% em relação a 2023, com aumento de 1,6 milhão de hectares.

Houve um atraso no plantio da soja por problemas climáticos, principalmente nas regiões Centro-Oeste e Sul. Houve um excesso de chuvas no Sul do país, como as enchentes no Rio Grande do Sul, que destruíram algumas lavouras de arroz, soja e milho 1ª safra. Isso sem contar as altas temperaturas e poucas chuvas na 2ª safra, afetando o milho e o trigo (Guedes *apud* Com alta ..., 2025)<sup>3</sup>.

A desaceleração dos setores, diante de uma conjuntura desafiadora, com taxas de juros elevadas, câmbio depreciado e alta da inflação, não impediu a geração de empregos, embora em um ritmo mais lento.

Conforme dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho e Emprego, os números do setor privado com carteira assinada no quarto trimestre apresentaram um saldo negativo de 306.711 empregos, devido ao efeito sazonal do mês

3 Para mais informações ver a respeito Produção agrícola. Com alta de 10,2%, safra de 2025 deve chegar a 322,6 milhões de toneladas. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/42440-com-alta-de-10-2-safra-de-2025-deve-chegar-a-322-6-milhoes-de-toneladas>

de dezembro, um valor muito superior ao ano anterior quando foram registrados 143.564 postos de trabalho. Esse resultado evidencia os efeitos da redução da atividade econômica.

Embora com queda no quarto trimestre de 2024, o Brasil criou 1,7 milhão postos de trabalho com carteira assinada ao longo do ano, aumento de 16,5% em comparação com 2023. O resultado considera 25,6 milhões de admissões e 23,9 milhões de demissões no período.

O setor de Serviços foi o que mais contratou ao longo do ano, com 902 mil empregos formais criados. O Comércio foi o segundo grupo com maior crescimento de vagas. Foram criados 336,1 mil postos. De acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego, o dado é justificado pela aceleração do setor no primeiro semestre.

O Ministério do Trabalho também informou que o salário médio de admissão foi de R\$ 2.162,22, crescimento de R\$ 33,41 ou 1,57% a mais que no último mês do ano anterior. Em 2024, o trabalhador foi contratado ganhando, em média, R\$ 2.177,96, um aumento de R\$ 55,02 (2,59%) em comparação com 2023 (R\$ 2.122,94).

Essa geração de empregos formais refletiu-se na taxa de desocupação, que encerrou o quarto trimestre de 2024 em 6,2%, significando estabilidade em relação ao trimestre de julho a setembro (6,4%). A taxa anual de desocupação foi de 6,6% em 2024, menor índice da série histórica iniciada em 2012. O resultado representou um recuo de 1,2 ponto percentual (p.p.) ante a média de 2023 (7,8%). Os dados são da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), divulgada pelo IBGE.

Os resultados de 2024 indicaram a manutenção da trajetória de crescimento do contingente de trabalhadores que, inicialmente, em 2022, respondia como uma recuperação das perdas geradas durante a Pandemia de COVID-19, em 2020 e 2021. Em 2023 e 2024 os ganhos ainda expressivos, mesmo após a recuperação de ocupação após a pandemia, foram fundamentais para o alcance desses recorde (Beringuy *apud* Taxa de desemprego..., 2025)<sup>4</sup>.

A estimativa anual do número de empregados com carteira de trabalho assinada cresceu 2,7% no ano, alcançando 38,7 milhões de pessoas, o mais alto da série iniciada em 2012. Também foi recorde o contingente anual de empregados sem carteira assinada no setor privado, que registrou aumento de 6,0%, chegando a 14,2 milhões de pessoas.

<sup>4</sup> Para mais informações, ver a respeito Trabalho e Emprego. Taxa de desemprego fica em 6,2% em dezembro, e média do ano é de 6,6%, menor índice da história. Disponível em: <https://agenciagov.etc.com.br/noticias/202501/taxa-de-desocupacao-fica-em-6-2-em-dezembro-e-media-do-ano-fica-em-6-6-menor-patamar-da-serie-historica>

Os resultados das pesquisas mensais do IBGE mostraram uma queda na Indústria Geral (1,2%) e no Comércio Ampliado (-0,4%) e crescimento de 0,8% no setor de Serviços no quarto trimestre em comparação com o terceiro. O resultado do PIB do quarto trimestre confirmou a desaceleração da economia, na passagem entre o terceiro e o quarto trimestre de 2024, com leve aumento de 0,2%, taxa abaixo dos dois trimestres anteriores. Foi a menor variação trimestral, na série com ajuste sazonal, desde o terceiro trimestre de 2023. Setorialmente, houve queda no ritmo de atividade, com leve expansão na Indústria (0,3%) e nos Serviços (0,1%), enquanto a Agropecuária recuou 2,3%.

Pela ótica da demanda, a inflação de alimentos e a alta da taxa de juros impactaram negativamente o consumo das famílias no quarto trimestre de 2024 em relação ao terceiro, com queda de 1,0%. A Formação Bruta de Capital Fixo variou 0,4% e a Despesa de Consumo do Governo cresceu 0,6%. No setor externo, na mesma comparação, as Exportações de Bens e Serviços recuaram 1,3%, enquanto as Importações de Bens e Serviços mostraram variação negativa de 0,1%.

No quarto trimestre de 2024, o que chama atenção é que o PIB ficou praticamente estável, com crescimento nos investimentos, mas com queda no consumo das famílias. Isso porque, no quarto trimestre, tivemos um pouco de aceleração da inflação, principalmente a de alimentos. Continuamos tendo melhoria no mercado de trabalho, mas com uma taxa já não tão alta. E os juros começaram a subir em setembro do ano passado, o que já impactou no quarto trimestre (Palis *apud* PIB fecha...., 2025)<sup>5</sup>.

Quanto à produção, em relação ao quarto trimestre de 2023, a Agropecuária registrou queda de 1,5%, o que pode ser explicado pelo desempenho negativo de alguns produtos com safra relevante no trimestre, pela queda na produtividade e pelos eventos climáticos adversos, como os ocorridos no Rio Grande do Sul.

A Indústria avançou 2,5%, com destaque para a *Indústria de transformação* que cresceu 5,3% e a atividade de *Construção* que avançou 5,1% no trimestre. Os Serviços cresceram 3,4% impulsionados pelas contribuições de *Informação e comunicação* (6,2%) e *Comércio* (atacadista e varejista) com taxa de 4,3%.

Os componentes da demanda interna no quarto trimestre de 2024 apresentaram resultados positivos, com destaque para o *Consumo das famílias* que cresceu 3,7%, favorecido pela continuidade da melhora no mercado de trabalho, os programas governamentais de transferência de renda e aumento do crédito, o Consumo do Governo que aumentou (1,2%)

5 Para mais informações, ver a respeito do PIB. PIB fecha 2024 em 3,4% e registra maior taxa desde 2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/42775-pib-fecha-2024-em-3-4-e-registra-maior-taxa-desde-2021>

e a Formação Bruta de Capital Fixo, que teve expansão significativa de 9,4%, devido ao aumento do segmento de máquinas e equipamentos no quarto trimestre de 2024.

No setor externo, as Exportações de Bens e Serviços registraram leve queda de 0,7%, enquanto as Importações de Bens e Serviços cresceram de maneira expressiva, com taxa de 16,0%, devido ao aumento das compras de *máquinas e materiais elétricos, veículos automotores e máquinas e equipamentos*.

Diante desses resultados, o PIB do quarto trimestre de 2024 em relação ao mesmo do ano anterior avançou 3,6%, apresentando o 13º resultado positivo consecutivo nessa comparação.

A retração na Agropecuária (-3,2%) refletiu o desempenho da agricultura. Efeitos climáticos adversos afetaram várias culturas importantes da lavoura, resultando em quedas na produção e contribuindo, de forma decisiva, para o resultado negativo do setor. Na Indústria, a atividade de *Construção* foi o destaque positivo ao registrar alta de 4,3% em 2024, em função do crescimento da ocupação na atividade, da produção de insumos típicos e da expansão do crédito.

No acumulado do ano de 2024, o crescimento da economia brasileira foi mais alto do que o esperado pelo mercado no início do ano, que apontava um PIB anual de apenas 1,5%. Ao longo do ano, o PIB foi impulsionado pelo desempenho da Indústria (3,3%) e dos Serviços (3,7%). A Agropecuária, ao contrário do ano anterior, registrou queda de 3,2%.

Quanto à demanda, o consumo das famílias avançou 4,8% em 2024. A alta havia sido de 3,2% em 2023. O crescimento do consumo no ano anterior teve influência da melhora do mercado de trabalho, com crescimento da ocupação e da massa salarial, além do aumento do crédito para pessoa física. O nível elevado dos juros, por sua vez, representou um entrave para um avanço maior desse indicador, principalmente no quarto trimestre.

Outro componente da demanda que reagiu positivamente ao crescimento da economia foi a Formação Bruta de Capital Fixo, que registrou expansão de 7,3%, recuperando a queda de 3,2% do ano anterior. Esse resultado alavancou a taxa de investimento, resultando no crescimento de 17,0% do PIB ante 16,4% de 2023. A taxa de poupança, por sua vez, caiu para 14,5% (ante 15,0% no ano anterior).

Diante desses resultados, o PIB do Brasil encerrou o ano com crescimento de 3,4%, totalizando R\$ 11,7 trilhões. Já o PIB per capita alcançou R\$ 55.247, um avanço, em termos reais, de 3,0% em relação a 2023. Os dados são do Sistema de Contas Nacionais Trimestrais, divulgado pelo IBGE.

Em linhas gerais, os números do PIB de 2024 foram bons, embora o resultado do quarto trimestre tenha indicado uma desaceleração da atividade econômica, principalmente pela

queda de 1,0% no *Consumo das Famílias*, em razão da elevação da taxa de juros do Dólar e da inflação de aumentos.

O Fundo Monetário Internacional (FMI) prevê um cenário de desaceleração para 2025. Apesar de o PIB ter crescido 2,2%, conforme a atualização, em janeiro, do relatório Panorama Econômico Global (WEO, na sigla em inglês) do FMI (World Economic Outlook – WEO, na sigla em inglês)<sup>6</sup>, ainda assim, a economia brasileira deve desacelerar em comparação com 2024.

A redução nas projeções para o Brasil reflete, em grande parte, os efeitos das políticas monetária e fiscal, além da incerteza sobre o desempenho da economia mundial diante das políticas adotadas pelo governo americano sob a administração de Donald Trump.

Assim, para o PIB de 2025, a expectativa é de uma taxa menor do que a projetada com os resultados do terceiro trimestre. Analistas do mercado preveem um avanço de 2,01%, segundo a mediana da edição do boletim Focus, publicada em 10 de março pelo Banco Central (BC). Os juros estão em ciclo de alta, podendo ser reduzidos ainda no primeiro semestre, diante da queda da atividade econômica. O crescimento dos investimentos deve estar relacionado ao desempenho da *Construção* e à *Indústria de transformação*. Para estimular o consumo, o governo federal pretende adotar algumas medidas, como a liberação do saque aniversário do FGTS, entre outras ações, que devem contribuir para a economia no segundo semestre.

## Cenário estadual

com base nas pesquisas mensais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a atividade econômica da Bahia no quarto trimestre de 2024 apresentou resultados positivos na Indústria Geral, no Comércio Varejista e nos Serviços, com queda na produção de grãos, em comparação com o mesmo trimestre de 2023. As exportações registraram estabilidade no mesmo período.

A expansão do Comércio e dos Serviços foi impulsionada pela geração de empregos, com o benefício Bolsa Família mais elevado e aumento da renda disponível para a faixa até dois salários mínimos, dada a isenção do Imposto de Renda. Por sua vez, a inflação e elevação da taxa de juros no último trimestre do ano funcionaram como amortecedores, impedindo uma expansão maior na atividade econômica. No entanto, de acordo com as pesquisas do IBGE, os principais setores da economia baiana mantiveram o ritmo de expansão.

<sup>6</sup> Para maiores informações ver a respeito International Monetary Fund. World economic outlook: policy pivot, rising threats. Washington, DC: IMF, Oct. 2024. Disponível em: <https://www.imf.org/en/Publications/WEO/Issues/2024/10/22/world-economic-outlook-october-2024>.

Conforme o indicador da produção física ajustado sazonalmente, a indústria baiana registrou aumento de 1,7% no quarto trimestre de 2024, em relação ao terceiro trimestre que por essa ocasião havia registrado queda de 3,8%.

O Comércio Varejista manteve o ritmo nos dois últimos trimestres, com taxas de 0,5% e 1,6%, respectivamente. O setor de Serviços, que havia apresentado recuperação mais significativa no pós-pandemia, registrou estabilidade no terceiro trimestre (0,1%) e queda no quarto trimestre (-1,2%), mostrando uma desaceleração diante do elevado crescimento nos últimos anos.

Em relação ao quarto trimestre de 2023, os resultados foram positivos. A produção física da indústria baiana registrou crescimento de 1,5%, depois de crescer 5,0% no terceiro trimestre de 2024. As vendas do varejo baiano expandiram 6,5%, e o volume de serviços marcou crescimento de 1,4%. Enquanto isso, as exportações baianas registraram um leve aumento de 0,41%.

Nessas duas comparações temporais, observa-se que atividade econômica encontra-se em um patamar superior ao quarto trimestre de 2023. O ritmo de crescimento também está satisfatório, com exceção do setor de Serviços que apresentou desempenho negativo.

Na avaliação anual, os principais setores econômicos sinalizaram recuperação, como na Indústria Geral, e continuidade do crescimento, como no Comércio Varejista e nos Serviços.

A indústria baiana avançou 2,7% em 2024, em comparação com o mesmo período do ano anterior. Na análise dos segmentos, observa-se que a maioria apresentou taxas positivas, destacando-se os de *Derivados de petróleo*, que registrou avanço na produção de 4,2%, principalmente devido ao aumento no processamento de óleo diesel, *Outros produtos químicos* (6,4%) e *Bebidas* (5,8%).

O Comércio Varejista restrito e ampliado apresentaram taxas positivas de, respectivamente, 7,4% e 6,1%, em 2024. Os fatores que contribuíram para essa dinâmica foram: aumento da renda real, mercado de trabalho aquecido e queda da taxa de juros no primeiro semestre, o que ampliou as operações de crédito da pessoa física para bens duráveis. As principais atividades que impulsionaram os resultados foram *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* (9,9%), *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos* (13,4%) e *Veículos, motocicleta, partes e peças* (16,7%).

Em 2024, as vendas externas da Bahia alcançaram US\$ 11,90 bilhões, com um crescimento de 5,2% em relação a 2023. Mesmo com as oscilações nos preços das *commodities* e no volume de embarques, o resultado em 2024 foi o segundo maior da série histórica, só superado pelo ano de 2022, quando as exportações chegaram a US\$ 13,92 bilhões.

O resultado das exportações em 2024 foi positivo, com a manutenção do patamar elevado das operações, mesmo com as dificuldades enfrentadas no ano, como as incertezas econômicas e o enfraquecimento dos preços gerais das *commodities*, que permaneceram débeis ou estáveis, principalmente devido à desaceleração econômica da China.

As importações baianas chegaram a US\$ 10,68 bilhões em 2024, alta de 25,4% ante 2023. Também as compras do estado no exterior registraram o segundo maior resultado da série histórica, só superado pelo ano de 2022, quando alcançou US\$ 11,36 bilhões.

A forte expansão das exportações contribuiu para que a balança comercial da Bahia apresentasse saldo positivo de US\$ 1,2 bilhão. Ao mesmo tempo, a corrente de comércio cresceu 13,8% impulsionada pelo aumento expressivo das importações.

A expansão da atividade econômica refletiu-se no mercado trabalho. Em 2024, de acordo com os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), o montante de empregos formais no estado ampliou-se, com o surgimento de 84.726 novos postos de trabalho. O saldo de 2024 foi superior em 19,2% ao resultado de 2023, quando 71.100 postos de trabalho foram criados, considerando as declarações fora do prazo. Com esse resultado, o estado passou a contar com 2.137.021 vínculos celetistas ativos em 2024, uma variação de 4,1% sobre o quantitativo do ano anterior.

Segundo levantamento da PNAD Contínua do IBGE, a taxa trimestral de desocupação na Bahia ficou em 9,9% no quarto trimestre de 2024. Trata-se de uma queda 2,8 p.p. em relação ao mesmo trimestre de 2023, representando o menor índice para um quarto trimestre desde o quarto trimestre de 2014 (9,8%). No ano, a taxa de desocupação foi de 10,8%, terceiro ano consecutivo de queda.

Em resumo, as pesquisas mensais referentes ao quarto trimestre mostraram que os resultados positivos para a Indústria Geral, o Comércio Varejista e os Serviços, além da geração de emprego formal, contribuíram positivamente para que o PIB da Bahia do quarto trimestre de 2024, calculado pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), expandisse 0,3% quando comparado ao trimestre anterior, que registrou a menor taxa do ano. No quarto trimestre de 2024, em relação ao mesmo período de 2023, houve crescimento de 2,5%.

Na análise do desempenho econômico, observa-se que dois dos três grandes setores apresentaram crescimento. O setor industrial registrou uma expansão de 2,2%, refletindo o incremento de quase todas as suas atividades produtivas. O setor de Serviços apresentou um crescimento ainda mais expressivo, com alta de 3,4%, consolidando-se como o principal motor da economia baiana. Por sua vez, a Agropecuária foi o único setor a registrar desempenho

negativo, com uma retração de 2,4%, resultado que reflete os desafios enfrentados da área diante das mudanças climáticas.

No ano de 2024, a economia baiana registrou crescimento de 2,8%. A Indústria e os Serviços contribuíram positivamente para essa expansão, com a mesma taxa de 3,5%. O crescimento dos Serviços foi impulsionado pelas atividades do *Comércio*, que cresceu 4,1%, dos *Transportes*, que registraram aumento de 2,5%, e das *Atividades Imobiliárias* que aumentaram 2,4%. Já no setor industrial, o resultado positivo foi motivado pelo crescimento da *Indústria de transformação* (4,1%) e da *Construção civil* (4,5%).

As perspectivas para 2025 são de desaceleração da atividade econômica, como sinalizou o PIB do quarto trimestre ajustado sazonalmente. Esse panorama é devido à elevação dos juros, à inflação de alimentos e à incerteza na economia mundial diante das medidas protecionistas do governo dos Estados Unidos. Por sua vez, a Agropecuária vai contribuir positivamente com safra recorde em 2025. A geração de empregos deve continuar no ritmo mais modesto diante da conjuntura de juros elevados que retraem o investimento das empresas e a demanda do consumidor por bens duráveis.

O setor industrial deve apresentar resultados positivos, impulsionado pelos investimentos programados de expansão em várias atividades, como a automotiva e de infraestrutura, impactando o segmento da *Construção*.

Portanto, o PIB da Bahia em 2025 vai continuar apresentando taxa positiva, porém em nível menor que em 2024 devido às condições das conjunturas nacional e internacional.

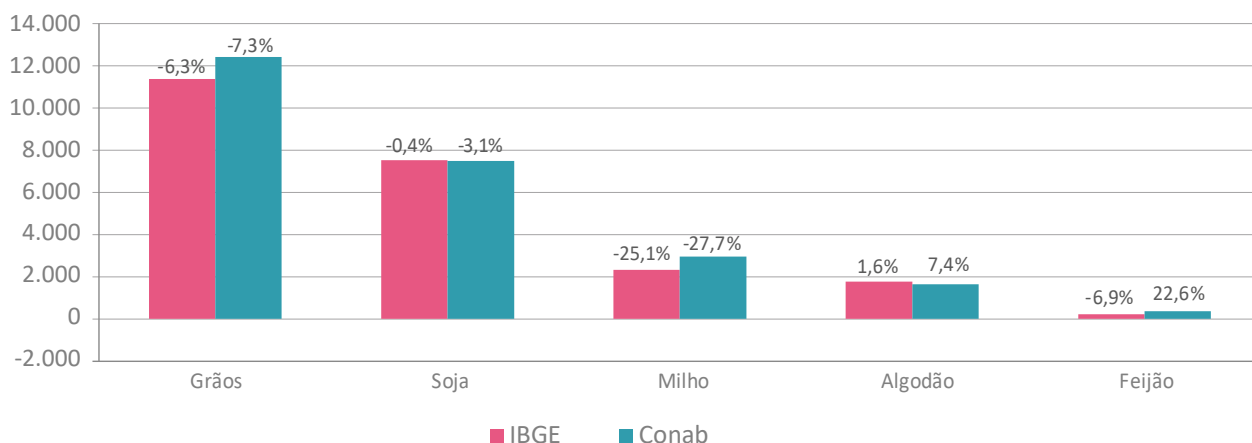
## AGROPECUÁRIA

Carla Janira Souza do Nascimento  
carlajanira@sei.ba.gov.br

A safra agrícola brasileira de 2024 foi impactada por condições climáticas pouco favoráveis, sobretudo pela ação intensa do fenômeno El Niño. De acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a colheita das culturas no Brasil alcançou uma produção de grãos de 299 milhões de toneladas (t)<sup>1</sup>. O volume representa uma queda de 6,8% na comparação com a temporada 2022/2023.

Por sua vez, o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA)<sup>2</sup>, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>3</sup>, estimou uma safra nacional de 292 milhões de t de cereais, leguminosas e oleaginosas. Assim como na Conab, a estimativa também é de queda, com produção 7,2% inferior à safra obtida em 2023. Já a previsão da *área colhida* é de 79,0 milhões de hectares (ha), 1,6% a mais que a área em 2023. O declínio no rendimento, principalmente das lavouras de soja, milho e algodão, explica o baixo desempenho da produção agrícola brasileira na safra 2024.

**Gráfico 1**  
**Estimativas comparadas da safra de grãos**  
**Bahia – 2023/2024**



Fonte: Conab (2024) e Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2024).  
Elaboração: SEI/Distat/CAC.  
Nota: valores em mil toneladas e variações anuais nos rótulos em percentuais.

- 1 COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da safra de grãos. 12º levantamento. v. 11, n. 12. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/graos/boletim-da-safra-de-graos>. Acesso em: 15 out. 2024.
- 2 LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA. Rio de Janeiro: IBGE, dez. 2024. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2415/epag\\_2024\\_dez.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2415/epag_2024_dez.pdf). Acesso em: 27 jan. 2025.
- 3 Refere-se ao décimo segundo levantamento divulgado pelo IBGE, que tem o ano civil como referência para fins de levantamento da produção agrícola.

Na Bahia, após a produção recorde de grãos em 2023, tanto o IBGE como a Conab confirmaram uma produção de grãos menor em 2024, também impactada pelas condições climáticas adversas.

O LSPA, realizado pelo IBGE, relativo ao mês de dezembro de 2024, estimou uma produção de cereais, oleaginosas e leguminosas<sup>4</sup> acima de 11 milhões de t, o que representa uma redução de 6,3% na comparação com a safra de 2023, conforme representado no Gráfico 1.

No que concerne ao acompanhamento da safra pela Conab, em seu *último* levantamento para o ciclo 2023/2024, a produção baiana de grãos alcançou mais de 12 milhões de t nessa temporada, 7,3% menor em relação ao ciclo 2022/2023<sup>5</sup>. Com relação à área plantada, houve ampliação de 0,6% na mesma base de comparação, com área de 3,78 milhões de ha. Assim, o rendimento médio do conjunto das lavouras pesquisadas foi de 3,28 t/ha.

Entre os grãos, destaca-se a produção de algodão (caroço e pluma) com acréscimo de 1,6% em relação a 2023, que, de acordo com o IBGE<sup>6</sup>, alcançou 1,77 milhão de t. A área plantada com a fibra (380 mil ha) superou em 4,4% a de 2023. A expansão do cultivo decorreu dos bons resultados obtidos na safra anterior e da dinâmica do mercado internacional, que levaram ao aumento nos preços médios. O cenário também é consequência da boa qualidade e competitividade da pluma de algodão brasileira, que tem grande aceitação no mercado internacional. A queda na produtividade (-2,7%) ocorreu pela irregularidade das chuvas e a instabilidade climática registradas no final de 2023.

Por sua vez, os demais grãos que têm representatividade na agricultura baiana, registraram queda na produção. O volume colhido da soja foi de 7,53 milhões de t, 0,4% abaixo do verificado em 2023, mesmo com a ampliação da área plantada, que ficou em 2,0 milhões de ha (6,7% acima do observado em 2023).

A produtividade da área colhida foi 6,7% menor que a da safra anterior. Todavia, a qualidade dos grãos mostrou-se melhor, e o rendimento, maior que o esperado para o início da safra.

As duas safras anuais do milho totalizaram 2,32 milhões de t, o que representa queda de 25,1% na comparação anual. Com relação à área plantada (605 mil ha), o IBGE apontou um decréscimo de 13,4% em relação à safra anterior. A estimativa da primeira safra anual foi de 1,55 milhão de t, sendo 34,0% abaixo da safra de 2023. Por sua vez, para a segunda safra (766 mil t), houve avanço de 2,8% em relação à colheita do ano anterior. De acordo com a Associação de

4 Algodão (caroço de algodão), amendoim, arroz, aveia, centeio, cevada, feijão, girassol, mamona, milho, soja, sorgo, trigo e triticale.

5 COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da safra de grãos. 12º levantamento. v. 11, n. 12. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/graos/boletim-da-safra-de-graos>. Acesso em: 15 out. 2024.

6 LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA. Rio de Janeiro: IBGE, dez. 2024. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2415/epag\\_2024\\_dez.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2415/epag_2024_dez.pdf). Acesso em: 27 jan. 2025.

Agricultores e Irrigantes da Bahia (AIBA)<sup>7</sup>, fatores climáticos e fitossanitários, de maneira geral, contribuíram para o baixo resultado da safra na região oeste do estado durante o ano de 2024.

Na lavoura do feijão, o IBGE confirmou produção de 222 mil t, representando recuo de 6,9% na comparação com a safra de 2023. A área plantada (380 mil ha) recuou 8,9% em relação àquela observada no ano anterior. A primeira safra da leguminosa (137 mil t) foi 4,5% inferior à de 2023, e a segunda safra (85,2 mil t) apontou variação negativa de 10,6%, na mesma base de comparação.

### OUTRAS LAVOURAS PERMANENTES E TEMPORÁRIAS

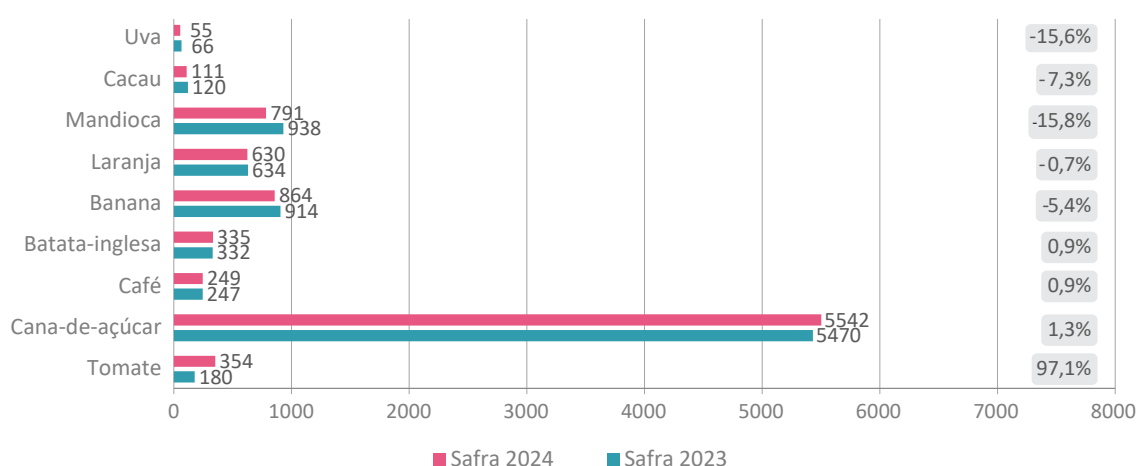
para a lavoura da cana-de-açúcar, o IBGE confirmou produção de 5,54 milhões de t, revelando aumento de 1,3% em relação à safra de 2023. Já a produção do cacau recuou para 111 mil t, apontando queda de 7,3% na comparação anual.

Em relação ao café, a colheita foi de 249 mil t em 2024, 0,9% acima do observado em 2023. A safra do tipo arábica alcançou 104 mil t, com crescimento anual de 3,3%. Por sua vez, a safra do tipo canéfora foi de 145 mil t, o que corresponde a um volume 0,7% abaixo do nível do ano anterior.

As lavouras de banana (864 mil t), laranja (634 mil t) e uva (66 mil t), por sua vez, registraram, respectivamente, variações de -5,4%, -0,7% e -15,6% em relação à safra anterior.

**Gráfico 2**

**Variação percentual anual da produção de outras lavouras permanentes e temporárias Bahia – 2023/2024**



Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2024).  
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

<sup>7</sup> BOLETIM AIBA: panorama para a estimativa da produção de grãos no oeste da Bahia. Barreiras: AIBA, n. 33, 20 maio 2024. Safra 2023/24. Disponível em: <https://aiba.org.br/arquivos/boletins/Boletim%2033%20de%2025-05-2024.pdf>. Acesso em: 23 maio. 2024.

O levantamento ainda indica uma produção de 938 mil t de mandioca, 15,8% a menos que a de 2023. A produção de batata-inglesa, de 332 mil t, prevê acréscimo de 0,9%; e a do tomate, de 180 mil t, aponta alta de 97,1% na comparação com a do ano anterior.

As primeiras estimativas do IBGE<sup>8</sup> para o ano de 2025 apontam para um aumento de 6,7% na produção de grãos na Bahia, a qual será beneficiada pelos maiores volumes de chuva registrados nos meses de dezembro e janeiro no estado, favorecendo condições climáticas favoráveis para o plantio de culturas de primeira safra. Assim, destaca-se, entre os grãos, o aumento na produção de soja (10,6%), feijão (5,1%) e algodão (0,7%). Em sentido contrário, as estimativas indicam queda na produção de milho (-2,1%) e sorgo (-11,5%). Para as demais culturas, as projeções são positivas para mandioca (14,7%), cacau (7,0%) e café (6,8%).

A Conab estima, por sua vez, para o ciclo 2024/2025<sup>9</sup>, um aumento na produção, na área plantada e na produtividade dos grãos. Soja e algodão destacam-se nesse novo ciclo.

## Pecuária

De acordo com as estatísticas da produção pecuária do IBGE (2025)<sup>10</sup>, coletadas pelos sistemas de inspeção federal, estadual e municipal, para a Bahia, foram abatidas aproximadamente 366 mil cabeças de bovinos no quarto trimestre de 2024, o que corresponde a uma alta de 5,7% na comparação com o mesmo trimestre de 2023. No ano, o abate de bovinos expandiu 15,5%. Já o abate de suínos (79 mil cabeças) apresentou queda na comparação trimestral, com recuo de 3,1%, embora tenha registrado aumento de 1,8% no ano.

A produção de leite, por sua vez, alcançou 149 mil litros no quarto trimestre de 2024, com expansão de 10,7% em relação ao mesmo período do ano anterior, acumulando no ano crescimento de 5,4%.

Os frangos abatidos no período somaram 34 milhões de cabeças, um aumento de 10,0% em relação ao quarto trimestre de 2023, com avanço de 1,8% no abate anual. A produção de ovos de galinha foi de 23 milhões de dúzias no quarto trimestre de 2024, resultando em aumento de 12,5% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. No ano houve aumento de 7,4% na produção de ovos no estado.

8 LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA. Rio de Janeiro: IBGE, jan. 2025. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2415/epag\\_2025\\_jan.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2415/epag_2025_jan.pdf). Acesso em: 19 fev. 2025.

9 COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da safra de grãos. 5º levantamento. v. 12, n. 5. Disponível em: [file:///C:/Users/carla/Downloads/E-book\\_BoletimZdeZSafrasZ-Z5ZlevantamentoZ2025%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/carla/Downloads/E-book_BoletimZdeZSafrasZ-Z5ZlevantamentoZ2025%20(1).pdf). Acesso em: 19 fev. 2025.

10 INDICADORES IBGE: estatística da produção pecuária. Rio de Janeiro: IBGE, out./dez.2024. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2380/epp\\_2024\\_4tri.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2380/epp_2024_4tri.pdf). Acesso em: 18 mar.2025.

## PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Carla Janira Souza do Nascimento  
carlajanira@sei.ba.gov.br

O cenário macroeconômico, com queda na taxa de juros, controle da inflação e mercado de trabalho aquecido, influenciou diretamente a transformação industrial do país em 2024. Nesse contexto, a indústria brasileira registrou crescimento de 3,1% no indicador da produção física<sup>1</sup> no quarto trimestre do ano e acumulou taxa anual de 3,1%, comparada ao mesmo período de 2023.

O desempenho na produção industrial do país evidenciou um pequeno recuo na confiança dos empresários do setor. Esse cenário deu continuidade ao arrefecimento do otimismo observado no terceiro trimestre, refletindo um sentimento de cautela diante das incertezas do cenário futuro. O Índice de Confiança da Indústria (ICI) da Fundação Getulio Vargas (FGV-IBRE) recuou 0,2 ponto percentual entre outubro e dezembro de 2024, para 99,7 pontos. Segundo o especialista Stéfano Pacini da FGV<sup>2</sup>:

Apesar de os estoques seguirem em níveis satisfatórios, a percepção sobre a demanda é pior entre as categorias de uso. As expectativas reforçam a ideia de que o início de 2025 pode ser diferente, em ritmo mais fraco do que foi observado no ano anterior. O cenário macroeconômico de taxa de juros em alta e o câmbio desvalorizado podem representar um novo desafio para o setor industrial, após um ano de bons resultados.

A indústria baiana, por sua vez, com base no indicador da produção física ajustado sazonalmente, avançou 1,7% no quarto trimestre, em relação ao terceiro trimestre, o qual registrou decréscimo de 3,8%, conforme dados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM)<sup>3</sup>, evidenciando uma leve reversão da tendência de queda do indicador nos últimos meses do ano, como ilustrado no Gráfico 1.

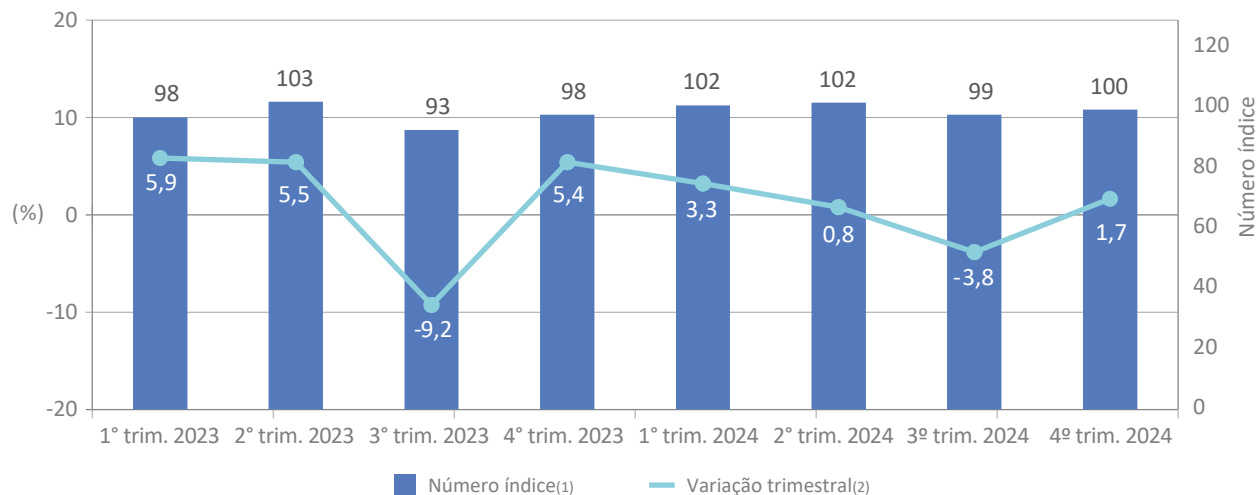
De outro ponto de vista, no período de outubro a dezembro de 2024, a produção física da indústria baiana registrou movimento descendente, passando de 5,0% para 1,5%, na comparação com o mesmo período de 2023 (Gráfico 2). Para efeito de comparação, no mesmo período, a produção industrial do país também registrou desaceleração para 3,1%, após apresentar aumento de 3,9% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

1 Na série com ajuste sazonal.

2 SONDA GEM DA INDÚSTRIA: Índice de Confiança da Indústria. FGV/IBRE: Rio de Janeiro, jan. 2025. Disponível em: [https://portalibre.fgv.br/system/files?file=divulgacao/releases/2025-01/Sondagem%20da%20Industria%20FGV\\_press%20release\\_Jan25.pdf](https://portalibre.fgv.br/system/files?file=divulgacao/releases/2025-01/Sondagem%20da%20Industria%20FGV_press%20release_Jan25.pdf). Acesso em: 18 fev. 2025.

3 PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: produção física: regional. Rio de Janeiro: IBGE, dez. 2024. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/229/pim\\_pfr\\_2024\\_dez.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/229/pim_pfr_2024_dez.pdf). Acesso em: 14 fev. 2024.

**Gráfico 1**  
**Produção física industrial**  
**Bahia – 1º trim. 2023-4º trim. 2024**



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2024).

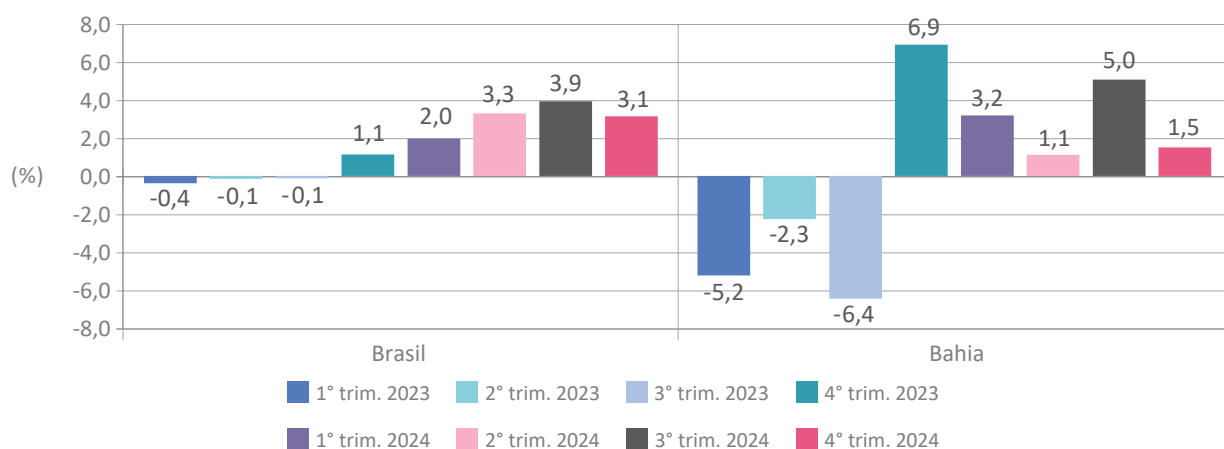
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Notas: (1) Número índice ajustado sazonalmente.

(2) variação no trimestre em relação ao trimestre imediatamente anterior. Dados ajustados sazonalmente.

A principal contribuição positiva no quarto trimestre de 2024 para o setor nacional veio de *bens de duráveis* (16,8%), seguido por *bens de capital* (14,3%). No segmento de *bens intermediários* observou-se avanço de 2,8%, e em *bens de consumo semi e não duráveis* houve estabilidade (-0,1%).

**Gráfico 2**  
**Produção física industrial**  
**Brasil e Bahia – 1º trim. 2023-4º trim. 2024**



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2024).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: Variação no trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

Setorialmente, as maiores contribuições no quarto trimestre para o desempenho da produção industrial baiana foram observadas em *Produtos químicos* (10,4%), *Produtos de borracha e de material plástico* (8,4%), *Derivados de petróleo* (1,3%), *Máquinas, aparelhos e materiais elétricos* (33,0%), *Produtos de minerais não metálicos* (10,8%), *Bebidas* (2,2%) e *Produtos alimentícios* (1,2%). Por sua vez, contribuíram negativamente *Metalurgia* (-4,0%), *Indústria extrativa* (-16,2%), *Couro, artigos para viagem e calçados* (-19,0%) e *Celulose e papel* (-0,9%).

Já no acumulado do ano, no período de janeiro a dezembro de 2024, a indústria baiana avançou 2,7% em comparação com o mesmo período do ano anterior. Na análise dos segmentos da indústria baiana, a maioria apresentou taxas positivas, conforme dados da Tabela 1.

A *Indústria extrativa* apresentou queda de 1,7% no período, principalmente em decorrência da redução na produção de óleos brutos de petróleo e minérios de cromo.

No acumulado do ano, considerando-se os segmentos que mais influenciaram o resultado positivo da *Indústria de transformação* baiana, que teve aumento de 2,9%, destacaram-se, inicialmente, os *Derivados de petróleo*. Esse segmento registrou avanço na produção de 4,2%, principalmente devido ao aumento no processamento de óleo diesel.

Tabela 1

## Produção física da indústria por setores de atividade (%) – Bahia – 2024

| Segmentos                                                  | 1º trim. | 2º trim. | 3º trim. | 4º trim. | No ano |
|------------------------------------------------------------|----------|----------|----------|----------|--------|
| Indústria geral                                            | 3,2      | 1,1      | 5,0      | 1,5      | 2,7    |
| Indústrias extrativas                                      | 36,3     | -6,9     | -8,3     | -16,2    | -1,7   |
| Indústrias de transformação                                | 1,6      | 1,6      | 5,9      | 2,7      | 2,9    |
| Produtos alimentícios                                      | 2,5      | 1,1      | -3,9     | 1,2      | 0,1    |
| Bebidas                                                    | 2,9      | 11,3     | 8,4      | 2,2      | 5,8    |
| Couros, artigos para viagem e calçados                     | -3,4     | -6,1     | -6,8     | -19,0    | -9,1   |
| Celulose, papel e produtos de papel                        | 9,2      | 5,8      | -2,0     | -0,9     | 2,9    |
| Coque, produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis | 5,4      | 3,3      | 7,2      | 1,3      | 4,2    |
| Outros produtos químicos                                   | 1,0      | 0,9      | 14,3     | 10,4     | 6,4    |
| Produtos de borracha e de material plástico                | 7,6      | 9,0      | 15,2     | 8,4      | 10,1   |
| Produtos de minerais não metálicos                         | -12,6    | -6,8     | -1,8     | 10,8     | -2,8   |
| Metalurgia                                                 | -23,4    | -21,6    | 4,1      | -4,0     | -12,6  |
| Máquinas, aparelhos e materiais elétricos                  | 0,9      | 36,9     | 35,8     | 33,0     | 26,1   |

Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2024).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: variação acumulada no período em relação ao mesmo período do ano anterior.

Já a produção industrial de *Produtos químicos*, que recuou por cinco trimestres consecutivos, apresentou o quarto aumento consecutivo no trimestre, com taxa de 10,4%, acumulando crescimento de 6,4% no período, principalmente em razão da maior fabricação de bens

químicos de uso industrial. Porém, o segmento ainda enfrenta dificuldades no mercado devido à falta de competitividade, em razão dos elevados custos das principais matérias-primas, nafta e gás natural.

O segmento de *Produtos de borracha e material plástico*, com avanço de 10,1% no período, teve o desempenho influenciado, principalmente, pelo aumento na produção de insumos para construção civil, embalagens plásticas e pneus.

O segmento de *Celulose e papel* cresceu 2,9% no período. O desempenho foi influenciado, principalmente, pelo aumento na produção de pasta química de madeira. No que se refere à cotação, houve alta do preço médio do segmento de *Celulose e papel* em 21,1% no período, de acordo com o Boletim de Comércio Exterior da Bahia (2024)<sup>4</sup>.

A ampliação da oferta de celulose nos dois primeiros trimestres do ano esteve relacionada aos baixos estoques do produto no mercado. No terceiro trimestre ocorreu uma parada geral programada para manutenção em uma das unidades dessa indústria no estado, o que levou à redução da produção no período.

O segmento de *Máquinas, aparelhos e materiais elétricos* registrou avanço de 26,1% no período de janeiro a dezembro, atribuído, principalmente, à maior produção de eletrodomésticos.

A indústria de *Bebidas* cresceu em 5,8% no período, impulsionada pela maior produção de cervejas, chopes, refrigerantes e águas minerais. A expectativa é de continuidade do aumento na produção no primeiro trimestre de 2025, motivado pela ampliação da demanda durante o verão.

O crescimento pífio da produção no segmento de *Alimentos* é atribuído, em especial, ao baixo crescimento na produção de óleo de soja refinado e manteiga de cacau, reflexo das safras negativas desses produtos em 2024.

A principal contribuição negativa para o período veio da indústria *Metalúrgica*, com taxa de -12,6%, sobretudo pela menor produção de vergalhões e ligas de cobre. No período, as vendas externas do segmento recuaram 33,6%, enquanto os preços médios reduziram 30,8%<sup>5</sup>.

A produção de *Minerais não metálicos* caiu 2,8% no período. Houve recuo, principalmente, na fabricação de produtos cerâmicos e outros insumos para a *Construção*. O desempenho

4 DESEMPENHO do comércio exterior baiano. Boletim de Comércio Exterior da Bahia, Salvador, dez. 2024. Disponível em: [https://sei.ba.gov.br/images/releases\\_mensais/pdf/bce/bce\\_dez\\_2024.pdf](https://sei.ba.gov.br/images/releases_mensais/pdf/bce/bce_dez_2024.pdf). Acesso em: 18 fev. 2025.

5 DESEMPENHO do comércio exterior baiano. Boletim de Comércio Exterior da Bahia, Salvador, dez. 2024. Disponível em: [https://sei.ba.gov.br/images/releases\\_mensais/pdf/bce/bce\\_dez\\_2024.pdf](https://sei.ba.gov.br/images/releases_mensais/pdf/bce/bce_dez_2024.pdf). Acesso em: 18 fev. 2025.

do segmento reflete as incertezas dos empresários diante da conjuntura de aperto no mercado de crédito, atrelada às elevadas taxas de juros que impactam as atividades ligadas à construção. Todavia, a expectativa de mais lançamentos de empreendimentos imobiliários subsidiados pelo governo federal e as medidas do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) devem alavancar todo o segmento, impulsionando sua produção no próximo ano.

A indústria de *Couro e calçados* registrou decréscimo de 9,1%, especialmente pela queda na produção de calçados sintéticos.

Para o ano de 2025, espera-se a continuidade do crescimento, mormente na produção dos segmentos mais tradicionais, como *Alimentos* e *Bebidas*, beneficiados pelo aumento da massa de rendimento da população ocupada. A expectativa para os próximos meses é de dinamização na atividade industrial à medida que os investimentos previstos sejam realizados e a sustentabilidade fiscal seja atenuada.

Por sua vez, o cenário internacional incerto, diante dos riscos geopolíticos e da economia global aquecida, pode pressionar a inflação, via os preços do petróleo, o fluxo comercial e a taxa de juros pressionando os custos de toda a cadeia produtiva industrial.

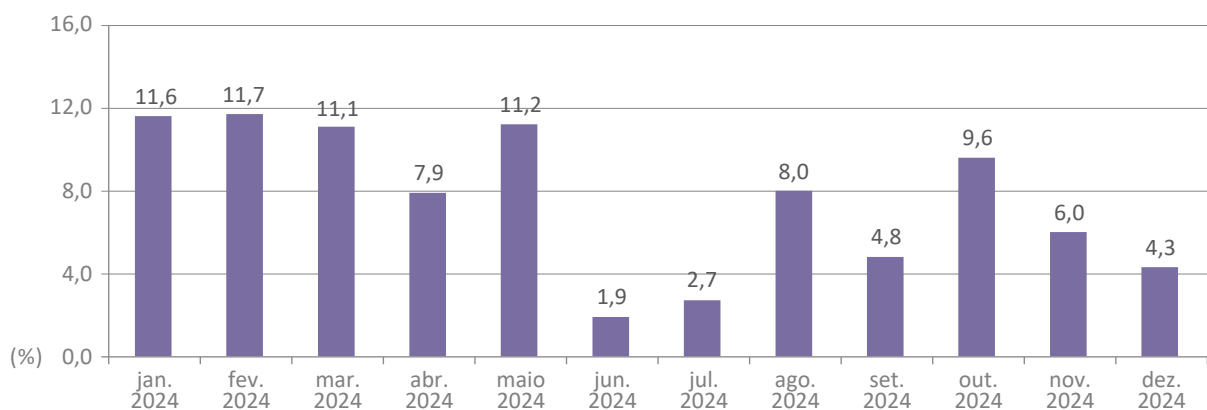
## Comércio varejista 4º trimestre – 2024

Elissandra Alves de Britto

elissandra@sei.ba.gov.br

O volume de vendas do comércio varejista na Bahia apresentou ritmo crescente no quarto trimestre de 2024, comparado a igual período de 2023. Apesar das oscilações mensais verificadas ao longo do ano, o setor iniciou 2024 com taxas de crescimento elevadas, mantidas até o quinto primeiro mês (Gráfico 1).

**Gráfico 1**  
Volume de vendas do comércio varejista  
Bahia – 2023-2024

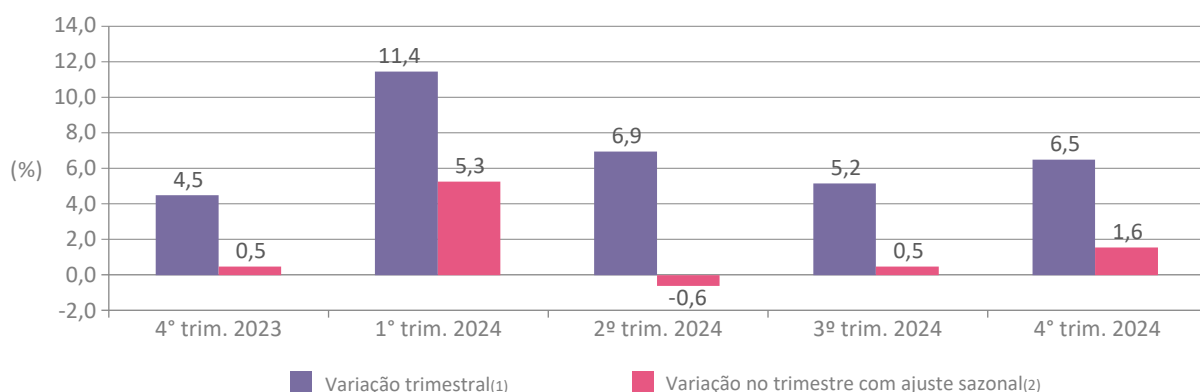


Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal de Comércio (2024).  
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Na análise trimestral, as vendas do varejo baiano no quarto trimestre em relação a igual período do ano anterior expandiram 6,5%, ao passo que, em 2023, o crescimento foi de 4,5%. No sazonal, o comportamento seguiu no mesmo sentido, com taxa de 1,6% (Gráfico 2). Na teoria, o quarto trimestre costuma apresentar resultados mais satisfatórios ante os elementos impulsionadores, como a proximidade das datas comemorativas de fim do ano – Dia das Crianças, Natal, Ano Novo e ainda o movimento dos lojistas com a realização da tradicional *Black Friday* – e antecipação do décimo terceiro salário. Nesse trimestre, especificamente, houve aumento da renda real, mercado de trabalho aquecido e saldo das operações de crédito crescente. Assim, apesar da retomada da elevação dos juros iniciada em setembro e da persistência da inflação, as vendas do varejo responderam positivamente.

Na Bahia, no mês de dezembro de 2024, a inflação oficial da Região Metropolitana de Salvador (RMS) acelerou (0,89%) em relação ao mês imediatamente anterior (0,28%). Essa evolução foi determinada pela alta nos preços de *Transportes* (2,44%), decorrente do comportamento do item de combustíveis (4,06%). Assim, o custo de vida mais alto, associado ao endividamento das famílias, resultou num comportamento mais contido do consumidor baiano.

**Gráfico 2**  
**Volume de vendas do comércio varejista**  
**Bahia – 4º trim. 2023-4º trim. 2024**



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal do Comércio (2024).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Notas: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

(2) Variação do trimestre em relação ao trimestre anterior. Dados ajustados sazonalmente.

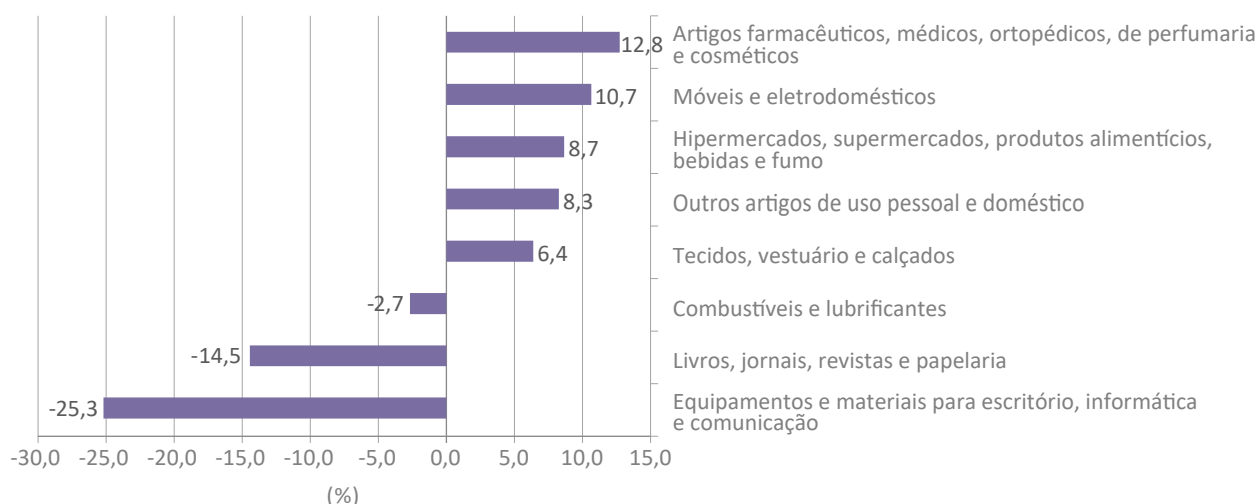
De acordo com a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), no último mês do ano de 2024, o índice registrado no estado baiano foi de 65,6%, ao passo que no mês anterior havia sido de 65,5%. Na comparação com o mês de setembro de 2024, essa expansão ficou ainda mais expressiva (64,6%). Em termos absolutos, constata-se que o número de famílias na condição de endividamento passou, de 606.885 em setembro para 616.615 famílias em dezembro, correspondendo a um aumento de 1,6%.

Outro fator observado foi a inadimplência. De acordo com os dados do Bacen (2024), a porcentagem de pessoas físicas e jurídicas que deixaram de honrar os compromissos financeiros em dezembro de 2024 na Bahia foi de 3,6%. Esse cenário comprometeu o avanço das vendas do setor, o que trouxe preocupação, na medida em que a elevação dos preços em grupos estratégicos como *alimentos e bebidas* continuou a retrair o poder de compra do trabalhador. Além disso, mais dificuldades podem surgir se as taxas de juros voltarem a subir, e fatores impulsionadores – como pagamento de precatórios verificados no primeiro semestre de 2024 e a dinâmica das emendas parlamentares em ano eleitoral – não se verificarem no próximo ano.

Apesar de os elementos limitadores terem arrefecido o ritmo de crescimento do setor em dezembro, na análise trimestral, observa-se que cinco dos segmentos que o compõem apresentaram comportamento positivo: *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos* (12,8%), *Móveis e eletrodomésticos* (10,7%), *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* (8,7%), *Outros artigos de uso pessoal*

e doméstico (8,3%) e Tecidos, vestuário e calçados (6,4%). Já Combustíveis e lubrificantes (-2,7%), Livros, jornais, revistas e papelaria (-14,5%) e Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (-25,3%) registraram recuo nas vendas (Gráfico 3).

**Gráfico 3**  
**Volume de vendas das atividades do comércio varejista(1)**  
**Bahia – 4º trim. 2024**



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal de Comércio (2024).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

Dentre as variações positivas, destacam-se *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo*, segmento de maior peso para o indicador de volume de vendas do comércio varejista, e de *Móveis e eletrodomésticos*. Mesmo diante das pressões dos preços, o bom desempenho do primeiro decorreu da representatividade dos bens essenciais comercializados, associada à melhoria do emprego, com aumento na taxa de ocupação (52,9%) e elevação da massa real de rendimento efetivamente recebido (10,4%). Já o comportamento do segundo segmento foi influenciado pela expansão do crédito. Enquanto isso, o crescimento no segmento de *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos* apontam para o alcance de um nível de estabilidade no consumo, haja vista que a atividade comercializa bens de demanda constante.

Por sua vez, dentre os segmentos que tiveram contribuições negativas, ressalta-se o de *Combustíveis e lubrificantes*, que recuou -2,7% no trimestre analisado. Apesar de comercializar um bem inelástico, as elevações dos preços verificadas nesse produto levaram o consumidor a repensar o uso do seu veículo, buscando novas alternativas de mobilidade.

Na análise do acumulado do ano, observa-se a expressividade nas taxas de *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos* (13,4%), *Outros artigos de uso pessoal e doméstico* (11,3%) e *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* (9,9%), enquanto *Livros, jornais, revistas e papelaria* (-23,7%) e *Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação* (-20,9%) mantiveram ritmos de queda. Já o segmento de *Combustíveis e lubrificantes* (-0,1%) apresentou estabilidade no período. Diante do quadro exposto, verifica-se a influência do aumento da renda real, além do mercado de trabalho aquecido e do saldo das operações de crédito crescente, em contrapartida à retração apresentada pelos segmentos que comercializam bens de menor valor agregado, como *Livros, jornais, revistas e papelaria* (Tabela 1).

**Tabela 1**  
**Volume de vendas do comércio varejista**  
**Bahia – no acumulado do ano 2024 (1)**

| Atividade                                                               | (%)   |
|-------------------------------------------------------------------------|-------|
| Comércio Varejista                                                      | 7,4   |
| 1 - Combustíveis e lubrificantes                                        | -0,1  |
| 2 - Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo | 9,9   |
| 2.1 - Hipermercados e supermercados                                     | 11,0  |
| 3 - Tecidos, vestuário e calçados                                       | 3,1   |
| 4 - Móveis e eletrodomésticos                                           | 8,1   |
| 4.1 - Móveis                                                            | 10,1  |
| 4.2 - Eletrodomésticos                                                  | 6,6   |
| 5 - Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria         | 13,4  |
| 6 - Equipamentos e material de escritório, informática e comunicação    | -20,9 |
| 7 - Livros, jornais, revistas e papelaria                               | -23,7 |
| 8 - Outros artigos de uso pessoal e doméstico                           | 11,3  |
| Atacado Seleccionado e Outros(2)                                        | 6,1   |
| 9 - Veículos, motocicletas, partes e peças                              | 16,7  |
| 10 - Materiais de construção                                            | 14,5  |
| 11 - Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo     | -10,0 |

Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal de Comércio (2024).

Notas: (1) Compara a variação acumulada do período de referência com igual período do ano anterior.

(2) O indicador do comércio varejista ampliado é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 11.

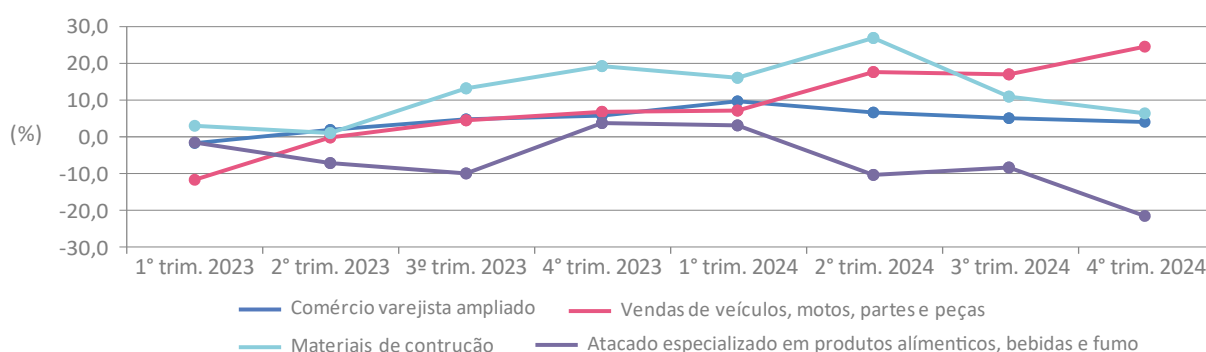
No comércio varejista ampliado que inclui o varejo restrito e mais as atividades de *Veículos, motocicleta, partes e peças, Materiais de construção e Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo*, a expansão no acumulado do ano foi de 6,1%, em relação a igual período do ano anterior. Na mesma comparação, verifica-se que a taxa no país também foi positiva em 4,1%.

No quarto trimestre, o setor registrou para o varejo ampliado a taxa positiva de 3,9%, resultante da expansão verificada nos segmentos de *Veículos, motocicleta, partes e peças* (24,6%) e *Materiais de construção* (6,3%), em contrapartida à retração de 21,8% no segmento de *Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo* (Gráfico 4).

Nesse contexto, o destaque no período ficou por conta de *Veículos, motos, partes e peças*, atividade que registrou ritmo de crescimento aquecido e teve suas vendas impulsionadas em razão do aumento de crédito.

O segmento de *Materiais de construção* também registrou crescimento nas vendas, mas em ritmo reduzido. Tratando-se de um ramo influenciado pela renda e principalmente pelo crédito, essa atividade perdeu ritmo a partir do terceiro trimestre, sugerindo que, ante a elevação dos preços de alguns produtos, os consumidores estão mais cautelosos ao adquiri-los.

**Gráfico 4**  
Volume de vendas do comércio varejista ampliado  
Bahia – 1º trim. 2023-4º trim. 2024



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal de Comércio Varejista (2024).  
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Quanto ao segmento *Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo*, o movimento foi em sentido oposto. Nesse quarto trimestre, a retração foi de -21,8%. Sujeito às variações de preços dos alimentos no mercado, assim como à disponibilidade de renda do consumidor, esse segmento apresentou comportamento díspar, quando comparado às vendas do ramo no comércio restrito.

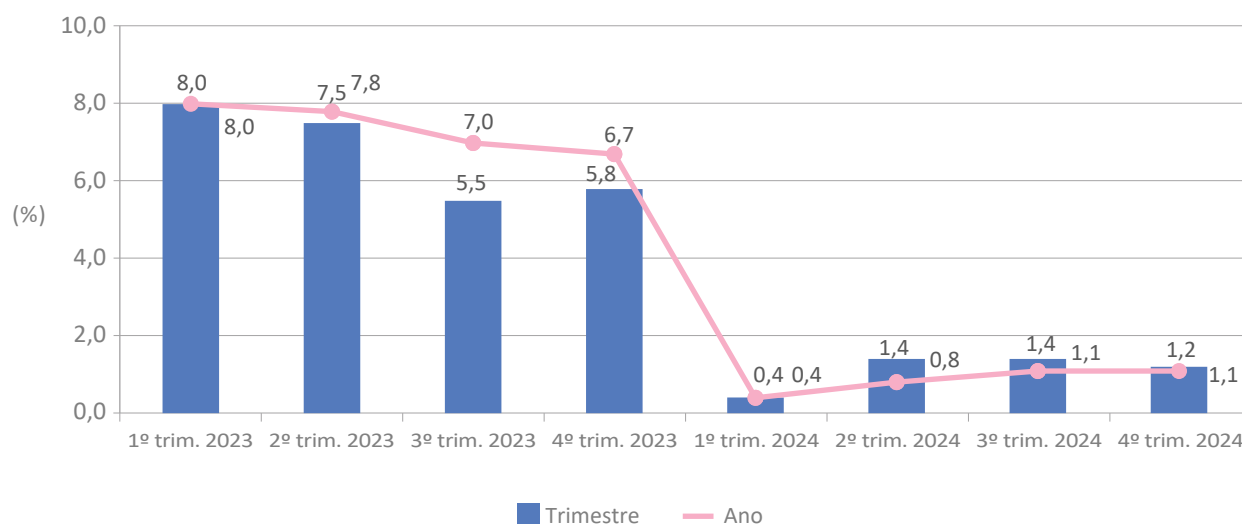
Nesse aspecto, os dados apresentados pela pesquisa sobre comércio varejista no quarto trimestre de 2024 mostram que o setor manteve as vendas aquecidas. Entretanto, no primeiro trimestre de 2025, esse cenário deve se modificar, pois os incentivos verificados no primeiro trimestre de 2024, como pagamento de precatórios, não deverão se repetir. Quanto à inflação e aos juros, devem continuar em trajetória de expansão, resultando no comportamento mais tímido dos consumidores.

## Serviços

Rosângela Conceição  
rosangela@sei.ba.gov.br

De acordo com os resultados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sistematizados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o volume de serviços na Bahia, quando comparado com o quarto trimestre do ano anterior, marcou crescimento de 1,2%, mantendo a aceleração iniciada no segundo trimestre de 2021 (28,4%). Essa é a 15ª taxa positiva consecutiva para esse tipo de comparação. Cabe destacar que essa variação seguiu a mesma tendência que a média nacional (3,7%) (Gráfico 1).

**Gráfico 1**  
**Volume de serviços(1)(2)**  
**Bahia – 1º trim. 2023-4º trim. 2024**



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Notas: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

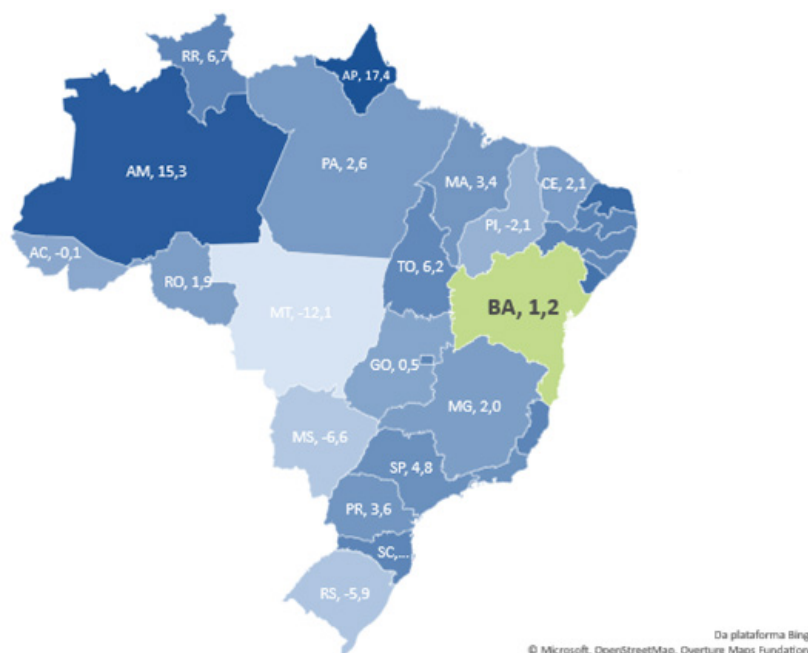
(2) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

Nessa análise, três das cinco atividades alavancaram o volume de serviços, com destaque para o segmento de *Serviços prestados às famílias* (7,9%), que contabilizou a variação mais expressiva, seguido por *Outros serviços* (6,4%) e *Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio* (5,7%). Por sua vez, *Serviços profissionais, administrativos e complementares* (-8,5%) e *Serviços de informação e comunicação* (-2,5%) apresentaram recuo.

Na comparação nacional, 23 das 27 Unidades Federativas (UF) contribuíram positivamente para o resultado geral do país (3,7%). As variações mais expressivas em termos regionais

ocorreram no Amapá (17,4%), seguido por Amazonas (15,3%), Rio Grande do Norte (12,6%) e Sergipe (10,5%). Nessa comparação, a Bahia (1,4%) contabilizou a 21ª posição entre as UF. Em contrapartida, Mato Grosso (-12,1%), Mato Grosso do Sul (-6,6%) e Rio Grande do Sul (-5,8%) registraram as variações negativas mais expressivas (Figura 1).

**Figura 1**  
**Volume de serviços, por unidades da Federação(1)**  
**Bahia – 4º trim. 2024-4º trim. 2023**



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

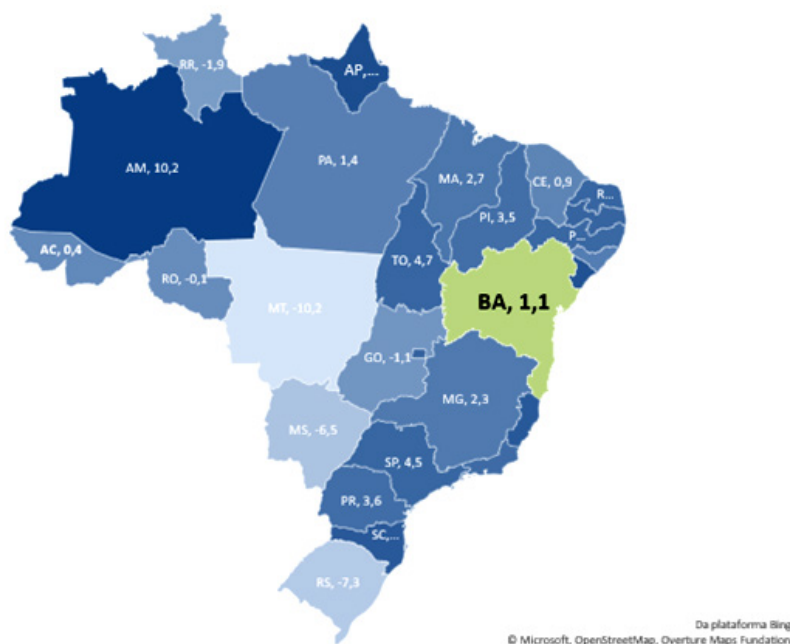
Nota: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

O volume da Bahia avançou 1,1% no acumulado do ano de 2024, em relação ao mesmo período do ano anterior. Nessa análise, duas das cinco atividades alavancaram o volume de serviços, com destaque para a atividade de *Serviços prestados às famílias* (7,9%), que contabilizou a variação mais expressiva, seguida por *Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio* (1,0%). Por sua vez, três das cinco atividades do setor puxaram o volume de serviços para baixo: *Outros serviços* (-1,5%), *Serviços profissionais, administrativos e complementares* (-0,8%) e *Serviços de informação e comunicação* (-0,5%).

Na comparação nacional, 21 das 27 UF contribuíram positivamente para o resultado geral do país (2,9%). As variações mais expressivas em termos regionais ocorreram no Amazonas (10,2%), Amapá (7,7%), Sergipe (7,1%) e Espírito Santo (6,2%). Nessa comparação, a Bahia (1,1%) contabilizou a 19ª posição entre as UF. Em contrapartida, Mato Grosso (-10,2%), Rio

Grande do Sul (-7,3%) e Mato Grosso do Sul (-6,5%) registraram as principais variações negativas (Figura 2).

**Figura 2**  
**Volume de serviços, por unidades da Federação(1)**  
**Bahia – 1º trim.-4º trim. 2024/1º trim.-4º trim. 2023**



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).  
 Elaboração: SEI/Distat/CAC.  
 Nota: (1) Variação acumulada do ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

Seguindo a mesma tendência do volume e confirmando o bom desempenho do setor, conforme as informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), de responsabilidade do Ministério do Trabalho e Previdência, sistematizadas pela SEI, o setor de serviços contabilizou 85.326 novos postos de trabalho com carteira assinada na Bahia em 2024. Esse resultado é superior ao de 2023, em que havia sido registrado 71.100 novos empregos celetistas.

Segundo a Secretaria da Fazenda do Estado da Bahia (Sefaz), o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) do setor de Serviços no estado totalizou cerca de R\$ 4,9 bilhões no ano de 2024, com retração nominal de 11,4% em relação ao ano anterior, o que representa uma redução de mais de R\$ 628 milhões na arrecadação do estado, puxado pela atividade de *Serviços de utilidade pública* (-18,6%), que representa 80,0% do total.

Cabe destacar que, apesar do resultado positivo tanto do volume quanto da geração de novos postos de trabalho, a desaceleração do setor impactou na arrecadação do estado. E a

perspectiva para os próximos meses é de manutenção de uma taxa positiva mais modesta no volume de serviços, pois as pesquisas de sondagens empresariais já divulgadas apontam para essa direção. Esse cenário é reforçado pela expectativa da sondagem empresarial da FGV<sup>1</sup>, segundo a qual, o Índice de Confiança de Serviços (ICS) do FGV/IBRE ficou estável ao variar -0,1 ponto em fevereiro, passando para 91,7 pontos. Na média móvel trimestral, o índice recuou 1,1 ponto.

O resultado de fevereiro da sondagem de serviços aponta ligeira melhora na percepção sobre o presente, mas mantém o cenário de cautela com os próximos meses. Apesar da parcial recuperação dos indicadores sobre o mês corrente, fica marcada a piora na avaliação da demanda por serviços prestados às famílias, mais sensíveis ao ritmo da inflação e ao poder de compra da população. Em relação ao futuro de longo prazo, os empresários aprofundam o pessimismo com o ritmo dos negócios para o ano de 2025. O cenário macroeconômico indica pressões nos preços dos alimentos num ambiente de taxa de juros elevada e incerteza econômica, fatores que podem prolongar a percepção negativa sobre o setor de serviços (Stéfano Pacini, 2025)<sup>2</sup>.

1 [https://portalibre.fgv.br/system/files/divulgacao/noticias/mat-complementar/2025-02/Press%20Release\\_ICS\\_fev25.pdf](https://portalibre.fgv.br/system/files/divulgacao/noticias/mat-complementar/2025-02/Press%20Release_ICS_fev25.pdf)

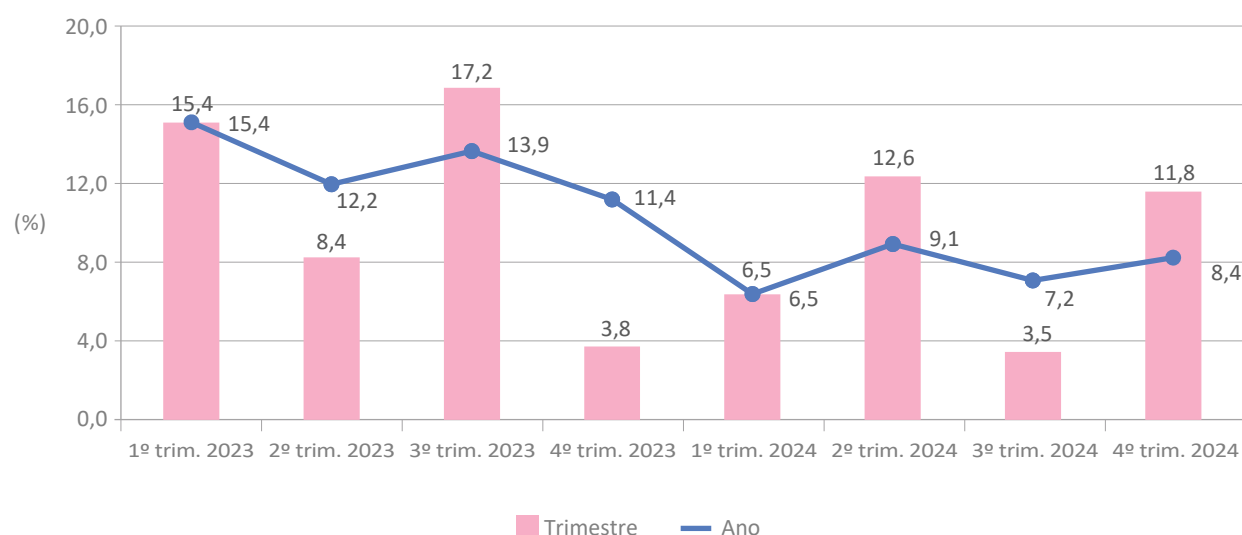
2 Para mais informações ver a respeito: Confiança de Serviços ficou estável em fevereiro. Disponível em: <https://portalibre.fgv.br/noticias/confianca-de-servicos-ficou-estavel-em-fevereiro>.

## TURISMO

Rosângela Conceição  
rosangela@sei.ba.gov.br

De acordo com os resultados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sistematizados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o volume das atividades turísticas<sup>1</sup> na Bahia, quando comparado com o quarto trimestre do ano de 2023, marcou expansão de 11,8%, mantendo a aceleração iniciada no segundo trimestre de 2021 (177,6%). Essa é a 15ª taxa positiva para esse tipo de comparação (Gráfico 1).

**Gráfico 1**  
**Volume das atividades turísticas(1)(2)**  
**Bahia – 1º trim. 2023-4º trim. 2024**



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Notas: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

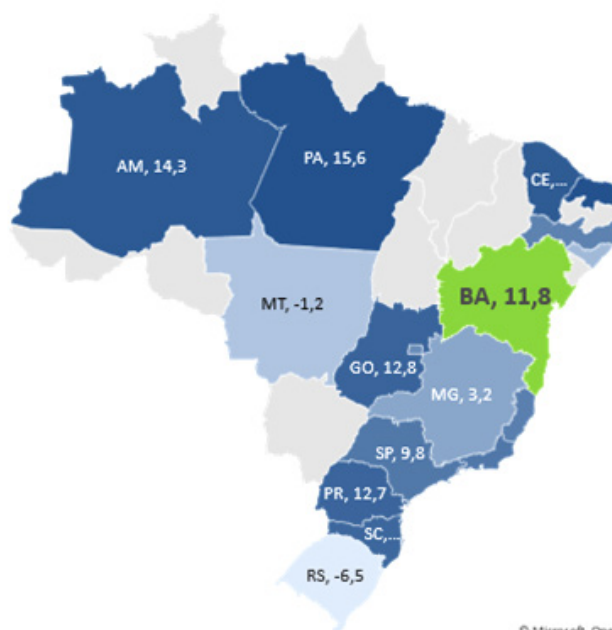
(2) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

O volume do agregado especial das atividades turísticas no Brasil cresceu 9,4%, no quarto trimestre do ano de 2024, ante igual período de 2023. Regionalmente, 15 dos 17 locais pesquisados mostraram avanço nos serviços voltados ao turismo. Destacaram-se, em termos de variações mais expressivas, Pará (15,6%), Rio Grande do Norte (15,6%) e Amazonas (14,3%). Nessa comparação, a Bahia (11,8%) ocupou a oitava posição entre os locais

<sup>1</sup> Agregado especial que abrange as seguintes atividades: serviços de alojamento e alimentação; serviços culturais, de recreação e lazer; locação de automóveis sem condutor; agências de viagens e operadoras turísticas e transportes turísticos (transporte rodoviário de passageiros em linhas regulares intermunicipais, interestaduais e internacionais; trens turísticos, teleféricos e similares; transporte por navegação interior de passageiros, em linhas regulares; outros transportes aquaviários e transporte aéreo de passageiros).

investigados, superando a média nacional. As influências negativas ficaram com Rio Grande do Sul (-6,5%) e Mato Grosso (-1,2%) (Figura 1).

**Figura 1**  
**Volume de atividades turísticas(1)**  
**Bahia – 4º trim. 2024/4º trim. 2023**



Da plataforma Bing  
© Microsoft, OpenStreetMap, Overture Maps Foundation

Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Notas: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

O mercado de trabalho formal acompanhou a mesma tendência apresentada pelo volume das atividades turísticas. De acordo com as informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), de responsabilidade do Ministério do Trabalho e Emprego, sistematizadas pela SEI, o setor de turismo incorporou 2.520 novos postos de trabalho com carteira assinada na Bahia, no quarto trimestre de 2024, decorrente da diferença entre 18.505 admissões e 15.981 desligamentos. Tal resultado, entretanto, revelou-se inferior ao de um ano antes, já que o saldo no conjunto dos meses de outubro a dezembro de 2023 havia sido de 3.727 empregos celetistas.

No quarto trimestre de 2024, na Bahia, dos 27 subsetores da atividade econômica do turismo<sup>2</sup>, 18 exibiram saldo positivo, sete registraram resultado negativo e dois ficaram com saldo nulo. No referido intervalo, os melhores resultados despontaram em *Restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas* (+1.789 vagas), *Hotéis e similares* (+772

<sup>2</sup> Referem-se às classes CNAE 2.0 considerando todos os municípios da Bahia, não apenas os das zonas turísticas.

postos) e *Transporte rodoviário coletivo de passageiros, com itinerário fixo, intermunicipal, interestadual e internacional* (+309 vínculos). Por sua vez, *Locação de automóveis sem condutor* (-544 postos), *Transporte rodoviário de táxi* (-142 empregos) e *Transporte rodoviário coletivo de passageiros, sob regime de fretamento, e outros transportes rodoviários não especificados anteriormente* (-76 vagas) foram aqueles com os menores saldos, todos exibindo mais desligamentos do que admissões.

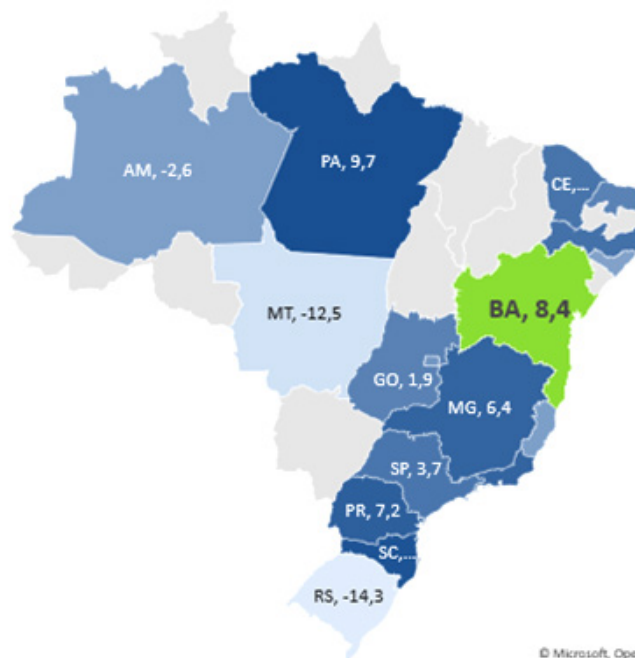
No que diz respeito exclusivamente ao conjunto das 13 zonas turísticas do estado da Bahia, constatou-se, no quarto trimestre de 2024, o surgimento líquido de 2.490 empregos com carteira assinada (diferença entre 17.296 admissões e 14.806 desligamentos). Dessa maneira, houve uma conjuntura menos pujante em termos de geração de postos de trabalho comparativamente àquela averiguada no mesmo trimestre do ano imediatamente antecedente, quando 3.319 novos vínculos celetistas haviam sido estabelecidos nesse recorte geográfico. Com a mesma tendência positiva, a zona turística que mais registrou aumento no número de trabalhadores formais foi a Costa do Descobrimento (+1.130 vagas).

Cabe destacar que a atividade turística no quarto trimestre de 2024 foi impulsionada pelas festas populares e religiosas, como a Novena de Santa Luzia, a Festa de Santa Bárbara, a Novena em Honra a Nossa Senhora da Conceição da Praia, a Festa do Bom Jesus dos Navegantes e outras. Também contribuíram as festas natalinas e a da virada de ano, realizadas na capital baiana e em grande parte dos municípios do estado. Com isso, a promoção desses eventos colaborou consideravelmente para o bom desempenho do setor.

O volume das atividades turísticas no Brasil cresceu 3,7% no acumulado do ano de 2024, ante igual período de 2023. Onze dos 17 locais investigados também registraram taxas positivas, em que sobressaíram os ganhos vindos do Pará (9,7%), Santa Catarina (9,0%) e Bahia (8,4%). Nessa comparação, a Bahia manteve a expansão contabilizada no ano anterior. O estado apontou a terceira posição entre os locais investigados, superando a média nacional. Em sentido oposto, Rio Grande do Sul (-14,3%), Mato Grosso (-12,5%) e Alagoas (-3,0%) registraram resultados negativos (Figura 2).

O setor de Turismo na Bahia gerou 5.173 postos de trabalho com carteira assinada no acumulado do ano de 2024, impulsionado, principalmente, pelas atividades de *Restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas*, *Hotéis e similares* e *Transporte rodoviário coletivo de passageiros, sob regime de fretamento, e outros transportes rodoviários não especificados anteriormente*. Esses segmentos foram os subsetores com as maiores expansões, contabilizando 3.347, 754 e 296 novos vínculos formais, respectivamente. Com a mesma tendência positiva, a zona turística que mais registrou aumento no número de trabalhadores formais foi a Baía de Todos-os-Santos (+1.473 postos).

**Figura 2**  
**Volume de atividades turísticas(1)**  
**Bahia – 1º trim.-4º trim. 2024/1º trim.-4º trim. 2023**



Da plataforma Bing  
 © Microsoft, OpenStreetMap, Overture Maps Foundation

Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Notas: (1) Variação acumulada do ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

Em 2025, a expectativa é de manutenção do crescimento do setor de Turismo para o primeiro trimestre, com taxa significativa, influenciado pelo Carnaval em Salvador, o Festival de Arembepe em Camaçari, além das festas populares e religiosas em grande parte dos municípios baianos. Além disso, há também a realização dos cruzeiros marítimos para a temporada de 2024 e 2025, com estimativa de atrair grande quantidade de turistas para a capital baiana, contribuindo positivamente para a ampliação do setor nesse período.

## Comércio exterior

Arthur Souza Cruz Júnior  
arthurcruz@sei.ba.gov.br

Lázaro Enzo Lima Barbosa  
lazarobarbosa@sei.ba.gov.br

O comércio global recuperou-se com previsão de 2,7% de crescimento em 2024, segundo prognóstico da Organização Mundial do Comércio (OMC), após retrain 1,2% em 2023. Os conflitos na Ucrânia e no Oriente Médio, com consequências negativas nos preços das *commodities* e no transporte mundial, em especial no Canal de Suez, continuaram afetando os negócios. No entanto, o mercado adaptou-se às novas circunstâncias. Em termos de valor, houve um aumento de US\$ 1 trilhão, ou 3,3%, para US\$ 33 trilhões, de acordo com a Agência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (Unctad), impulsionado principalmente pelo avanço de 7,0% nos serviços e de apenas 2,0% nas mercadorias.

A retomada é desigual. As grandes economias apresentaram variações mais modestas nas exportações, de 5,0% no caso da China e 3,0% nos Estados Unidos, enquanto as importações chinesas cresceram apenas 2,0% e as americanas, 5,0%.

Na análise por produto, as exportações globais do agronegócio caíram 1,0%; as de metais, 3,0%; e as de minerais 1,0%. Por sua vez, os embarques de produtos de tecnologia da informação e têxteis cresceram 13,0% e 14,0%, respectivamente.

Para 2025, a OMC espera expansão mais forte do comércio global de mercadorias, devendo chegar a 3,0%. Porém, essa previsão foi feita antes da eleição de Donald Trump para presidente dos EUA. Nessa ocasião já se cogitavam os crescentes riscos geopolíticos e as incertezas relativas às políticas econômicas que ameaçam e tornam incerta a projeção para o próximo ano.

Uma das promessas eleitorais de Trump foi a de reativar a política protecionista do seu primeiro mandato sob o lema "Make America Great Again". Após tomar posse, ele impôs uma tarifa geral de 10,0% sobre os produtos da China, país considerado inimigo número um da economia norte-americana. Trump ainda anunciou tarifas de 25,0% sobre as importações de países vizinhos como o México e o Canadá, que foram posteriormente suspensas por um mês após negociações.

Questões ideológicas podem influenciar negativamente a relação entre Brasil e EUA. Mas, mesmo antes de Trump assumir a presidência, já existiam pontos sensíveis, como a tarifa de 20,0% ao etanol norte-americano, o uso de equipamentos da chinesa Huawei na rede 5G no Brasil, e a proteção de indicação geográfica solicitada pela União Europeia (UE) e concedida pelo Brasil.

A situação da economia chinesa influirá, de forma consistente, no comércio global em 2025. A China tem desacelerado aos poucos desde 2007 e a estimativa é que, após crescer cerca de 5,0% em 2024, o PIB deve aumentar entre 4,0% e 4,5% em 2025. A pressão comercial de Trump vai agravar os problemas de Pequim. Com isso, o protecionismo deve ser ampliado.

Guiado mais pela geopolítica e medidas protecionistas unilaterais, o comércio global está transformando-se em arma na competição entre os países, deixando em segundo plano os objetivos de crescimento econômico, criação de empregos, segurança alimentar e parceria entre as nações.

O comércio exterior mundial tem passado por uma transformação profunda, motivada por três grandes mudanças. Primeiramente, as novas tecnologias que redefinem as vantagens comparativas dos países e os tipos de bens que produzem e exportam. Em segundo lugar, o renascimento do comércio ativista e das políticas industriais que ameaça provocar distorções nos fluxos comerciais e desencadear medidas retaliatórias. E, por fim, a escalada nas tensões pelo mundo que pode levar à possibilidade de fragmentar a economia mundial em linhas geopolíticas.

A força combinada dessas mudanças pode remodelar os padrões comerciais internacionais, marcando um claro afastamento em relação ao cenário econômico mundial que definiu os últimos 30 anos. Embora a natureza em evolução da globalização esteja no centro dos atuais debates, o foco tem-se limitado principalmente às necessidades e preocupações das economias avançadas em detrimento das economias em desenvolvimento.

Sem dúvida, o novo cenário econômico mundial ainda está em formação. No entanto, está cada vez mais evidente que a natureza em evolução da globalização dificultará a repetição dos chamados 'milagres' do crescimento baseado nas exportações das últimas décadas.

Se o comércio exterior foi desafiador tanto para o país como para a Bahia em 2024, o ano de 2025 pode não ser diferente. As perspectivas estão condicionadas a fatores internos e externos. No âmbito doméstico, o projetado aumento da safra agrícola favorece o crescimento das exportações de *commodities* e deve impulsionar os embarques.

A desvalorização do Real, com o Dólar em torno de R\$ 6,00, pode favorecer os exportadores nacionais ao tornar os produtos brasileiros mais competitivos no mercado externo. Contudo, esse benefício pode ser reduzido pela inflação e pela volatilidade cambial, fatores que prejudicam o planejamento de longo prazo no comércio exterior. Apesar da previsão de desaceleração da economia doméstica e do Dólar elevado, as importações podem se manter em crescimento.

No entanto, o fator mais importante para definir o cenário será a política comercial a ser implementada pelo novo governo norte-americano. Embora Trump ainda esteja no campo da retórica, já demonstrou que pretende realizar suas propostas. Assim, caso elas se confirmem, pode haver uma onda de protecionismo, com repercussão internacional.

Após o desempenho recorde de 2023, o saldo da balança comercial brasileira encolheu em 2024. A desvalorização do Real não impulsionou o valor das exportações, que recuaram 0,8%, para US\$ 337,046 bilhões, nem arrefeceu as importações, que saltaram 9,2%, para US\$ 262,870 bilhões. O superávit comercial ficou em US\$ 74,18 bilhões, uma queda de 25,0% em relação ao ano de 2023.

Ainda assim, o superávit de 2024 foi o segundo maior da série histórica e superou as previsões do governo, após o recorde de US\$ 98,9 bilhões de 2023. Esse resultado interrompeu uma trajetória pouco expressiva, com resultados estacionados entre US\$ 50 bilhões e US\$ 60 bilhões nos primeiros anos desta década. A diminuição da receita das exportações brasileiras em 2024, na comparação com 2023, é consequência do recuo de 1,7% dos preços dos produtos embarcados, já que houve aumento de aproximadamente 1,0% do volume exportado.

O resultado teria sido pior não fosse o salto inédito das exportações de petróleo, que ultrapassaram, em valor, as da soja e de outras *commodities* agrícolas, tornando-se o principal produto da pauta de exportação brasileira. As exportações de óleos brutos de petróleo superaram a soja em novembro e, ao final do ano, totalizaram US\$ 44,96 bilhões, com crescimento de 5,5%. Já os embarques de soja tiveram queda de 3,0%, somando US\$ 42,94 bilhões, em consequência da redução da safra anterior e da queda dos preços internacionais. Minério de ferro, outro item tradicional, também teve queda de 2,6%, totalizando US\$ 26,57 bilhões.

A *Indústria de transformação* atingiu o volume de US\$ 181,9 bilhões exportados pela primeira vez desde o início da série histórica, em 1997. Entre os produtos, destacaram-se *bens de alta tecnologia*, como aeronaves e partes, cujo salto foi de 22,7%, alcançando US\$ 4,4 bilhões em 2024, vendidos para mercados como os Estados Unidos e a União Europeia.

Quanto às importações, chamaram a atenção as compras de *bens de capital*, estimuladas pela redução de preços, que somaram US\$ 35,7 bilhões em 2024, o maior patamar da série, com crescimento de 20,6% em relação a 2023. Essas aquisições foram consideradas como indicativo de aumento dos investimentos, geralmente baixos no país. O salto de 43,2% nas importações de automóveis de passageiros, no total de US\$ 8,29 bilhões, foi outro destaque e sinal do avanço dos veículos elétricos no mercado.

A significativa redução do superávit com a China, maior parceiro comercial brasileiro, para US\$ 30,7 bilhões, depois dos US\$ 51,1 bilhões alcançados em 2023, foi em parte equilibrada pela ampliação dos negócios com outros destinos, inclusive a Ásia. O superávit com a Argentina, maior parceiro comercial na América Latina, diminuiu de US\$ 4,7 bilhões em 2023 para US\$ 200 milhões em 2024, como consequência dos problemas econômicos da economia desse país. Já o déficit comercial com os Estados Unidos diminuiu para US\$ 283 milhões, em comparação com o montante de US\$ 1 bilhão registrado em 2023.

Em relação às medidas protecionistas do novo governo dos EUA, o Brasil aparentemente adotou uma política cautelosa, optando por esperar os desdobramentos antes de agir. O governo brasileiro confia nos vínculos empresariais e nos mecanismos de diálogo existentes, utilizados anteriormente. Considera-se ainda que o Brasil não está na mira do governo americano, uma vez que responde apenas pelo sexto maior superávit dos EUA, somando mercadorias e serviços. Ainda assim, trata-se de uma aposta arriscada. De toda forma, um dos alvos mais evidentes dos americanos é a China – que por sua vez, é o principal parceiro comercial do Brasil –, o que indica que haverá repercussões também aqui. Dessa forma, o Brasil precisará reforçar sua diversificação, especialmente em mercados emergentes, e parcerias com países como o México, onde programas tarifários abrem espaço para maior exportação de alimentos processados e outros produtos.

A dificuldade de prever o resultado da balança comercial em 2024, no entanto, revela a insegurança do governo. A primeira estimativa da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) é que o superávit da balança comercial vai variar de US\$ 60 bilhões a US\$ 80 bilhões –, previsão inferior à preliminar, feita pela Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), de saldo positivo de US\$ 93 bilhões. No relatório Focus, o prognóstico mais recente foi de saldo de US\$ 75,7 bilhões.

**Tabela 1**  
**Balança comercial**  
**Bahia – Jan./dez. 2023/2024**

(Valores em US\$ 1000 FOB)

| Discriminação        | 2023       | 2024       | Var. % |
|----------------------|------------|------------|--------|
| Exportações          | 11.317.187 | 11.902.089 | 5,17   |
| Importações          | 8.514.077  | 10.675.132 | 25,38  |
| Saldo                | 2.803.110  | 1.226.957  | -56,23 |
| Corrente de comércio | 19.831.265 | 22.577.221 | 13,85  |

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 10 fev. 2025. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI/Distat/CAC

Obs.: importações efetivas, dados preliminares

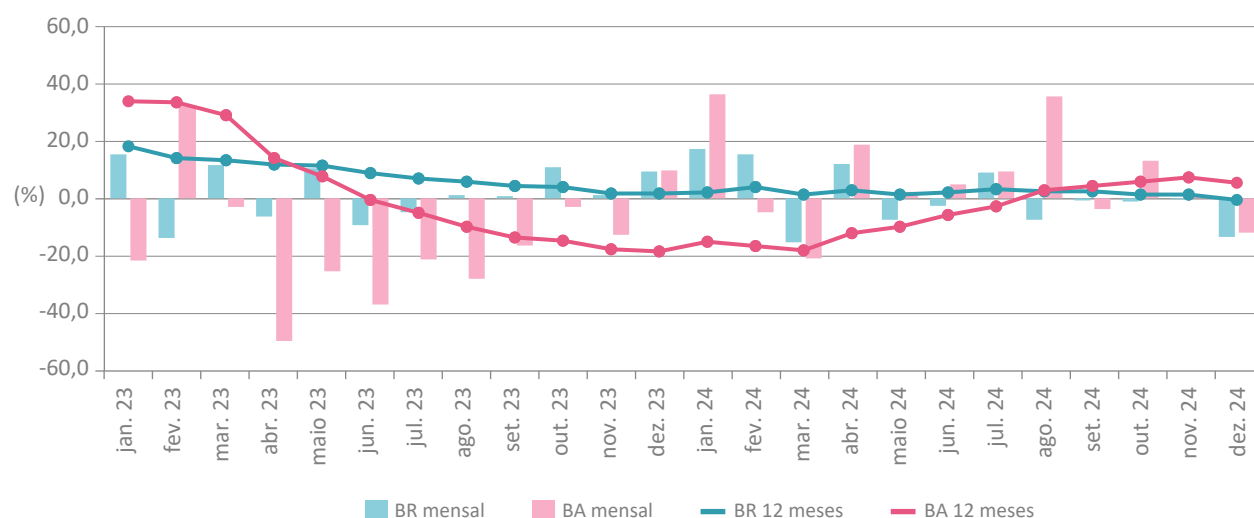
Na Bahia, as vendas externas alcançaram US\$ 11,90 bilhões, com um crescimento de 5,2% em 2024 em relação a 2023. Mesmo com as oscilações nos preços das *commodities* e no volume de embarques, 2024 foi o segundo maior da série histórica, só superado pelo ano de 2022, quando as exportações chegaram a US\$ 13,92 bilhões.

O resultado das exportações em 2024 foi positivo pela manutenção do patamar elevado, mesmo com as dificuldades enfrentadas ao longo do ano, como as incertezas econômicas e o enfraquecimento dos preços gerais das *commodities*, que permaneceram débeis ou estáveis, principalmente devido à desaceleração econômica da China.

Ainda assim, o aumento no valor exportado em 2024 foi resultado da resiliência nos preços médios, que melhoraram no geral 6,0% em relação ao ano anterior. Essa melhora foi verificada principalmente em alguns produtos importantes da pauta de exportação, como celulose, derivados de petróleo, minerais, metais preciosos, derivados de cacau e café, dentre os mais importantes, o que fez compensar a queda no volume exportado em 0,65%.

A Bahia continua liderando as exportações do Nordeste, com 47,3% de participação nas vendas externas da região, 1,9 ponto percentual a mais que em 2023. O desempenho das exportações tem desdobramentos positivos na economia baiana, dinamizando a atividade econômica do estado em diversos setores, especialmente na Agropecuária, e em segmentos como a *Indústria de transformação*, relevantes vocações do estado.

**Gráfico 1**  
**Variação do Comércio Exterior – Exportações**  
**Bahia/Brasil – 2023/2024**



Fonte: MDIC/Secex.  
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

No quarto trimestre, as exportações baianas alcançaram US\$ 3,2 bilhões, 0,41% acima do alcançado no mesmo período do ano anterior – reflexo do aumento nos preços, mesmo que em ritmo menor que a média do ano (3,6% contra 6,0% na média anual), como também de uma queda maior do volume exportado (-3,1%, contra -0,65%) no ano, o que já demonstra uma desaceleração da demanda externa no período, causada pelas tensões mundiais e a desaceleração do crescimento da economia chinesa.

Nesse ano, o destaque foi o desempenho da *Indústria de transformação*, que voltou a crescer e a liderar a pauta com exportações de US\$ 5,72 bilhões e aumento de 3,5% ante o ano de 2023. Nesse período, as exportações agropecuárias baianas atingiram US\$ 4,62 bilhões, com crescimento de 3,1%, mesmo com uma estimada queda de 6,3% na produção física de grãos. No caso da *Indústria extrativa*, houve aumento de 19,4%, totalizando US\$ 1,46 bilhão, com destaque para as vendas de ouro e minério de cobre.

Os preços médios dos produtos embarcados pelo estado em 2024 oscilaram positivamente 3,33 pontos percentuais em relação ao terceiro trimestre, e terminaram o ano com uma variação positiva de 6,0%.

A forte depreciação do Real, especialmente a partir de junho, mudou o cenário de rentabilidade para vários setores exportadores no segundo semestre do ano. A escalada recente do Dólar ante o Real, atingindo o maior valor nominal da história em dezembro, provavelmente produziu efeitos positivos nos resultados do quarto trimestre das empresas que exportam *commodities*, principalmente as dos setores de petróleo e gás, mineradoras e de celulose.

Essas empresas têm vantagem dupla por conta da alta do Dólar, que acumula valorização de mais de 12,0% desde o início do quarto trimestre e de 25,0% desde o começo do ano de 2024. Por um lado, as receitas aumentaram, uma vez que seus preços médios subiram, e, por outro, os custos caíram por serem indexados à moeda. Com a desvalorização ocorrida no final desse ano, mesmo as empresas de outros setores, que estão com preços negativos, garantiram maior rentabilidade.

Na análise por segmento, a liderança da pauta de exportação do estado permaneceu com a soja e seus derivados, com vendas de US\$ 2,97 bilhões (queda de 4,1%), representando 64,3% das vendas do setor Agropecuário e, aproximadamente, 25% das exportações estaduais.

Os embarques registraram incremento de 14,7%, o que não chegou a compensar a queda nos preços médios, que alcançou 16,4% no ano de 2024 em relação a 2023. Os embarques de soja subiram no comparativo anual, mesmo com a redução da safra 2023/2024, estimada em 34 mil toneladas, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

**Tabela 2**  
**Exportações baianas – principais segmentos**  
**Jan./dez. 2023/2024**

| Segmentos                  | Valores (US\$ 1000 FOB) |            | Var. % | Part. % | Var. % Preço médio |
|----------------------------|-------------------------|------------|--------|---------|--------------------|
|                            | 2023                    | 2024       |        |         |                    |
| Soja e derivados           | 3.098.052               | 2.969.881  | -4,14  | 24,95   | -16,43             |
| Petróleo e derivados       | 2.433.389               | 2.315.258  | -4,85  | 19,45   | 3,94               |
| Papel e celulose           | 1.247.175               | 1.506.771  | 20,81  | 12,66   | 21,13              |
| Químicos e petroquímicos   | 629.521                 | 881.964    | 40,10  | 7,41    | -3,54              |
| Algodão e seus subprodutos | 969.974                 | 852.384    | -12,12 | 7,16    | -0,42              |
| Metais preciosos           | 639.363                 | 769.286    | 20,32  | 6,46    | 123,13             |
| Minerais                   | 584.050                 | 691.097    | 18,33  | 5,81    | 88,61              |
| Cacau e derivados          | 198.283                 | 434.060    | 118,91 | 3,65    | 116,34             |
| Café e especiarias         | 192.350                 | 330.347    | 71,74  | 2,78    | 17,66              |
| Metalúrgicos               | 286.546                 | 268.467    | -6,31  | 2,26    | 5,90               |
| Frutas e suas preparações  | 346.054                 | 229.662    | -33,63 | 1,93    | -30,81             |
| Borracha e suas obras      | 191.400                 | 183.944    | -3,90  | 1,55    | 13,60              |
| Demais segmentos           | 501.027                 | 468.969    | -6,40  | 3,94    | -16,58             |
| Total                      | 11.317.183              | 11.902.089 | 5,17   | 100,00  | 5,86               |

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 10 fev. 2025. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br>  
 Elaboração: SEI/Distat/CAC.

A queda na produção foi causada principalmente por fatores climáticos, como atraso de chuvas e altas temperaturas, porém sem reflexos no volume exportado.

Para a safra 2024/2025, a produção de grãos deve crescer 7,4% em comparação com o ciclo 2023/2024, com destaque para uma previsão de recorde de soja, segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), que deve alcançar 8,13 milhões de toneladas.

O algodão foi o quarto setor mais importante da pauta de exportação baiana em 2024, com vendas de US\$ 882 milhões e aumento expressivo de 40,1% nas receitas. O alto volume embarcado, de 45,2%, foi determinante para o desempenho, já que os preços médios caíram 3,5% no comparativo anual.

Nessa safra, a Bahia consolidou-se como o segundo estado em produção no país, atrás apenas do Mato Grosso, enquanto que o Brasil ultrapassou os Estados Unidos e se tornou o maior exportador da *commodity*, com uma produção de 3,68 milhões de toneladas de algodão na safra 2023/2024, 16,0% acima da anterior. O recorde é resultado de fatores que englobam investimentos em tecnologia, incremento da produtividade, questões climáticas e promoção do setor no exterior.

Em 2024, o setor foi beneficiado pela queda da produção em outros países. Desde maio, as cotações têm oscilado num intervalo muito estreito. No fechamento do ano, as cotações

do algodão estiveram em queda no mercado internacional em função da ampla oferta e da demanda enfraquecida.

Após os resultados robustos na safra 2023/2024 do produto, a queda nas cotações da pluma no mercado internacional fez com que grandes produtores do setor considerassem reduzir a área de plantio no próximo ciclo, o de 2024/2025, semeado a partir de dezembro.

O destaque do setor agrícola foi o segmento de *Cacau e derivados*, com vendas de US\$ 434,1 milhões e crescimento de 119,0% ante 2023. O volume embarcado, entretanto, só cresceu 1,2%, resultado da redução na produção física estimada em 7,3%, também por problemas climáticos.

Em 2024, nenhuma *commodity* agrícola valorizou-se tanto quanto o cacau. A crise na oferta e um movimento especulativo que poucas vezes ocorreu nesse mercado foram determinantes para que a principal matéria-prima do chocolate acumulasse alta de 150,0% na Bolsa de Nova York. Os cálculos foram feitos pelo Valor Data, com base na cotação média dos contratos de segunda posição de entrega, papéis que geralmente são os mais líquidos. Para a pauta baiana, o crescimento médio dos preços ficou em 116,3%.

Os fundamentos atuais sugerem que o preço do cacau seguirá em alta, mas especialistas preveem ajustes nas cotações a partir do primeiro trimestre de 2025. Conforme entendimento dos operadores do mercado de cacau, com esse patamar de preço na Bolsa, há um desequilíbrio na cadeia produtiva. As indústrias de chocolates estão reinventando-se nesse momento de alta da cotação da matéria-prima. Os preços ainda devem se manter elevados, mas é esperado um ajuste nas cotações entre US\$ 7 mil e US\$ 9 mil a tonelada.

Ao todo, as exportações da Agropecuária em 2024 atingiram US\$ 4,62 bilhões, com crescimento de 3,1% em relação ao ano anterior. Já as exportações do agronegócio alcançaram US\$ 6,61 bilhões em 2024, aumento de 11,0% no comparativo anual e participação de 55,6% nas exportações estaduais. O volume de embarques também cresceu, mas em percentual um pouco menor, 9,5%.

O segmento de *Derivados de petróleo* atingiu vendas de US\$ 2,3 bilhões em 2024, com queda de 4,8% ante 2023. O volume embarcado foi responsável pelo desempenho negativo, ao registrar redução de 8,5%, já que os preços médios variaram positivamente em aproximadamente 4,0%.

Para 2025, a evolução das cotações internacionais está no radar para o desempenho do setor no curto prazo. A *commodity* já vem registrando um forte avanço, com a preocupação do mercado sobre o fornecimento russo e iraniano, além da perspectiva de maior consumo de

energia para aquecimento devido às temperaturas mais frias no inverno. As estimativas para o desempenho de preços do petróleo no primeiro trimestre giram em torno de US\$ 71 por barril o preço do Brent, em razão das temperaturas mais baixas e das possíveis interrupções nas exportações de petróleo da Rússia e do Irã.

A política protecionista prometida pelo presidente eleito dos Estados Unidos, Donald Trump, pode fazer com que as exportações baianas de derivados de petróleo fiquem ainda mais concentradas na Ásia. Em 2024, 45,0% desses insumos exportados pela Bahia foram para a Ásia, sendo 44,2% para Singapura.

O segmento de *Papel e celulose* atingiu vendas de US\$ 1,51 bilhão em 2024, com crescimento de 20,8% no comparativo anual. O volume embarcado ficou praticamente estável, com leve recuo de 0,3% no ano, com a alta nos preços em média de 21,1% sendo a responsável pelo bom desempenho do setor.

Após acumular alta de quase 26,0% em 2023 no mercado chinês, os preços da celulose de fibra curta (BHKP) estagnaram em 2024, subindo, em média, quase 9,0% ante o mesmo período do ano anterior, de acordo com séries históricas da Fastmarkets RISI, consultoria especializada em indicadores de preços e análises do setor florestal.

O comportamento dos preços ao longo de 2024 não foi linear. Após subirem quase 16,0% ao longo do primeiro semestre – alcançando o pico de US\$ 745 por tonelada na China em junho –, os valores foram recuando desde então.

O ano de 2025 deve começar com os preços da celulose de eucalipto (fibra curta) em níveis mais baixos – em torno de US\$ 545 a tonelada no mercado chinês –, segundo analistas e fontes de mercado. Há uma perspectiva de retomada a partir da segunda metade do ano, quando oferta e demanda devem alcançar certo equilíbrio, abrindo espaço para a recomposição de estoques.

As correções foram impulsionadas, principalmente, pela entrada de novos volumes no mercado. Em julho de 2024, a Suzano deu início às operações do Projeto Cerrado, em Ribas do Rio Pardo (MS), que vai adicionar 2,55 milhões de toneladas anuais de celulose de eucalipto no mercado. A estimativa para 2024 era produzir 900 mil toneladas na unidade, com vendas de 700 mil toneladas.

Na China, a Liansheng Pulp and Paper, empresa relativamente nova na indústria, também colocou em operação uma nova linha, que elevará a 3,9 milhões de toneladas por ano sua capacidade de produção integrada de celulose e papel em um complexo fabril na província de Fujian.

Atualmente, o preço líquido da celulose de fibra curta (BHKP) está estável na China, em US\$ 545 a tonelada, segundo pesquisa semanal da Fastmarkets.

O segmento petroquímico atingiu vendas de US\$ 852,4 milhões em 2024, com queda de 12,1%. O volume embarcado também caiu em 11,8%, enquanto que os preços médios variaram negativamente em 0,4% no comparativo interanual.

O ciclo de baixa atípico enfrentado pela indústria petroquímica global elevou os riscos de fechamento de fábricas no Brasil. Pressionado por importações crescentes, que já respondem por 45,0% do consumo aparente nacional, o ramo tem assistido a um maior distanciamento, em termos de competitividade, entre o produto brasileiro e o importado, diante do custo mais alto de matérias-primas e energia no mercado local.

A indústria química brasileira está pressionada, com seu déficit aumentando a participação de mercado no Brasil. Além disso, os investimentos e o uso da capacidade instalada estão cada vez menores. Grandes mercados, como EUA e União Europeia, adotaram medidas protecionistas nesse cenário predatório, de modo que economias abertas como a dos países da América Latina, sobretudo o Brasil, tornaram-se destino certo para excedentes de produção de países asiáticos, abalando diferentes segmentos da economia nacional.

Na Braskem, ainda não há decisão tomada sobre fechamento ou suspensão de operações, mas essa é uma possibilidade em avaliação. A grande dificuldade, no caso dessa petroquímica, é que sua produção é integrada, em particular no Brasil e no México, o que torna mais complexa uma decisão nesse sentido.

A indústria química brasileira como um todo não ficou ilesa às pressões vindas do exterior. O ciclo de baixa deve perdurar, segundo consultorias, até 2027. A adição de novas fábricas, principalmente na China, e ainda os custos elevados de energia e matéria-prima na Europa são alguns dos fatores que devem seguir pressionando o setor.

A crise no mercado petroquímico mundial resultou de uma sobrecapacidade de produção em relação à demanda, com um adicional de capacidade de 20,0% no ciclo atual, o que gerou uma pressão de baixa de preços, segundo a Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim).

No Brasil, o governo já teria se dado conta dessa pressão, mas, mesmo com a manutenção do Reiq e a elevação da alíquota do Imposto de Importação, medidas *antidumping* também são necessárias. Isso porque, da mesma forma que a China decidiu ser um grande *player* no mercado de equipamentos para geração de energia eólica e solar, o país asiático pretende se tornar um formador de preços de produtos químicos.

A indústria instalada no país está sofrendo com a importação de produtos que ela consegue produzir. Portanto, medidas de curto prazo não serão suficientes.

As exportações baianas para a China, principal destino dos produtos do estado, cresceram 4,1% em 2024 em relação ao ano anterior, atingindo US\$ 3,36 bilhões ou 28,6% do total exportado pela Bahia em 2023. As vendas totais para a Ásia também lideraram por bloco econômico, com US\$ 5,51 bilhões em vendas e participação de 47,0% do total. Destaque para o vertiginoso aumento das exportações baianas para a Espanha, com um crescimento de 214,1% ante 2023 (US\$ 569 milhões), ocupando por ora o posto de quinto maior mercado para as exportações estaduais, com compras diversificadas de soja e derivados, minério de cobre, produtos químicos, café e frutas.

Apesar de Singapura ter comprado menos (-5,3%), praticamente de um único segmento (*Derivados de petróleo*), permanece na segunda posição como maior importador de produtos do estado, com 10,2% de participação. Os Estados Unidos ocupa a terceira posição, com 7,4% de participação. A UE, embora com queda de 1,4% em suas compras (US\$ 2,1 bilhões), mantém-se na segunda posição como bloco econômico, com 18,0% de participação, só perdendo para a Ásia (US\$ 5,6 bilhões) que, além de acusar crescimento de 6,7% em suas compras no ano anterior, representou quase a metade das vendas baianas em 2024 (47,5%).

## IMPORTAÇÃO

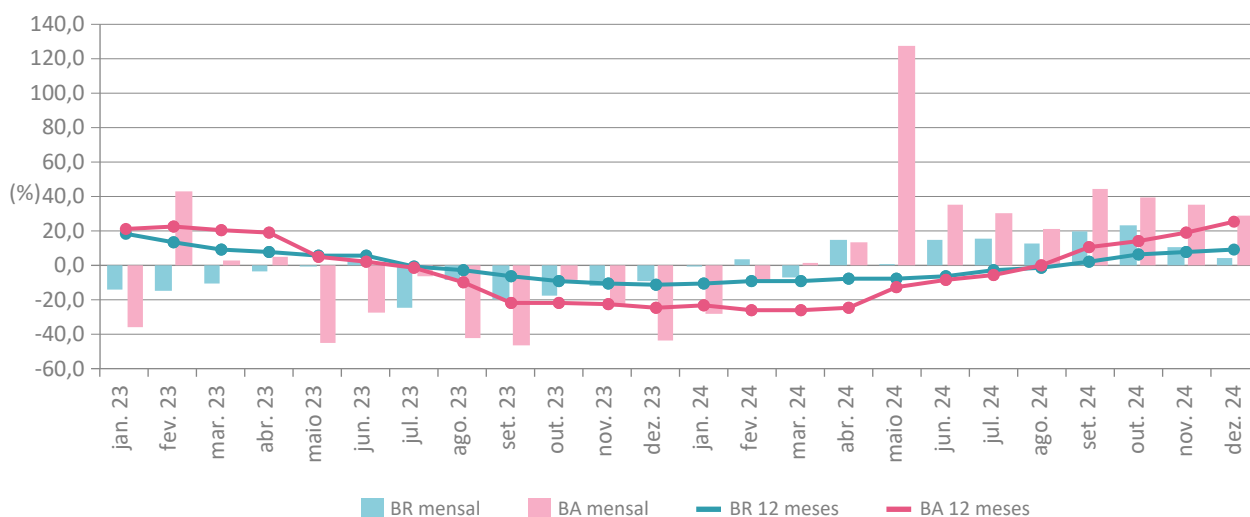
As importações baianas chegaram a US\$ 10,68 bilhões em 2024, alta de 25,4% ante 2023. Também as compras do estado no exterior registraram o segundo maior resultado da série histórica, só superado pelo ano de 2022, quando alcançou US\$ 11,36 bilhões. No mês de dezembro, as importações alcançaram US\$ 601,2 milhões, com aumento de 28,6% no comparativo interanual. A alta das importações em 2024 segue a tendência que vêm ocorrendo mês após mês desde o segundo trimestre do ano anterior.

Ao contrário do que foi registrado nas exportações, os preços médios dos produtos importados caíram 8,6% no ano passado, enquanto o volume de compras aumentou 37,2%.

A forte expansão de 25,4% das importações tiveram significativo peso no aumento de 13,8% na corrente de comércio e contribuíram para a produção e a exportação da Indústria, que avançou 2,7% em 2024.

As compras externas, que nos últimos meses do ano passado evidenciaram uma aceleração acima do esperado, principalmente de combustíveis – gás, petróleo cru e nafta, com aumento anual de 86,0% –, registraram alta bem acima das exportações, mesmo considerando o câmbio desfavorável. Esse comportamento deve-se tanto pela redução de preços como pelo maior ritmo de atividade interna, refletida no aumento do volume de compras.

**Gráfico 2**  
**Variação do Comércio Exterior – Importações**  
**Bahia/Brasil – 2023/2024**



Fonte: MDIC/Secex.  
 Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Em 2024, as compras de *bens intermediários* lideraram as importações, com 49,5% de participação, mas apresentaram ligeira redução de 0,7% nos desembolsos, reflexo da redução dos preços dos insumos, já que o volume desembarcado desses produtos no período cresceu 20,0%. Os *combustíveis* representaram 44,3% do total das compras do estado e foram responsáveis pelo salto das compras externas no ano ao registrarem incremento de 85,8% no comparativo interanual.

Houve aumento também nas compras de *bens de capital* em 1,6% e de *bens de consumo* em 4,5%. A quantidade importada, principalmente desses produtos, se acelerou independentemente da depreciação do Real ante o Dólar, ocorrida de forma mais aguda no último trimestre de 2024, principalmente, via redução de preços, bastante influenciado pela China, que, com superoferta em vários produtos e alvo de medidas protecionistas, derrubou preços para desovar produtos em vários mercados.

As compras de *bens de capital*, indicador de dinamismo na atividade econômica, estimuladas pela redução de preços, somaram US\$ 493,8 milhões, atingindo seu maior valor desde 2020. Essas aquisições devem ser consideradas como um indicativo de aumento dos investimentos, geralmente baixos, tanto no país quanto no estado.

Considerando que a redução das cotações de bens no mercado internacional é motivada pelo excesso de oferta, sobretudo de origem asiática, os volumes comprados do exterior devem

continuar positivos, beneficiados também pelo aquecimento da demanda interna. O maior consumo relacionado com o aumento da renda e da produção interna tem impulsionado a produção industrial, que teve incremento de 2,7% em 2024. Por sua vez, o varejo registrou alta de 7,7%, e o setor de serviços apontou crescimento de 1,4%. Esses dois últimos, comparados ao período de janeiro a novembro de 2023, foram influenciados pela continuidade do aumento da massa de renda e da melhora das condições financeiras das famílias.

**Tabela 3**  
**Importações baianas por categoria de uso**  
**Jan./dez. 2023/2024**

(Valores em US\$ 1000  
FOB)

| Discriminação                        | 2023      | 2024       | Var. % | Part. % |
|--------------------------------------|-----------|------------|--------|---------|
| Bens Intermediários (BI)             | 5.322.792 | 5.285.885  | -0,69  | 49,52   |
| Combustíveis e Lubrificantes         | 2.546.658 | 4.732.826  | 85,84  | 44,34   |
| Bens de Capital (BK)                 | 486.207   | 493.836    | 1,57   | 4,63    |
| Bens de Consumo (BC)                 | 154.768   | 161.674    | 4,46   | 1,51    |
| Bens não Especificados Anteriormente | 3.653     | 911        | -75,05 | 0,01    |
| Total                                | 8.514.077 | 10.675.132 | 25,38  | 100,00  |

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 8 jan. 2025. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br>.

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

Para 2025, a esperada desaceleração econômica deve pesar nas importações. As exportações devem ser favorecidas por uma safra agrícola melhor que a de 2024, mas há incerteza sobre preços. Por enquanto, oscilações abruptas de cotações de *commodities* não estão no radar, mas há incerteza sobre o câmbio e também sobre o rumo do conflito comercial entre China e Estados Unidos e o seu impacto na economia global.

## Finanças PÚBLICAS

Gabriel Oliveira Barbosa  
[gabrielbarbosa@sei.ba.gov.br](mailto:gabrielbarbosa@sei.ba.gov.br)

Marília Jane Dourado Campos  
[mariliajane@sei.ba.gov.br](mailto:mariliajane@sei.ba.gov.br)

### Cenário mundial – incertezas na política fiscal

O cenário econômico mundial no último trimestre do ano de 2024, como expressa o título do World Economic Outlook de janeiro de 2025 (*Global Growth: Divergent and Uncertain*), foi marcado, tanto no que se refere ao presente como às expectativas para o futuro breve, pela incerteza e por performances díspares entre os países.

O crescimento econômico global apresenta-se estável, um pouco abaixo das previsões do trimestre anterior, devido ao resultado fraco de algumas nações da Ásia e da Europa. Locomotivas do crescimento mundial dos últimos anos, China e Índia cresceram menos que o esperado. A Alemanha, principal economia da Zona do Euro, cresceu menos que a média da região (já baixa). O Japão também apresentou desaceleração. A grande exceção foram os Estados Unidos que, impulsionados pela expansão do consumo, cresceram 2,7% em dados anualizados.

O processo de desinflação global prossegue, mas há sinais de que o progresso está estagnando em alguns países, e que a inflação elevada é persistente em alguns casos. Em termos medianos globais, a inflação dos bens essenciais tem caído abaixo da tendência, mas a inflação de serviços ainda está acima das médias pré-covid. O crescimento nominal dos salários e outros indicadores do mercado de trabalho estão mostrando sinais de moderação, refletindo o esforço da maioria dos bancos centrais em conter a demanda.

O significativo aumento no custo de vida – que ocorre desde a pandemia, reforçado por um processo de desinflação mais duradouro que o esperado – provocou derrotas eleitorais dos partidos de situação em diversos países, notadamente os EUA. Em contraposição, estratégias heterodoxas de controle de preços, centradas na garantia da oferta de produtos-chave da economia, foram exitosas no México e na Espanha, assegurando vitórias eleitorais da situação. Os casos merecem uma observação mais profunda, que não está no escopo deste boletim, mas é válido mencioná-los.

A validade da menção também se apoia no custo fiscal dessas medidas. Embora as políticas de controle de preço envolvam subsídios, isenções, cotas, estoques públicos, entre outros, o 'amortecimento' das pressões de oferta diminui a necessidade de adoção de políticas mais duras em relação à demanda, como a subida da taxa de juros, que pressiona o resultado

nominal dos países. Portanto, se de um lado há aumento de custos decorrentes da despesa primária e das renúncias fiscais, de outro há uma diminuição dos custos financeiros e a ausência de fatores que podem desestimular o crescimento econômico.

O custo fiscal das medidas tradicionais tem-se apresentado alto para muitos países (incluindo o Brasil). Essas medidas têm ocasionado deterioração do resultado nominal devido à persistência das taxas de juros em níveis altos. Concomitantemente, a consolidação fiscal – exigida para equilibrar os déficits e evitar expansão das dívidas públicas – tem sido adiada por conta, entre outros fatores, do cenário de instabilidade e acirramento da competição internacional. Os níveis de incerteza da política fiscal, medidos pelo FMI, mostram forte expansão no último trimestre de 2024.

### **BRASIL – METAS CUMPRIDAS, PERSISTÊNCIA DE DESAFIOS E DESCOMPASSO ENTRE EXPECTATIVAS E FUNDAMENTOS**

No cenário nacional, o último trimestre de 2024 foi marcado por um forte movimento especulativo que afetou o câmbio e a expectativa de juros futuros. O governo respondeu com a alta da taxa Selic e as intervenções tanto no mercado de câmbio quanto no de títulos. Na área fiscal, o governo acenou com um pacote de medidas objetivando diminuir o crescimento das despesas obrigatórias.

O chamado 'mercado' pedia um programa mais ambicioso, especialmente no que se refere à desvinculação de benefícios do salário mínimo, ou o fim da regra que garante o seu crescimento real. O governo descartou essa possibilidade, não só por contrariar uma orientação e uma agenda importante para o partido – a ampliação das políticas públicas de assistência social e o aumento real do salário mínimo –, mas pelo efeito recessivo dela.

Ainda assim, algumas 'maldades' integravam o pacote, como a diminuição gradativa do valor do abono (de dois para um e meio salário mínimo), o teto de reajuste real do salário mínimo em 2,5% (limite do arcabouço) e mudanças na regra de acesso ao Benefício de Prestação Continuada (BPC), que sofreu emendas do Congresso.

Outras medidas enfrentaram bastante resistência e não foram aprovadas. A proposta de corte nas emendas impositivas – que compõem o que ficou conhecido como "orçamento secreto" – para cumprimento do limite do arcabouço, foi rejeitada. Também foi recusada a proposta que limitava a concessão de créditos tributários. Apesar da insatisfação inicial do mercado, ele próprio acabou sinalizando que a direção adotada foi a mais correta.

Em relação às despesas discricionárias, o último trimestre de 2024 foi marcado por redução de despesas, visando ao alcance da meta fiscal. O resultado foi obtido dentro da margem

estabelecida pelo arcabouço (déficit zero, com margem de 0,25% para mais ou para menos) e significou um déficit de R\$ 43 bilhões em 2024 (R\$ 11 bilhões após as deduções acordadas com o Parlamento para as ações de emergência à catástrofe ocorrida no Rio Grande do Sul em maio de 2024). Já com as deduções, o resultado foi de -0,1% do Produto Interno Bruto (PIB), consideravelmente melhor que as previsões de mercado do início do ano, que estavam em torno de -0,5% (portanto, descumprindo a meta). Mesmo o resultado sem as deduções se apresentou melhor que a expectativa, ainda que fora da meta, fechando em -0,39%.

A Tabela 1 apresenta o resumo do resultado fiscal do quarto trimestre de 2024, comparado ao mesmo período do ano anterior. Pode-se perceber uma sensível queda nas despesas, bem como uma forte alta nas receitas.

**Tabela 1**  
**Balanco resumido – Governo Federal – 4º trim. 2023/2024**

| Discriminação                                  | 4º trimestre |             | Variação (2024/2023) |           |
|------------------------------------------------|--------------|-------------|----------------------|-----------|
|                                                | 2023         | 2024        | Diferença            | % nominal |
| 1. Receita Total                               | 628.330,50   | 752.726,30  | 124.395,80           | 19,8%     |
| 2. Transf. Por Repartição de Receita           | 123.948,50   | 139.626,10  | 15.677,60            | 12,6%     |
| 3. Receita Líquida(1-2)                        | 504.381,90   | 613.099,40  | 108.717,50           | 21,6%     |
| 4. Despesa Total                               | 640.361,40   | 552.778,30  | - 87.583,10          | -13,7%    |
| 5. Resultado Primário do Governo central (3-4) | - 135.979,40 | 36.296,00   | 172.275,40           | -         |
| Resultado do Tesouro Nacional                  | - 78.547,70  | 78.494,10   | 157.041,80           | -         |
| Resultado do Banco Central                     | - 98,90      | - 219,40    | - 120,50             | -         |
| Resultado da Previdência Social                | - 57.334,00  | - 41.978,70 | 15.355,30            | -         |
| Memorando:                                     |              |             |                      |           |
| Resultado TN e BCB                             | - 78.645,50  | 78.274,80   | 156.920,30           | -         |

Fonte: elaboração própria. Dados do Tesouro Nacional.

Pode-se destacar o crescimento da receita líquida num ritmo maior que o da receita total, proveniente do crescimento de receitas não administradas (especialmente concessões, permissões, dividendos e participações) e de receitas administradas que não compõem as transferências por repartição de receitas, como as contribuições. Destaque para a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins) e a Contribuição Social sobre Lucro Líquido (CSLL).

Ainda que num ritmo menor que o das contribuições, a receita dos impostos cresceu bastante, especialmente a do Imposto de Importação – decorrente não apenas do aumento do volume, como da intensa depreciação cambial ocorrida no período. O Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) também apresentou aumento significativo. Contudo, o principal imposto que compõe as transferências, o imposto sobre a renda, cresceu num ritmo muito menor – e diminuindo as transferências, aumentou a receita líquida.

Quanto às despesas, pode-se destacar o resultado de contingenciamentos e bloqueios no período, que garantiram a queda de gastos no trimestre. No entanto, os efeitos das medidas de contenção das despesas obrigatórias não são percebidos no curto prazo.

No acumulado de janeiro a dezembro de 2024, por sua vez, no comparativo com o mesmo período de 2023, houve um crescimento real da receita total muito semelhante ao da receita líquida (9,0% e 8,9%, respectivamente). Esse e outros destaques estão apresentados na Tabela 2.

**Tabela 2**  
**Receitas do Governo Federal – Acumulado jan.-dez. 2023/2024**

| Discriminação                                   | Jan-dez             |                     | Variação          |               |
|-------------------------------------------------|---------------------|---------------------|-------------------|---------------|
|                                                 | 2023                | 2024                | Diferença         | % real (IPCA) |
| <b>Receita total</b>                            | <b>2.509.056,50</b> | <b>2.736.115,60</b> | <b>227.059,10</b> | <b>9,0%</b>   |
| Receita Administrada pela RFB                   | 1.535.284,40        | 1.726.859,60        | 191.575,20        | 12,5%         |
| Imposto de Importação                           | 57.804,00           | 79.277,90           | 21.473,90         | 37,1%         |
| IPI                                             | 63.195,30           | 86.073,20           | 22.878,00         | 36,2%         |
| Imposto sobre a Renda                           | 742.464,10          | 802.673,10          | 60.209,00         | 8,1%          |
| IOF                                             | 65.976,10           | 69.153,60           | 3.177,50          | 4,8%          |
| Cofins                                          | 312.066,70          | 374.988,90          | 62.922,20         | 20,2%         |
| PIS/PASEP                                       | 90.269,30           | 106.061,60          | 15.792,30         | 17,5%         |
| CSLL                                            | 158.950,50          | 170.789,70          | 11.839,20         | 7,4%          |
| CIDE Combustíveis                               | 1.274,70            | 3.486,70            | 2.212,00          | 173,5%        |
| Outras Receitas Administradas pela RFB          | 43.283,70           | 34.354,90           | - 8.928,80        | -20,6%        |
| Incentivos Fiscais                              | - 82,80             | -                   | 82,80             | -100,0%       |
| Arrecadação Líquida para o RGPS                 | 631.170,10          | 654.182,90          | 23.012,80         | 3,6%          |
| Receitas Não Administradas pela RFB             | 342.684,80          | 355.073,10          | 12.388,30         | 3,6%          |
| Concessões e Permissões                         | 9.391,60            | 16.607,90           | 7.216,20          | 76,8%         |
| Dividendos e Participações                      | 53.252,80           | 73.486,80           | 20.234,00         | 38,0%         |
| Contr. Plano de Seguridade Social do Servidor   | 18.524,70           | 18.981,50           | 456,80            | 2,5%          |
| Exploração de Recursos Naturais                 | 120.486,00          | 121.409,70          | 923,80            | 0,8%          |
| Receitas Próprias e de Convênios                | 22.491,80           | 23.998,70           | 1.506,90          | 6,7%          |
| Contribuição do Salário Educação                | 32.795,10           | 33.735,90           | 940,80            | 2,9%          |
| Demais Receitas                                 | 85.635,60           | 66.757,30           | - 18.878,20       | -22,0%        |
| <b>Transferências por repartição de receita</b> | <b>481.833,60</b>   | <b>528.652,70</b>   | <b>46.819,10</b>  | <b>9,7%</b>   |
| <b>Receita líquida total</b>                    | <b>2.027.222,90</b> | <b>2.207.462,90</b> | <b>180.240,00</b> | <b>8,9%</b>   |

Fonte: elaboração própria. Dados do Tesouro Nacional.

A arrecadação do Imposto de Importação aumentou R\$ 21,5 bilhões (37,1%), resultado do aumento das importações em preço e volume. A do IPI aumentou R\$ 22,9 bilhões (36,2%), alavancada pelo crescimento da produção industrial e também pelo aumento das importações. O imposto sobre a renda cresceu num ritmo menor, mas ainda assim robusto, de R\$ 60,2 bilhões (8,1%), influenciado positivamente pelo Imposto de Renda Retido na Fonte (IRRF) (que registrou aumento de R\$ 43,2 bilhões, ou 6,0%) e negativamente pelo Imposto de Renda das Pessoas Jurídicas (IRPJ) (com aumento de R\$ 7,2 bilhões, o que significou variação real de -2,2%). A arrecadação líquida para o Regime Geral de Previdência Social (RGPS) apresentou crescimento real de 3,6%, impulsionada pelo aumento do emprego formal e da massa salarial.

Tabela 3

## Despesas do Governo Federal – Acumulado jan.-dez. 2023/2024

| Discriminação                                           | Jan-dez             |                     | Variação          |               |
|---------------------------------------------------------|---------------------|---------------------|-------------------|---------------|
|                                                         | 2023                | 2024                | Diferença         | % real (IPCA) |
| <b>Despesa total</b>                                    | <b>2.267.073,50</b> | <b>2.251.445,30</b> | <b>-15.628,20</b> | <b>-0,7%</b>  |
| Benefícios Previdenciários                              | 957.532,20          | 958.808,50          | 1.276,40          | 0,1%          |
| d/q Sentenças Judiciais e Precatórios                   | 59.745,90           | 27.028,20           | -32.717,70        | -54,8%        |
| Pessoal e Encargos Sociais                              | 387.264,00          | 374.973,40          | -12.290,60        | -3,2%         |
| d/q Sentenças Judiciais e Precatórios                   | 21.128,90           | 4.349,70            | -16.779,20        | -79,4%        |
| Outras Despesas Obrigatórias                            | 379.882,80          | 366.347,50          | -13.535,20        | -3,6%         |
| Abono e Seguro Desemprego                               | 77.757,70           | 82.580,80           | 4.823,20          | 6,2%          |
| Apoio Financeiro a Estados e Municípios                 | 28.607,10           | 1.770,20            | -26.836,90        | -93,8%        |
| Benefícios de Prestação Continuada da LOAS/RMV          | 98.734,90           | 113.421,40          | 14.686,50         | 14,9%         |
| Créditos Extraordinários                                | 2.962,90            | 26.000,00           | 23.037,10         | 777,5%        |
| Compensação ao RGPS pelas Desonerações da Folha         | 0                   | 0                   | 0                 | 0,0%          |
| Fundeb - Complementação da União                        | 40.035,20           | 48.627,20           | 8.592,00          | 21,5%         |
| Legislativo/Judiciário/MPU/DPU (Custeio e Capital)      | 18.468,50           | 19.929,40           | 1.460,90          | 7,9%          |
| Lei Kandir (LC nº 87/96 e 102/00) e LC nº 176 de 2020   | 4.250,40            | 4.071,30            | -179,1            | -4,2%         |
| Sentenças Judiciais e Precatórios (Custeio e Capital)   | 75.230,30           | 35.414,20           | -39.816,10        | -52,9%        |
| Subsídios, Subvenções e Proagro                         | 23.046,10           | 18.247,80           | -4.798,30         | -20,8%        |
| Impacto Primário do FIES                                | 1.720,30            | 1.534,90            | -185,4            | -10,8%        |
| Demais                                                  | 9.069,60            | 14.750,30           | 5.680,80          | 62,6%         |
| Despesas do Poder Executivo Sujeitas à Programação Fin. | 542.394,50          | 551.315,80          | 8.921,30          | 1,6%          |
| Obrigatórias com Controle de Fluxo                      | 347.752,30          | 364.130,50          | 16.378,20         | 4,7%          |
| Discricionárias                                         | 194.642,30          | 187.185,30          | -7.456,90         | -3,8%         |
| <b>Memorando:</b>                                       |                     |                     |                   |               |
| Custeio Administrativo                                  | 60.649,10           | 62.531,30           | 1.882,20          | 3,10%         |
| Investimento                                            | 86.200,00           | 87.469,00           | 1.269,00          | 1,50%         |

Fonte: elaboração própria. Dados do Tesouro Nacional.

No tocante às despesas, na comparação entre o acumulado de janeiro a dezembro de 2024 com o mesmo período de 2023, o governo federal reduziu seu total em R\$ 15,6 bilhões, o que corresponde a uma queda real de 0,7%, cumprindo com sobras o arcabouço que limita a expansão das despesas ao correspondente até 70% do crescimento das receitas. Alguns eventos extraordinários ajudaram na conquista desse resultado. As compensações da Lei Complementar nº 194/2022 (transferências diretas e deduções de dívidas) e das transferências temporárias ao Fundo de Participação dos Municípios (FPM) e ao Fundo de Participação dos Estados e do Distrito Federal (FPE) em novembro de 2023 (LC nº 201/2023), sem contrapartida em 2024, resultaram numa queda de despesas da rubrica “Apoio financeiro a estados e municípios” de R\$ 26,8 bilhões (-93,8%). O adiantamento de precatórios em 2023 também contribuiu significativamente para o resultado de 2024, reduzindo esse tipo de despesa em cerca de R\$ 90 bilhões.

Outros destaques foram: a redução das despesas com pessoal e encargos sociais de R\$ 12,3 bilhões (-3,2%); o aumento de apenas R\$ 1,2 bilhão (0,1%) nas despesas com benefícios

previdenciários; o forte aumento do BPC/LOAS/RMV (R\$ 14,7 bilhões ou 14,9%); o crescimento de R\$ 23 bilhões (777,5%) dos créditos extraordinários e o aumento de R\$ 16,4 bilhões (4,7%) das despesas obrigatórias com controle de fluxo.

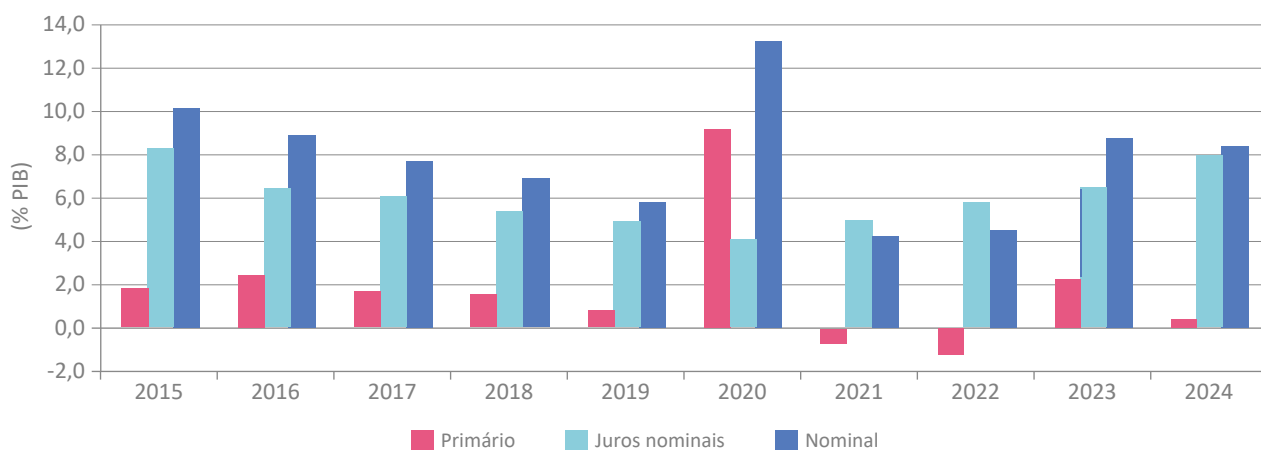
Os resultados mostram que o governo foi relativamente bem-sucedido na tentativa de reduzir o ritmo de crescimento das despesas e de recuperar a base fiscal perdida na última década (aumentando assim o potencial de arrecadação), tanto que atingiu sua meta de resultado fiscal primário. Obviamente, há muitos desafios a serem enfrentados, mas essa etapa foi cumprida.

Por sua vez, em relação às despesas financeiras, seguiu-se em direção oposta. O perfil da dívida pública brasileira pode ser, grosso modo, descrito como de prazo curto, altos custos de rolagem e alta indexação dos títulos à Selic ou a índices de inflação. Os juros nominais pagos continuam em tendência de crescimento, especialmente após a subida da Selic e a sinalização da continuidade do ciclo de alta em ritmo forte.

Apesar da contínua repetição – por parte de economistas que frequentam os espaços dos principais meios de comunicação – de que as taxas de juros são reflexo do risco fiscal, os números mostram que a melhora (ou piora) do resultado primário não parece ter relação direta e significativa com a melhora (ou piora) dos custos da dívida e, consequentemente, do resultado nominal.

O gráfico 1, que apresenta as Necessidades de Financiamento do Setor Público (NFSP) em percentuais do PIB, de 2015 a 2024, mostra o comportamento dessas variáveis – no que se refere às NFSP, quando há superávit, o valor é negativo. Entre 2015 e 2019, observa-se uma relação fraca, com resultado primário em melhora lenta e juros em queda rápida. A partir de 2021, mesmo em momentos de melhora do resultado primário (2021 para 2022

**Gráfico 1**  
**Necessidades de Financiamento do Setor Público – 2015-2024**



Fonte: Banco Central, 2024.

e 2023 para 2024), o montante pago em juros nominais continuou crescendo. Trata-se de uma análise estática, comparativa e sem sofisticação, que deve ser interpretada de maneira crítica, embora seja ilustrativa.

Existem outras variáveis explicativas para o mau perfil da dívida e a manutenção do patamar da taxa básica de juros entre as mais altas do mundo. Foge, no entanto, a uma análise conjuntural, pormenorizá-las. O que é possível afirmar, neste escopo de análise, é que parece existir um descompasso entre expectativas (e projeções) e fundamentos macroeconômicos.

### **Bahia – resultado atingido, apesar da queda de desempenho**

O cenário das finanças públicas baianas mostrou-se relativamente estável. O superávit primário (acima da linha) superou levemente a meta fixada na Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO), alcançando R\$ 54,6 milhões (a meta era atingir R\$ 45,2). A Receita Corrente Líquida (RCL) cresceu 13,66% em termos nominais em 2024, na comparação com 2023, alavancada especialmente pelo aumento de 13,99% na arrecadação tributária. Essa alta da RCL permitiu que a Bahia continuasse a cumprir os limites legais de despesa com pessoal, dívida consolidada e operações de crédito com folga, havendo espaço para consideráveis aumentos de despesa nessas rubricas sem descumprir a Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF).

As receitas do quarto trimestre de 2024 totalizaram R\$ 19,0 bilhões, representando uma queda real de 10,68% em relação ao mesmo período do ano anterior. Houve aumento real nas receitas correntes (5,17%) e nas receitas de capital (10,22%). O lado negativo ficou por conta das variações da receita intraorçamentária (-24,75%) e, principalmente, das deduções e restituições (129,85%).

**Tabela 4**  
**Composição da receita – Bahia – 4º trim. e acumulado do ano 2023/2024**

| Descrição                   | 2023.4                    | 2024.4                    | Acumulado 2023            | Acumulado 2024             |
|-----------------------------|---------------------------|---------------------------|---------------------------|----------------------------|
| Receitas Correntes          | 22.062.413.285,33         | 23.202.403.297,51         | 83.451.726.390,39         | 90.628.497.070,51          |
| Receitas de Capital         | 445.902.885,86            | 491.476.074,06            | 1.761.921.303,80          | 3.587.496.415,54           |
| Receitas Intraorçamentárias | 1.358.592.216,00          | 1.022.343.801,27          | 4.041.639.818,71          | 3.228.720.939,21           |
| <b>Deduções</b>             | <b>- 2.462.539.327,37</b> | <b>- 5.660.050.870,42</b> | <b>- 9.198.219.195,25</b> | <b>- 21.313.022.172,41</b> |

Fonte: elaboração própria. Dados do Fiplan-BA

As receitas intraorçamentárias são aquelas que ocorrem entre órgãos da administração pública que integram o orçamento fiscal. Elas têm uma importância contábil, permitindo evitar a dupla contagem dos valores financeiros nas contas públicas. O forte aumento das deduções, por sua vez, pode estar ligado a um esforço do governo para regularizar débitos, muitas vezes oferecendo descontos e refinanciamentos – com a implementação, inclusive, de um novo Refis a partir de outubro.

**Tabela 5****Receitas correntes – Bahia - 4º trim. e acumulado do ano 2023/2024**

| Descrição                                   | 2023.4            | 2024.4            | Acumulado 2023    | Acumulado 2024    |
|---------------------------------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|
| Impostos, Taxas e Contribuições de Melhoria | 12.174.339.147,50 | 13.597.738.607,67 | 45.538.940.988,89 | 49.733.313.067,58 |
| Contribuições                               | 1.222.013.710,29  | 1.245.950.246,69  | 4.151.477.049,33  | 4.239.528.118,24  |
| Transferências Correntes                    | 7.409.401.566,57  | 7.038.647.113,26  | 29.297.495.048,66 | 31.265.032.039,49 |
| Outros                                      | 1.256.658.860,97  | 1.320.067.329,89  | 4.463.813.303,51  | 5.390.623.845,20  |

Fonte: elaboração própria. Dados do Fiplan-BA

O aumento das receitas correntes foi impulsionado pela arrecadação tributária, que cresceu 11,69% em termos reais. As contribuições também cresceram, mas em ritmo bem menor (1,96%). As transferências correntes, por sua vez, variaram -5,0%, puxadas pelas transferências da União, apresentadas na Tabela 6.

**Tabela 6****Transferências de receita da União ao estado da Bahia – 2023/2024**

(valores correntes)

| Transferência                  | Total 2023        | Total 2024        |
|--------------------------------|-------------------|-------------------|
| CIDE / Combustíveis            | 6.529.832,66      | 46.897.783,09     |
| FPE                            | 11.850.967.973,54 | 13.794.396.491,72 |
| Fundeb                         | 4.965.400.671,12  | 5.418.405.275,00  |
| IOF-Ouro                       | 32.367,53         | -                 |
| LC 176/2020 (ADO25)            | 121.002.319,56    | 119.285.256,36    |
| IPI-Exportação                 | 195.160.350,86    | 275.457.544,06    |
| Royalties                      | 294.647.867,78    | 328.677.700,60    |
| LC 201/2023 – COMPENSAÇÃO ICMS | 592.588.961,02    | -                 |

Fonte: elaboração Própria. Dados do Tesouro Transparente.

Observa-se na Tabela 6 que, com exceção do FPE, da CIDE-Combustíveis – que progressivamente voltou a ser cobrada aos níveis anteriores à sua suspensão – e do IPI-Exportação, que registraram aumento, além do Fundeb, que se manteve relativamente estável, as transferências federais para a Bahia apresentaram queda, mesmo em termos nominais. A grande responsável por essa retração foi a compensação pelas perdas do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) decorrentes das mudanças nas regras, ocorridas no segundo semestre de 2022 (LC nº192 e nº194), sem abatimento em 2024.

O aumento real da arrecadação tributária, por sua vez, ocorreu em todas as suas componentes. A receita dos impostos sobre o patrimônio cresceu 4,15%, do imposto sobre a renda, 8,57%, e das taxas, 6,35%. Mas o maior crescimento foi mesmo o da receita do ICMS, 12,93%.

**Tabela 7**  
**Receitas tributárias – Bahia - 4º trim. e acumulado do ano 2023/2024**

| Descrição                                                       | 2023.4           | 2024.4            | Acumulado 2023    | Acumulado 2024    |
|-----------------------------------------------------------------|------------------|-------------------|-------------------|-------------------|
| Impostos sobre o Patrimônio                                     | 599.557.090,30   | 624.422.007,73    | 2.824.994.865,35  | 2.904.396.540,97  |
| Imposto sobre a Renda e Proventos de Qualquer Natureza          | 1.234.504.027,77 | 1.340.303.221,81  | 3.782.064.896,02  | 4.157.276.201,06  |
| Impostos sobre a Produção, Circulação de Mercadorias e Serviços | 9.664.550.848,30 | 10.914.369.969,57 | 36.619.250.693,85 | 40.171.026.571,99 |
| Taxas p/ Exercício do Poder de Polícia - TPP                    | 408.765.025,75   | 425.362.291,85    | 1.315.409.784,46  | 1.397.408.547,95  |
| Taxas p/ Prestação de Serviços - TPS                            | 266.962.155,37   | 293.281.116,71    | 997.220.749,22    | 1.103.205.205,61  |

Fonte: elaboração própria. Dados do Fiplan-BA

Esse aumento real da receita tributária, na comparação entre os quartos trimestres de 2024 e 2023, é consideravelmente maior que o aumento real na comparação entre os acumulados nos mesmos anos. É possível que haja a influência do Refis que se iniciou em outubro, uma vez que também houve aumento das deduções, além do efeito sazonal do fim de ano.

Especificamente sobre a receita de ICMS, o crescimento dos dados anuais por segmento (Tabela 8) foi desigual, refletindo as mudanças legais, os aumentos na alíquota modal e a dinâmica econômica e setorial do estado.

**Tabela 8**  
**Arrecadação real de ICMS – Bahia – 2022-2024**

| Segmentos                     | Em valores reais IPCA (R\$ 1.000,00) |                      |             |                      |             |
|-------------------------------|--------------------------------------|----------------------|-------------|----------------------|-------------|
|                               | 2024                                 | 2023                 | % 2024/23   | 2022                 | % 2023/22   |
| Agricultura e Agroindústria   | 1.086.621,18                         | 1.082.471,47         | 0,39        | 1.162.019,93         | -7,35       |
| Comercio Atacadista           | 7.904.215,59                         | 6.745.775,19         | 17,17       | 6.191.212,68         | 8,96        |
| Comércio Varejista            | 9.790.825,40                         | 8.296.369,70         | 18,01       | 7.491.364,30         | 10,75       |
| Ind. Açúcar e Alcool          | 14.298,86                            | 19.787,45            | -27,74      | 46.113,78            | -57,09      |
| Ind. Bebidas                  | 2.377.413,97                         | 2.247.142,54         | 5,8         | 2.019.265,45         | 11,29       |
| Ind. Metalúrgica              | 447.901,87                           | 430.679,54           | 4           | 549.823,03           | -21,67      |
| Ind. Mineração e Derivados    | 517.664,20                           | 512.772,39           | 0,95        | 612.211,75           | -16,24      |
| Ind. Química                  | 2.515.620,76                         | 2.317.757,37         | 8,54        | 2.719.110,79         | -14,76      |
| Misto Indústria               | 718.166,33                           | 557.976,51           | 28,7        | 547.008,44           | 2,01        |
| Misto Serviços                | 438.214,41                           | 359.505,09           | 21,89       | 337.111,47           | 6,64        |
| Petróleo                      | 7.828.792,10                         | 6.818.750,15         | 14,81       | 8.937.757,78         | -23,71      |
| Serviços de Transporte        | 570.895,38                           | 412.506,62           | 38,4        | 446.541,90           | -7,62       |
| Serviços de Utilidade Pública | 3.942.113,73                         | 5.049.094,89         | -21,92      | 4.224.249,26         | 19,53       |
| Supermercados                 | 1.954.154,36                         | 1.714.100,59         | 14          | 1.593.107,42         | 7,59        |
|                               | <b>40.106.808,14</b>                 | <b>36.564.689,50</b> | <b>9,69</b> | <b>36.876.897,98</b> | <b>0,85</b> |

Fonte: Sefaz Bahia

Nos setores mais impactados pela edição da Lei Complementar nº 192/2022, que classificou combustíveis, energia elétrica e serviços de comunicação como bens de essencialidade, houve uma acentuada queda em 2023, diante da incidência da alíquota modal. Em 2024,

no segmento *Petróleo*, a majoração da alíquota “ad rem” a partir de 1º de fevereiro – R\$ 1,3721 para a gasolina, R\$ 1,4139 para o GLP e R\$ 1,0635 para o diesel – possibilitou boa recuperação da arrecadação do setor, atingindo R\$ 7.828 milhões, embora ainda inferior ao montante arrecadado pelo segmento em 2022.

Nos *Serviços de utilidade pública*, também bastante impactados pela citada lei, observou-se expressiva queda de 21,92%, encerrando o exercício com arrecadação reduzida a R\$ 3,9 bilhões. Além de tal impacto, a gradual substituição da telefonia pelo uso das redes sociais nas comunicações e as crescentes disponibilizações da energia solar para uso das empresas e famílias têm reduzido o faturamento das operadoras e distribuidoras com a consequente redução da carga tributária.

A quase estabilidade dos segmentos da *Agricultura* e da *Agroindústria* refletiu a queda no recolhimento do imposto no setor agrícola – de R\$ 303 milhões para R\$ 252 milhões – compensada pela alta no setor agroindustrial – de R\$ 779 milhões para R\$ 834,6 milhões. Esse dado é de certo modo positivo porque indica agregação de valor à produção. Os segmentos industriais cresceram de modo geral, refletindo a boa recuperação do setor em 2024, com destaque para a *Indústria química*, que cresceu R\$ 212 milhões (8,54%) em 2024. Esses números, no entanto, ainda são insuficientes para a recuperação das perdas de anos anteriores.

Os segmentos de maior crescimento da arrecadação em 2024, seguindo a tendência de 2023, foram os do Comércio atacadista e varejista. Esse aumento é resultado tanto das últimas elevações da alíquota modal quanto (e principalmente) do aumento do consumo. Este, por sua vez, foi decorrente da redução nos níveis de desemprego e do crescimento da massa salarial, em 2023 e 2024.

### **SALVADOR – MUDANÇA GRADUAL DE PERFIL**

No balanço orçamentário de Salvador, verificou-se uma queda tanto nas despesas quanto nas receitas, na comparação entre o sexto bimestre de 2024 e o mesmo período do ano de 2023. Contudo, no acumulado do ano, houve aumento, tanto para um quanto para o outro, como se pode verificar nas tabelas apresentadas a seguir.

Alguns elementos merecem ser destacados: no que se refere às receitas, houve um forte aumento da receita tributária, tendência já observada em nível estadual e federal. Foi ela que impulsionou o crescimento nominal de 13,68% das receitas correntes, tanto no comparativo entre os sextos bimestres de cada ano (mais R\$ 53 milhões ou 6,99% em termos nominais) quanto entre os acumulados (mais R\$ 810 milhões ou 21,06% nominal). Tal incremento reflete a maior atividade econômica de 2024 em relação a 2023.

Tabela 9

**Resumo da receita realizada – Salvador – acumulado 2023/acumulado 2024**  
 (Valores correntes)

| Receita realizada                         | 2023                  | 2024                  | variação      |
|-------------------------------------------|-----------------------|-----------------------|---------------|
| Receitas (exceto intra-orçamentárias) (I) | 10.119.527.733        | 11.717.482.707        | 15,79%        |
| Receitas correntes                        | 9.445.891.577,25      | 10.738.034.313,28     | 13,68%        |
| Receita tributária                        | 3.845.862.919,09      | 4.655.775.640,65      | 21,06%        |
| Receita de contribuições                  | 516.843.750,12        | 548.666.411,93        | 6,16%         |
| Receita patrimonial                       | 488.877.690,61        | 365.398.953,89        | -25,26%       |
| Receita agropecuária                      | -                     | -                     | -             |
| Receita industrial                        | -                     | -                     | -             |
| Receita de serviços                       | 25.711.753,64         | 35.827.323,39         | 39,34%        |
| Transferências correntes                  | 4.423.612.837,69      | 4.933.222.764,13      | 11,52%        |
| Outras receitas correntes                 | 173.998.382,41        | 199.143.219,29        | 14,45%        |
| Receitas de capital                       | 458.969.304,38        | 979.448.393,36        | 113,40%       |
| Operações de crédito                      | 356.179.526,30        | 828.293.996,17        | 132,55%       |
| Alienação de bens                         | 2.162.497,77          | 5.418.255,32          | 150,56%       |
| Amortizações de empréstimos               | -                     | -                     | -             |
| Transferências de capital                 | 114.882.396,18        | 60.200.124,99         | -47,60%       |
| Outras receitas de capital                | 69.991.688,50         | 85.536.016,88         | 22,21%        |
| Receitas (intra-orçamentárias) (II)       | 395.748.745,08        | 481.189.384,74        | 21,59%        |
| <b>Total das receitas (III) = (I+II)</b>  | <b>10.515.276.479</b> | <b>12.198.672.091</b> | <b>16,01%</b> |

Fonte: elaboração própria. Dados da SEFAZ Salvador

As receitas de capital, por sua vez, registraram um aumento ainda maior em termos proporcionais – 113,4% no acumulado de 2024 em relação ao de 2023. As operações de crédito atingiram R\$ 828 milhões em 2024, 132,55% em comparação ao ano anterior. Apesar de não corresponder a uma parte significativa das receitas de capital, destacam-se as vendas de patrimônio, que subiram mais de 150%. No sentido oposto, a tendência de queda nas transferências de capital aponta continuidade e mesmo aceleração, com uma variação negativa de -47,60% no período. Esse cenário indica mudança no padrão de financiamento das despesas de capital, tornando-se menos dependente de transferências e mais apoiado em endividamento.

Tabela 10

**Resumo da despesa liquidada – Salvador – acumulado 2023/acumulado 2024**

| Despesa liquidada                        | 2023                  | 2024                  | Variação      |
|------------------------------------------|-----------------------|-----------------------|---------------|
| Despesas (exceto intraorçamentárias) (I) | 10.060.106.632        | 12.099.276.053        | 20,27%        |
| Despesas correntes                       | 8.420.330.872         | 9.894.356.793         | 17,51%        |
| Pessoal e encargos sociais               | 3.228.490.915         | 3.440.220.808         | 6,56%         |
| Juros e encargos da dívida               | 143.456.094           | 231.533.961           | 61,40%        |
| Outras despesas correntes                | 5.048.383.864         | 6.222.602.023         | 23,26%        |
| Despesas de capital                      | 1.639.775.759         | 2.204.919.261         | 34,46%        |
| Investimentos                            | 1.330.430.770         | 1.887.992.800         | 41,91%        |
| Inversões financeiras                    | 186.449.149           | 150.004.438           | -19,55%       |
| Amortização da dívida                    | 122.895.840           | 166.922.023           | 35,82%        |
| Reserva de contingência                  | -                     | -                     | -             |
| Despesas (intraorçamentárias) (II)       | 430.801.830           | 420.365.893           | -2,42%        |
| <b>Total das despesas (III)=(I+II)</b>   | <b>10.490.908.462</b> | <b>12.519.641.946</b> | <b>19,34%</b> |

Fonte: elaboração própria. Dados da SEFAZ Salvador

No que se refere às despesas, elas finalizaram o ano de 2024 num patamar 20,27% maior que o do ano anterior, superando as receitas em R\$ 382 milhões. Esse aumento ocorreu tanto nas despesas correntes quanto nas de capital. Entre as despesas correntes, apesar de não ter uma participação tão significativa no total, chama a atenção o aumento de 61,40% no pagamento de juros e encargos da dívida. Entre as despesas de capital, destaca-se o aumento de 41,91% nos investimentos.

O aumento dos investimentos, a amortização de dívidas, juros e encargos, e um maior predomínio das operações de crédito em relação às receitas de capital (em detrimento das transferências) parecem fazer parte de um mesmo movimento, também verificado nas esferas estadual.

É preciso uma análise mais aprofundada dos efeitos dessa mudança no padrão de gasto público e em seu modelo de financiamento – tanto do ponto de vista orçamentário e financeiro quanto dos impactos sociais e econômicos. O fato é que há indícios de um viés favorável à despesa de capital, financiada por meio de níveis mais elevados de endividamento.

Por fim, o crescimento das despesas em ritmo mais forte que as receitas levou a uma reversão do resultado de 2023, que era de pequeno superávit, para um pequeno déficit em 2024. Mais importante, no entanto, é observar a mudança de perfil de receitas e, especialmente, de despesas. Valem análises mais pormenorizadas sobre o caráter positivo ou negativo dessas alterações fora do escopo da análise conjuntural.

## PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB)

João Paulo Caetano Santos  
joaopaulo@sei.ba.gov.br

Denis Veloso  
dveloso@sei.ba.gov.br

Carol Vieira  
carolvieira@sei.ba.gov.br

### PIB baiano fecha o ano de 2024 com alta de 2,8%

#### O quarto trimestre cresce 2,5%, e o intervalo sazonal, 0,3%

De acordo com os dados divulgados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o nível de atividade econômica – Produto Interno Bruto (PIB) – cresceu 2,5% no quarto trimestre de 2024 em comparação com o mesmo período do ano anterior. Considerando a série com ajuste sazonal (quarto trimestre de 2024 em comparação com o trimestre imediatamente anterior), o resultado foi de 0,3%. No acumulado do ano, comparado com igual período de 2023, a economia baiana encerrou o ano com alta de 2,8%.

**Tabela 1**  
**PIB trimestral**  
**Bahia – 2024(1)**

| Períodos                              | Taxas (%) |
|---------------------------------------|-----------|
| 4º trim. 2024/4º trim. 2023           | 2,5       |
| 4º trim. 2024/3º trim. 2024 (sazonal) | 0,3       |
| Acumulado no ano (janeiro a dezembro) | 2,8       |

Fonte: SEI.

Elaboração: SEI/Distat/Coref.

Nota: (1) Dados sujeitos a retificação.

### PIB em valor corrente

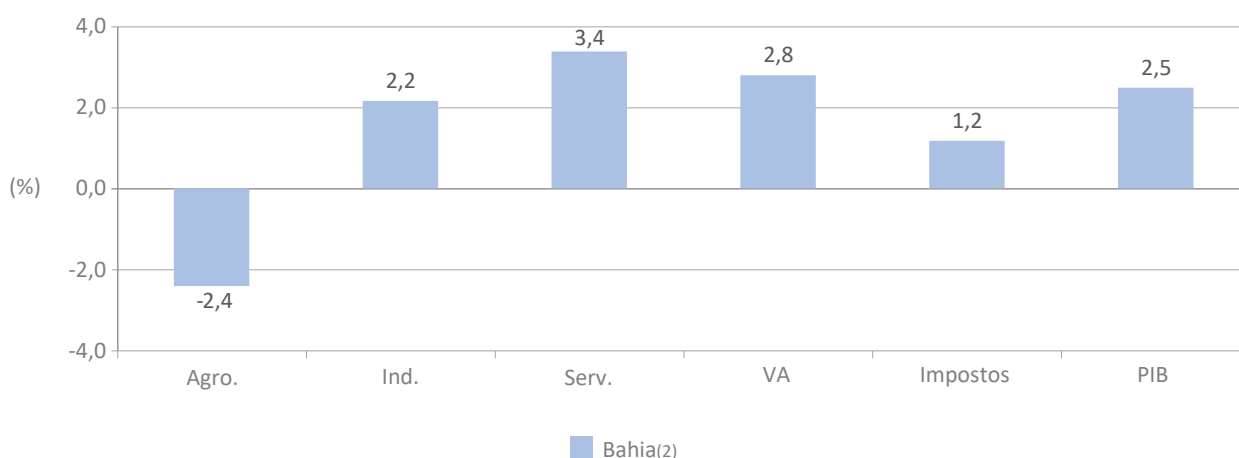
No quarto trimestre de 2024, o PIB baiano totalizou R\$ 115,9 bilhões, sendo R\$ 99,9 bilhões referentes ao Valor Adicionado (VA), e R\$ 16,0 bilhões provenientes dos Impostos sobre Produtos Líquidos de Subsídios. Em relação aos grandes setores econômicos, a Agropecuária apresentou VA de R\$ 5,6 bilhões, a Indústria, de R\$ 25,8 bilhões, e os Serviços, de R\$ 68,5 bilhões.

Para o ano de 2024, os resultados acumulados mostram PIB corrente equivalente a R\$ 482,8 bilhões, sendo R\$ 425,5 bilhões decorrentes do VA e R\$ 57,3 bilhões resultantes de impostos. Para os setores econômicos, os valores acumulados em 2024 foram: Agropecuária (R\$ 44,7 bilhões), Indústria (R\$ 107,0 bilhões) e Serviços (R\$ 273,7 bilhões). Ao comparar esses números com os do ano anterior, calculados também por meio do PIB trimestral, observa-se que o setor de Serviços apresentou o maior crescimento absoluto entre os setores econômicos, seguido pela Agropecuária e, por fim, pela Indústria.

## QUARTO TRIMESTRE 2024/ QUARTO TRIMESTRE 2023

O Produto Interno Bruto (PIB) da Bahia registrou um crescimento de 2,5% no quarto trimestre de 2024 em relação ao mesmo período de 2023, de acordo com os dados calculados pela equipe de Contas Regionais da SEI. Esse desempenho foi impulsionado principalmente pelo avanço do Valor Adicionado (VA), que apresentou uma variação positiva de 2,8%, enquanto os Impostos sobre Produtos Líquidos de Subsídios registraram um aumento de 1,2% no período.

**Gráfico 1**  
**Variação dos setores do Produto Interno Bruto**  
**Bahia – 4º trim. 2024(1)**



Fonte: SEI/IBGE (2025).

Elaboração: SEI/Distat/Coref.

Notas: (1) Variação no terceiro trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.

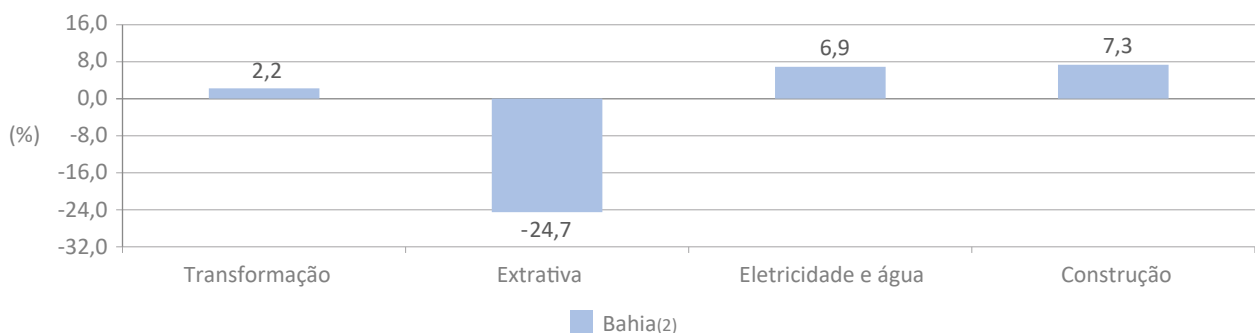
(2) Dados sujeitos a retificação.

Ao analisar o desempenho dos setores econômicos, observa-se que dois dos três grandes segmentos apresentaram crescimento. O setor Industrial registrou uma expansão de 2,2%, refletindo o incremento de quase todas as suas atividades produtivas. O setor de Serviços, por sua vez, apresentou um crescimento ainda mais expressivo, com alta de 3,4%, consolidando-se como o principal motor da economia baiana. Por sua vez, a Agropecuária foi o único setor a registrar desempenho negativo, com uma retração de 2,4%, resultado que reflete os desafios enfrentados por sua atividades ao longo do período.

No quarto trimestre de 2024, o setor Agropecuário da Bahia registrou uma queda de 2,4% em volume. O resultado foi impactado, principalmente, pelo desempenho negativo das principais safras do estado, incluindo milho, mandioca, soja, cacau e feijão, que apresentaram retração no período. Em contrapartida, a *Pecuária* obteve resultados positivos, atenuando parcialmente a desaceleração do setor e contribuindo para minimizar os efeitos da queda na produção agrícola.

O setor Industrial da Bahia registrou um crescimento de 2,2% em volume no último trimestre de 2024. Entre as quatro atividades analisadas, três apresentaram resultados positivos na comparação com o mesmo período do ano anterior. A *Indústria de transformação* avançou 2,2%, evidenciando a expansão de segmentos específicos. A *Construção Civil* destacou-se com um expressivo crescimento de 7,3%, impulsionado pelo aumento dos investimentos no setor. O segmento de *Eletricidade e Água* também teve um desempenho favorável, com alta de 6,9%, resultado do crescimento na geração de energia hidrelétrica. Por sua vez, a *Indústria Extrativa* registrou uma queda acentuada de 24,7%, impactando negativamente o desempenho geral da atividade industrial.

**Gráfico 2**  
**Variação das atividades da Indústria**  
**Bahia – 4º trim. 2024(1)**



Fonte: SEI/IBGE (2025).

Elaboração: SEI/Distat/Coref.

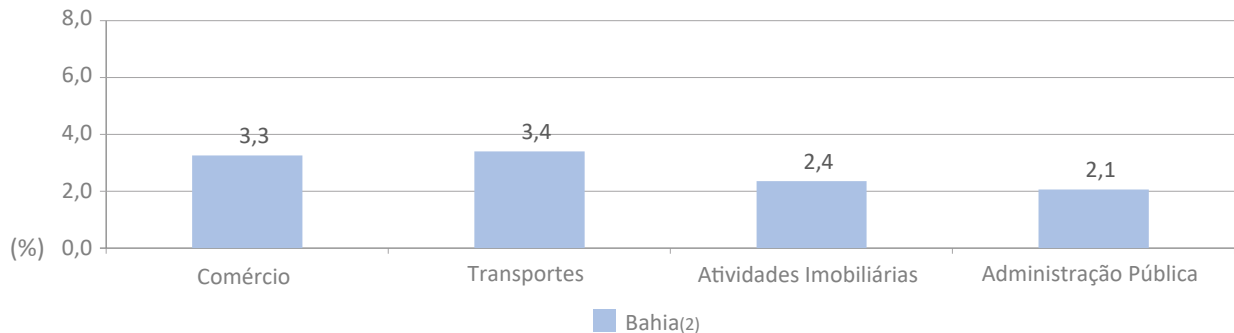
Notas: (1) Variação no terceiro trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

O setor de Serviços da Bahia registrou uma expansão de 3,4% no quarto trimestre de 2024. As principais altas ocorreram no *Comércio*, que cresceu 3,3%, sendo a segunda atividade mais relevante do setor, e nos *Transportes*, com um avanço de 3,4%. A *Administração Pública*, atividade mais importante para a economia baiana, teve uma alta de 2,1%, enquanto as *Atividades Imobiliárias* apresentaram crescimento de 2,4%. O segmento de *Outros Serviços*<sup>1</sup> destacou-se com um crescimento de 5,0%.

<sup>1</sup> Engloba as seguintes atividades: Serviços de alojamento e alimentação; Serviços de informação e comunicação; Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados; Atividades profissionais, científicas e técnicas, administrativas e serviços complementares; Educação e saúde mercantis; Artes, cultura, esporte e recreação e outras atividades de serviços; Serviços domésticos.

**Gráfico 3**  
**Variação das atividades de Serviços**  
**Bahia – 4º trim. 2024(1)**



Fonte: SEI/IBGE (2025).

Elaboração: SEI/Distat/Coref.

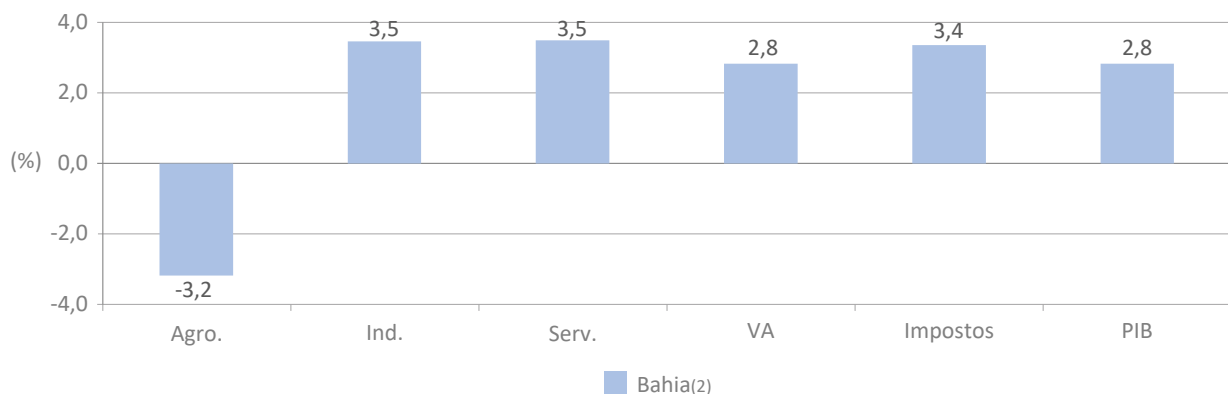
Notas: (1) Variação no terceiro trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

### Acumulado em 2024 (janeiro a dezembro)

O PIB da Bahia, no acumulado de 2024, registrou um crescimento de 2,8% em comparação com o mesmo período de 2023. O Valor Adicionado (VA) também teve alta de 2,8%, enquanto os Impostos sobre Produtos Líquidos de Subsídios aumentaram 3,4%. No entanto, a Agropecuária apresentou uma variação negativa de 3,2%, enquanto a Indústria e os Serviços registraram um crescimento de 3,5% cada. Os principais destaques positivos do ano ficaram por conta da Indústria e dos Serviços, com este último setor sendo impulsionado pela expansão do Comércio, que cresceu 4,1%, e da Administração Pública, com alta de 2,7%. Além disso, o segmento de Transportes registrou um aumento de 2,5%, e as Atividades Imobiliárias cresceram 2,4%.

**Gráfico 4**  
**Variação dos setores do Produto Interno Bruto**  
**Bahia – Jan.-dez. 2024(1)**



Fonte: SEI/IBGE (2025).

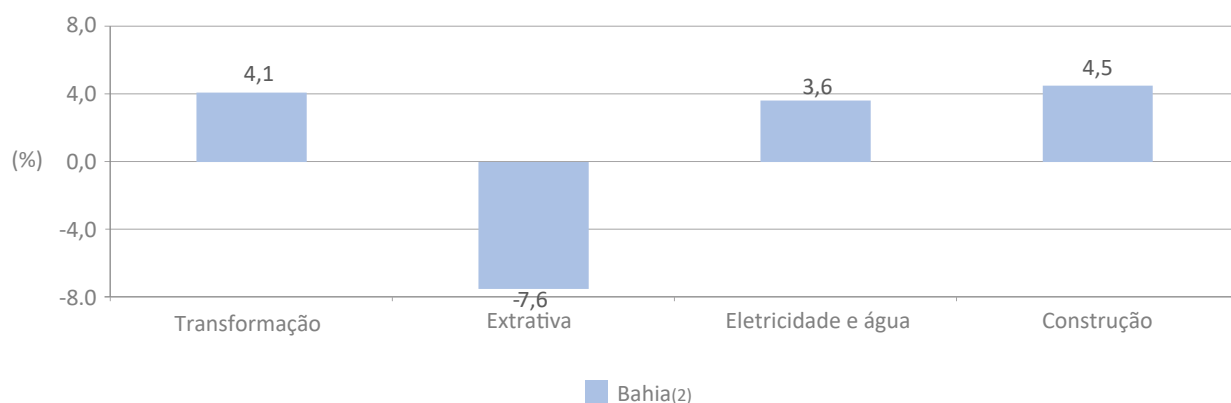
Elaboração: SEI/Distat/Coref.

Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

Conforme os dados calculados pela equipe de Contas Regionais da SEI, o VA do setor Agropecuário caiu 3,2% no acumulado dos 12 meses de 2024, ante o mesmo período do ano anterior. Já o VA do setor Industrial baiano registrou alta em volume de 3,5% de janeiro a dezembro de 2024, em relação ao mesmo período do ano anterior. Esse aumento foi impulsionado por três das quatro atividades que compõem o setor: *Transformação* (+4,1%), *Eletricidade e água* (+3,6%) e *Construção* (+4,5%). A única atividade a registrar queda foi a *Extrativa* (-7,6%).

**Gráfico 5**  
**Variação das atividades da Indústria**  
**Bahia – Jan.-dez. 2024(1)**



Fonte: SEI/IBGE (2025).

Elaboração: SEI/Distat/Coref.

Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

Quanto ao Valor Adicionado (VA) do setor de Serviços, registrou-se um aumento de 3,9% em volume no acumulado de 2024, em comparação com o mesmo período do ano anterior. Esse desempenho foi impulsionado pelos crescimentos nas atividades de *Comércio* (4,4%), *Atividades Imobiliárias* (2,4%), *Administração Pública* (2,9%) e *Transportes* (2,3%). No mesmo intervalo, o segmento de *Outros Serviços* apresentou um crescimento acumulado de 5,4%.

## MERCADO DE TRABALHO

Luiz Fernando Araújo Lobo  
*luizlobo@sei.ba.gov.br*

A despeito das previsões de especialistas e analistas de mercado, a economia brasileira não enfrentou o prenunciado revés em 2024 – o que, aliás, não surpreende, já que os mesmos erraram quase 95,0% das projeções para uma série de indicadores econômicos de 2021 para cá, segundo levantamento feito pelo site UOL. O que, de fato, ocorreu foi que a economia cresceu de forma robusta, e o mercado de trabalho continuou incorporando trabalhadores e gerando renda ao longo do ano. Assim como em 2023, o bom desempenho da economia em 2024 foi o principal pilar para esse avanço no mundo do trabalho. Em resumo, o ano revelou-se como uma boa surpresa e trouxe à tona a melhoria de vários indicadores econômicos nacionais e locais.

Uma eventual desaceleração é possível, afinal a existência de ciclos é algo intrínseco ao sistema de mercado. Além do mais, recentemente, houve aumento da incerteza global e recuo da confiança local, apontado por alguns indicadores de confiança setoriais, num cenário marcado por inflação persistente e medidas de maior controle monetário. Mas essa provável desaceleração, no entanto, deveria deixar de ser prevista por representantes do dito mercado. Por fim, vale ressaltar, desacelerar não significa decrescer, mas sim perder força. E nesse contexto, a princípio, é bem possível que os principais indicadores econômicos do Brasil e da Bahia continuem positivos durante o ano de 2025. Por sua vez, os avanços devem ocorrer de forma relativamente mais comedida. No âmbito do mercado de trabalho, por exemplo, os níveis de emprego e renda deverão continuar aumentando, mas provavelmente num ritmo mais lento.

A conjuntura do mercado de trabalho baiano foi aqui exposta tendo por base tanto os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Emprego, quanto os da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Sem se propor a uma análise mais aprofundada, o presente texto visa apresentar as principais informações do cenário recente do mercado de trabalho local, contrapondo tais estatísticas com as correspondentes séries históricas e com os indicadores das realidades nacional e regional, quando esse quadro comparativo se mostrar relevante.

De acordo com os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), de outubro a dezembro de 2024, o montante de empregos regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) no estado diminuiu, resultado da supressão líquida de 12.369 postos. Ao fim do quarto trimestre de 2024, mesmo com a perda líquida ocorrida nesse intervalo, a Bahia

passou a contar com 2.137.021 vínculos celetistas ativos, o que significou uma elevação de aproximadamente 4,13% sobre o quantitativo de 2.052.295 de empregos computados no início do ano (estoque de referência) – ou seja, mais 84.726 postos de trabalho no conjunto dos 12 meses de 2024. Dessa forma, ao término do referido trimestre, a Bahia concentrava 26,89% e 4,53% do total de empregos com carteira assinada existente na região nordestina e no país, respectivamente – mantendo-se, assim, com o maior volume de vínculos formais do Nordeste e o sétimo maior montante entre as 27 Unidades Federativas (UF).

No que se refere aos resultados mensais, a dinâmica com mais desligamentos do que admissões foi apurada em dois meses do quarto trimestre de 2024 na Bahia. O mês de dezembro, como de costume, exibiu saldo negativo, uma perda líquida de 18.661 postos – montante, por sinal, mais do que suficiente para impactar negativamente o último trimestre do referido ano. Aliás, dezembro exibiu o pior registro desde o de maio de 2020. O mês de outubro também indicou um saldo inferior a zero, mas bem menos deteriorado, com a eliminação de 686 postos – refletindo a segunda pior apuração do ano. O mês de novembro foi o único com geração líquida no período, com 6.978 novas vagas – apesar de positivo, foi o quarto menor saldo do ano. No mais, vale salientar, entre os meses do trimestre, apenas novembro evidenciou saldo superior ao de um ano atrás – uma sinalização que serve como ponto de atenção a uma eventual perda de compasso da geração futura de postos de trabalho. Ao longo do ano, o mês de agosto foi o de maior saldo, com 16.543 novos postos.

Em contraponto aos resultados dos intervalos de referência, a eliminação de 12.369 postos no quarto trimestre de 2024 em território baiano permitiu constatações semelhantes. Na comparação com o mesmo trimestre de um ano antes, o saldo atual revelou-se mais desfavorável, uma vez que, à época, a ocupação com carteira assinada havia suprimido 5.713 vínculos. Mais além, o número de postos encerrados amparou o menor saldo trimestral no estado desde o verificado no segundo trimestre de 2020 (-64.831 empregos formais), expondo uma realidade mais debilitada ao término de 2024. No comparativo com o terceiro trimestre do mesmo ano, período com geração líquida de 41.749 vagas, a apuração recente dos dados também indicou involução, já que mostrou um saldo significativamente inferior ao observado entre julho e setembro.

Por sua vez, em termos de acumulado anual, o ano de 2024, com 84.726 novos postos, representou o quarto intervalo seguido de expansão. Além do mais, ao apresentar número de vagas superior ao observado no ano de 2023, que registrou 71.102 novos vínculos celetistas, o resultado de 2024 interrompeu uma trajetória de duas desacelerações consecutivas, dado que os saldos de 2021 e 2022 foram de 145.636 e 121.753 novos postos, respectivamente. Assim, no estado, o resultado anual mais recente não somente evidenciou uma ampliação do nível de emprego e contribuiu para o revigoramento do mercado de trabalho local, como

também renovou as expectativas de que a absorção líquida de trabalhadores pelo polo protetivo em 2025 poderá se manter relevante, a despeito dos resultados do último trimestre de 2024, visto que os dados apontaram um avanço no ritmo da geração anual de postos.

O saldo de empregos com registro em carteira também foi negativo para o país como um todo no agregado dos meses de outubro a dezembro de 2024, com 295.970 vínculos a menos. Ademais, todas as regiões reduziram o número de postos de trabalho no período. Em termos absolutos, o Sudeste evidenciou o pior desempenho (-165.212 vagas) e o Norte exibiu o cenário menos desfavorável (-7.767 postos). Das 27 UF, houve supressão líquida em 17 delas no trimestre. No *ranking* nacional, do maior ao menor saldo, a Bahia, com decréscimo de 12.369 oportunidades ocupacionais, subiu 14 posições em relação ao intervalo imediatamente anterior, alcançando a 20ª posição (o equivalente ao oitavo menor saldo). Entre os estados nordestinos, a Bahia apresentou o pior resultado absoluto, enquanto a Paraíba (+3.432 postos) exibiu o maior saldo regional no trimestre analisado.

O decréscimo de empregos com carteira assinada na Bahia no quarto trimestre de 2024 só não alcançou um dos cinco grandes estratos setoriais. O segmento do *Comércio*, no caso, foi o único com desempenho proeminente entre as categorias, com a geração líquida de 6.466 postos. O da *Construção*, por sua vez, registrou o pior resultado, uma perda líquida de 6.140 empregos. Em seguida, vieram os setores da *Agropecuária*, com a supressão líquida de 4.530 vagas, da *Indústria geral*, com a eliminação de 4.246 postos, e dos *Serviços*, com a rescisão de 3.917 vínculos. Assim, portanto, quatro grupamentos econômicos registraram um número maior de fechamentos do que de aberturas de postos no citado intervalo no estado. Por sua vez, ao longo do ano de 2024, a geração líquida de postos ocorreu em quatro dos cinco setores, com destaque para *Serviços* (+51.324 vínculos) e *Comércio* (+20.523 vagas). *Construção* (-886 postos) foi o único segmento com saldo anual negativo.

De acordo com o levantamento da PNAD Contínua, na Bahia, a taxa trimestral de desocupação ficou em 9,9% no quarto trimestre de 2024. Trata-se do menor índice para um quarto trimestre desde o último trimestre de 2014 (9,8%). Com o fechamento do ano, a taxa anual de desocupação emendou a terceira queda seguida e ficou em 10,8%, a menor desde a de 2014 (9,8%). Do terceiro ao quarto trimestre de 2024, a taxa de desocupação cresceu (ainda que ligeiramente), passando de 9,7% para 9,9% –, indicando um aumento de 0,2 ponto percentual. Em relação ao mesmo conjunto de meses de 2023, quando o indicador havia sido estimado em 12,7%, houve decréscimo, com a taxa mais recente ficando em 2,8 pontos percentuais abaixo.

O percentual trimestral de desocupados na força de trabalho na Bahia ao longo de 2024 não repetiu o padrão dos anos de 2021, 2022 e 2023, quando roteiros descendentes se estabeleceram em cada um deles (todos com três baixas sucessivas após a elevação no

conjunto dos três meses inaugurais do ano). Em 2024, o que se observou foi a referida taxa exibindo um leve repique no término do ano, após ter recuado no segundo e no terceiro trimestres. Diante da ligeira e insignificante oscilação para cima na passagem do segundo ao terceiro trimestre deste ano, a estimativa trimestral mais recente do desemprego na Bahia (9,9%) ficou um pouco mais distante do seu menor valor histórico, ocorrido no quarto trimestre de 2013 (9,1%) – lembrando que o seu ápice ocorreu no primeiro trimestre de 2021, quando atingiu 21,7% da força de trabalho local.

Além da Bahia, outras 11 UF apresentaram expansão na margem da taxa trimestral de desocupação (independentemente da significância estatística da oscilação). Em contrapartida, 14 delas registraram variação para baixo e uma delas não exibiu qualquer oscilação. Com aumento de 0,2 ponto percentual, a Bahia exibiu a nona maior elevação absoluta do país. Assim, diante da alta mais recente da taxa de desocupação, a Bahia continuou a exibir a segunda estimativa mais elevada entre as UF, ficando atrás apenas de Pernambuco, com 10,2%. Na outra ponta, Mato Grosso apresentou a menor taxa, com 2,5%. Na Bahia, portanto, a situação de desocupação foi quase quatro vezes superior à observada em território mato-grossense. No Brasil e no Nordeste, as estimativas ficaram em 6,2% e 8,6%, respectivamente – percentuais, portanto, abaixo do registrado em território baiano (9,9%).

No intervalo em análise, relativamente ao trimestre adjacente anterior, o mercado de trabalho baiano experimentou ampliação tanto na ocupação (+2,8% ou mais 178 mil ocupados) quanto na desocupação (+5,7% ou mais 39 mil desocupados) – assim, a ocupação aumentou pela terceira vez em sequência, enquanto a desocupação aumentou após ter encolhido. Dessa forma, em relação ao intervalo antecedente, mesmo com a ampliação da ocupação, a alta do número de desocupados desembocou num ligeiro aumento da taxa de desocupação no estado. O movimento ascendente da taxa de desemprego nessa base comparativa, portanto, esteve atrelado ao aumento do número de indivíduos desocupados e à procura de trabalho – cenário favorecido por uma considerável entrada de pessoas no mercado de trabalho (ou seja, um contexto de maior pressão sobre a dinâmica ocupacional). No comparativo interanual, por sua vez, houve aumento de pessoas ocupadas (+6,4% ou mais 394 mil) e diminuição de pessoas à procura de trabalho (-18,9% ou menos 168 mil desocupados).

Assim, após mais uma expansão na margem, o contingente de ocupados no conjunto dos meses de outubro a dezembro de 2024 na Bahia, com 6,522 milhões de pessoas de 14 anos ou mais de idade, alcançou o maior patamar de toda a série histórica, substituindo o auge estimado até então de 6,451 milhões no derradeiro trimestre de 2014 – muito acima, portanto, do menor valor da sequência, de 4,869 milhões de indivíduos no segundo trimestre de 2020 (quando da eclosão da pandemia de covid-19). No comparativo entre quartos trimestres, obviamente, também o melhor da história em termos de pessoas trabalhando.

A população desocupada, composta por 720 mil indivíduos, mesmo diante do aumento na margem, ainda representou o sexto menor contingente da série histórica – embora já tenha alcançado 634 mil indivíduos no trimestre de encerramento do ano de 2013, melhor marca registrada até hoje. Destaca-se que o maior quantitativo de desocupados foi de 1,442 milhão de indivíduos no período inaugural do ano de 2021. Além do mais, para um quarto trimestre, trata-se do menor quantitativo de pessoas desocupadas e que estavam à procura de um trabalho desde o catalogado em 2014 (700 mil desocupados à época).

Por fim, após ter crescido por três intervalos em sequência, o número de pessoas fora da força de trabalho na Bahia diminuiu pela segunda vez consecutiva na margem (-3,8% ou menos 202 mil indivíduos do terceiro ao quarto trimestre), retrocedendo a 5,085 milhões – configurando-se, no entanto, ainda como o 14º maior registro da série. Mesmo com essa oscilação favorável, tal quantitativo encontra-se num patamar maior do que qualquer outro observado antes da pandemia, acumulando assim potencial para repercutir negativamente no índice de desocupação, caso o desempenho econômico futuro não seja suficiente para incorporar os indivíduos que, porventura, voltem a pressionar o mercado de trabalho em busca de ocupação. Em um ano, o movimento também foi de queda (-1,9% ou menos 98 mil indivíduos), voltando a cair após duas majorações seguidas em bases anuais.

Na Bahia, no trimestre mais recente, comparativamente ao imediatamente anterior, após duas quedas em sequência, o número de trabalhadores informais aumentou pela terceira vez consecutiva. O quantitativo de empregos formais também aumentou, mas isso após ter recuado. A ampliação do montante de informais (mais 63 mil pessoas), entretanto, foi de magnitude menor do que o aumento da ocupação na formalidade (mais 116 mil pessoas). Ou seja, do terceiro ao quarto trimestre de 2024, a elevação da ocupação no estado ocorreu principalmente pelo canal da formalidade – o que acarretou uma redução do grau de informalidade na margem. Assim, reforçado por esse contexto de incorporação de trabalhadores especialmente ao polo protetivo, o aumento geral da ocupação assumiu um caráter mais favorável ao estrato do mercado de trabalho que tende a ter empregos de maior qualidade e com mais garantias. Por fim, o período de outubro a dezembro de 2024 contabilizou 3,343 milhões de ocupados na informalidade e 3,180 milhões na formalidade. Por sinal, tanto o número de trabalhadores informais quanto o de formais no quarto trimestre no estado foram os mais elevados da série histórica. O grau de informalidade no mercado de trabalho baiano, dessa forma, ficou em 51,3% (ante 51,7% no terceiro trimestre do ano), o sexto maior do país. No Brasil como um todo, 38,6% das pessoas ocupadas encontravam-se na informalidade nesse mesmo período.

O rendimento médio real, habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas na Bahia, no quarto trimestre de 2024, foi estimado em R\$ 2.128 – o segundo menor valor

do ano e o segundo mais baixo entre as UF (diferentemente do trimestre antecedente, quando havia sido identificado como o menor do país). Além do mais, o rendimento médio do baiano mostrou-se equivalente a 64,2% e a 93,2% do rendimento médio brasileiro e nordestino, que foram, respectivamente, de R\$ 3.315 e de R\$ 2.284 no referido trimestre. Em relação ao mesmo intervalo de 2023, quando a renda média era de R\$ 2.050, houve alta de 3,8% (ou seja, R\$ 78 a mais), a nona expansão consecutiva após oito retrações seguidas nessa base de comparação. Num comparativo com o trimestre imediatamente anterior, quando o valor estava em R\$ 2.111, ocorreu uma variação positiva de 0,8% (equivalente a R\$ 17 a mais), alta após recuo.

A massa de rendimento real habitualmente recebida por mês pelas pessoas ocupadas foi estimada em R\$ 13,610 bilhões no estado, o maior montante desde o início da série histórica – significando uma elevação de 3,5% ante o total do terceiro trimestre do mesmo ano, de R\$ 13,147 bilhões, e uma alta de 10,6% no comparativo com o valor do mesmo período de 2023, que havia sido de R\$ 12,302 bilhões. Assim, a Bahia, no quarto trimestre do ano, concentrou, respectivamente, 4,0% e 25,7% de toda a massa de rendimento do país e da região nordestina. A ampliação da massa de rendimento real em relação ao trimestre imediatamente antecedente ocorreu após período de recuo, tendo ocorrido por conta do crescimento tanto do rendimento médio real quanto da população ocupada nessa base de comparação. No comparativo interanual, por sua vez, a ampliação significou a 12ª expansão consecutiva, depois de um período com sete quedas em sequência – essa alta também decorreu do aumento concomitante do rendimento médio real de todos os trabalhos e da ocupação nesse intervalo.

Assim, com o fechamento do ano, verificou-se que os indicadores anuais da PNAD Contínua referentes ao mercado de trabalho baiano evidenciaram uma série de avanços conjunturais em 2024, tais como: 1) a taxa média anual de desocupação diminuiu pela terceira vez consecutiva, ficando em 10,8%; 2) a taxa média anual de desocupação mostrou-se a menor de 2014 para cá, além de assumir o segundo menor registro da série; 3) a contração da taxa média anual de desocupação de um ano para o outro ocorreu por conta de movimentos favoráveis, a ampliação da ocupação combinada com a retração do número de desocupados; 4) o número de ocupados aumentou pela quarta vez seguida, alcançando 6,420 milhões e registrando o maior montante da série; 5) o ritmo de crescimento da população ocupada aumentou comparativamente ao do ano imediatamente antecedente; 6) o total de desocupados encolheu pelo terceiro ano em sequência, chegando a 779 mil pessoas e assinalando a menor marca desde 2014 (685 mil desempregados) e a segunda menor da sequência; 7) o recuo relativo do montante de desocupados foi maior do que o visto em 2023; 8) o número de trabalhadores formais (+311 mil) aumentou comparativamente ao do ano de 2023; 9)

o grau médio anual de informalidade diminuiu pelo segundo ano consecutivo e chegou ao segundo nível mais baixo da série, marcando 51,4%; 10) o desalento voltou a encolher após ter aumentado, registrando 540 mil desalentados; 11) a média anual do rendimento real habitual de todos os trabalhos aumentou pelo segundo ano em sequência, cresceu 11,8% de 2023 para 2024, chegando a R\$ 2.165 – o terceiro maior valor da história; e 12) a média anual da massa de rendimento real cresceu pela terceira vez consecutiva, aumentando 19,0% em um ano e alcançando R\$ 13,634 bilhões – o maior montante da série.

No entanto, ainda com base nos parâmetros anuais, a despeito de melhorias diversas e do entusiasmo crescente, parte desses indicadores apontou uma realidade difícil em 2024. Por isso, os avanços não significaram necessariamente a superação do cenário desafiador na Bahia. Por exemplo: 1) a taxa média anual de desocupação revelou-se a maior do país, no mesmo patamar que a de Pernambuco; 2) a estimativa anual da taxa de desemprego ainda se mostrou acima de seu menor valor histórico, ocorrido em 2014 (9,8%); 3) a taxa de desocupação em território baiano ainda se encontrava significativamente acima das taxas brasileira (6,6%) e nordestina (9,0%); 4) o quantitativo de indivíduos fora da força de trabalho (5,123 milhões) cresceu pela segunda vez em sequência, mantendo-se acima de qualquer patamar anterior ao ano de eclosão da pandemia; 5) o total de trabalhadores informais se expandiu (+34 mil) em um ano; 6) o contingente de informais (3,264 milhões) mostrou-se o maior da série; 7) a taxa média anual de informalidade em terras baianas revelou-se a sexta maior entre as 27 UF; 8) o contingente de desalentados em território baiano continuou sendo o maior do país; e 9) a média anual do rendimento real habitual mostrou-se a terceira mais baixa do país.